

ence Target LRT-024-V3

MARIE D. ARRABE  
MISSAO NA INDIA  
RELATORIOS / 2

**SECRETO**

Volume N.º XVI-XVII-  
XVIII-XIX-XX-XXI  
Exemplar N.º 16

FORÇAS ARMADAS DO ESTADO DA ÍNDIA

**A INVASÃO DOS TERRITÓRIOS  
DO  
ESTADO PORTUGUÊS DA ÍNDIA  
EM DEZEMBRO DE 1961**

Relatório do:

- Comdt. do Dest. da Eng<sup>a</sup> da Índia
  - " da Comp<sup>a</sup> de Caç. nº 6
  - " do Agrup. D. João de Castro
  - " " " A. de Albuquerque
  - " " " Centro
  - " " " Vasco da Gama
- c/respeptivos comentários

**SECRETO**



RELATÓRIO DO COMANDANTE-CHEFE.......Volume I

São anexos deste Relatório, os seguintes Relatórios:

I)- Relatório do Comandante Militar com: .....	Volume	II e III
a 1- Relatório do Chefe do Estado-Maior com:.....	Volume	IV
(1)- Relatório da 1ª Repartição.....	Volume	V
(2)- Relatório da 2ª Repartição.....	Volume	VI
(3)- Relatório da 3ª Repartição.....	Volume	VII
(4)- Relatório da 4ª Repartição.....	Volume	VIII
(5)- Relatório do Chefe do Serviço de Saúde.....	Volume	IX
(6)- Relatório do Chefe do Serviço de Material.....	Volume	X
(7)- Relatório do Chefe do Serviço de Intendência.....	Volume	XI
(8)- Relatório do Chefe do Serviço de Contabilidade e Pagado- ria que inclui o Relatório do Conselho Administrativo...Volume		XII
(9)- Relatório do Destacamento de Ligação e Reconhecimento das Transmissões.....Volume		XIII
(10)- Relatório do Serviço de Transmissões.....Volume		XIV
(11)- Relatório da Companhia de Comando e Serviços.....Volume		XV
2- Relatório do Comandante do DBI e Comentários.....	Volume	XVI
3- Relatório do Comandante da C.Caç.6 e Comentários.....	Volume	XVII
4- Relatório do Comandante do Agrupamento D. João de Castro e Comentários.....	Volume	XVIII
5- Relatório do Comandante do Agrupamento Afonso de Albuquerque e Comentários.....	Volume	XIX
6- Relatório do Comandante do Agrupamento Centro e Comentários...Volume		XX
7- Relatório do Comandante do Agrupamento Vasco da Gama e Comentários.....	Volume	XXI
8- Relatório do Comandante do Agrupamento Antonio da Silveira e Comentários.....	Volume	XXII
9- Relatório do Comandante do Agrupamento Constantino de Bragança e Comentários.....	Volume	XXIII
II)- Relatório do Comandante Naval com: .....	Volume	XXIV
1- Informação do Comandante Naval de GOA acerca de Relatórios dos seus subordinados.....	Volume	XXV
2- Relatório do Chefe do Estado-Maior Naval com: .....	Volume	XXVI
3- Relatório do Serviço de Abastecimento do Comando Naval de Goa..Volume		XXVII
4- Relatório do Chefe do Serviço de Comunicações do Comando Naval de GOA e Director da Estação Rádio Naval de Goa.....	Volume	XXVIII
5- Relatório acerca da acção desempenhada pela Lancha de Pis- calização "VEGA".....	Volume	XXIX
6- Relatório da Direcção Provincial dos Serviços da Marinha.....	Volume	XXX
7- Relatório do Delegado Marítimo de Mormugão.....	Volume	XXXI
8- Relatório do Chefe de Brigada Hidrográfica do Estado da Índia..Volume		XXXII
III)- Relatório do Comandante da PEI e Comentários com: .....	Volume	XXXIII
1- Relatório do 2º Comandante da PEI .....	Volume	XXXIV
2- Relatório do Comandante da 2ª Divisão da PEI.....	Volume	XXXV
IV)- Relatório do Comandante da Guarda Fiscal e Comentários com:.....	Volume	XXXVI



COMENTÁRIOS AOS RELATÓRIOS  
DOS AGRUPAMENTOS

A distância, a que os Comandantes dos Agrupamentos e das Unidades elaboraram os seus relatórios, dos factos que descrevem, com receio dos seus documentos poderem ser apreendidos pelo In.;

A tendência natural e humana de se justificarem, socorrendo-se somente da memória, sempre falível, e sem possibilidades de consulta dos documentos escritos que foram destruídos na sua quase totalidade;

O conhecimento posterior de alguns factos e o aparecimento de ideias nascidas da natural convivência de 5 meses de cativo (em que só em Pondá se vieram a concentrar três Comandantes de Agrupamento com as respectivas Unidades), onde 95% das conversas havidas recaíam sobre os acontecimentos ocorridos e em que nem sempre o estado de espírito era o mais adequado à sua apreciação;

Levaram, quer-se crer, em alguns casos, a que a descrição de alguns factos não seja a mais correcta nem a mais de acordo com a forma porque se processaram.

Por outro lado, a falta de conhecimento do pormenor do problema de conjunto e de algumas determinações superiores, aliada à convivência e ao repisar constante dos mesmos assuntos, alguns duma forma incorrecta, deve ter criado convicções generalizadas e alinhamentos de atitude e até de pensamentos que o tempo foi cristalizando e modelando e que ao serem transmitidos ao papel, algumas deturpações ocasionaram, em parte inconscientes, estamos certos, da maioria dos seus autores.

Nestes termos, se bem que quer os antecedentes, quer as operações se encontrem já descritas e comentadas nos relatórios do Comandante-Chefe, Comandante Militar, Chefe do EM e Chefes das Repartições e Serviços, acha-se conveniente comentar agora em separado, cada um dos relatórios subordinados, naquelas pontos que exigem esclarecimento, ou em que a reposição dos factos nos seus devidos lugares se imponha, e que não tenham ainda sido focados nos relatórios acima indicados.

S E C R E T O

Volume nº. XVI

FORÇAS ARMADAS DO ESTADO DA INDIA

A INVASÃO DOS TERRITÓRIOS

DO

ESTADO PORTUGUES DA INDIA

em Dezembro de 1961

Relatório de  
Comandante do Dest. Eng. da India,  
Major de Engenharia, Carlos Ma-  
ria da Silva Granato, e  
Comentários.

S E C R E T O



Operações realizadas em 18 e 19 do corrente

1ª. PARTE

Em cumprimento da ordem escrita recebida em 27 do corrente apresenta-se o seguinte relatório.

Foi exposto superiormente que para esta Unidade a apresentação já deste relatório era demasiado prematura porquanto a acção principal desta Unidade (execução do Plano de Barragem) em que teve empenhadas 9 Secções de Sapadores comandadas por 9 Sargentos e mais 3 Capitães, 3 Subalternos e 3 Sargentos adjuntos, apenas tem presentes: 3 Secções, 1 Capitão, 1 Subalterno e 1 Sargento Adjunto, o que se considera manifestamente pouco para se poder dar uma ideia da acção de conjunto desta Unidade durante as Operações. A reforçar ainda esta deficiência acrescenta-se que o Comando de Engenharia pediu sempre que fosse estabelecida uma rede de rádio que o mantivesse ligado com os Comandos dos Pelotões que estivessem a actuar junto dos Agrupamentos de Cobertura.

Nunca essa rede foi estabelecida por completa falta de material de transmissões. Deste modo o Comando de Engenharia nunca pôde estar em contacto com as suas tropas e só tem conhecimento da sua acção por relatórios "à posteriori" apresentados pelos Comandantes de Secção que atingiram a Península de Mormugão. Mas com estes inconvenientes apresentados e apesar deste Comando ter pedido para que o relatório só fosse exigido, quando houvesse oportunidade de ouvir as restantes secções por constituírem 2/3 das tropas de Sapadores que estiveram em acção na frente, por ficar desta forma este relatório incompleto, foi-me na mesma determinado que entregasse o relatório na data indicada. Assim com os inerentes inconvenientes se cumpre o determinado.

A Engenharia trabalhou exaustivamente antes e durante as hostilidades pelo que podemos dividir a sua acção em dois grupos:

- a) Trabalhos antes das hostilidades.
- b) Trabalhos durante as hostilidades.

a) - Trabalhos Antes das Hostilidades

- A - Companhia de Engenharia
- Durante o mês de Novembro intensificaram-se os trabalhos de conclusão do Plano de Barragens.



- Preparação das dotações em material de cada uma das Secções de Sapadores e transferência de algum deste material para junto das Unidades onde elas iam actuar.
- Intensificação dos reconhecimentos feitos por Officiais e Sargentos dos itinerários do Plano de Barragens.
- Beneficiação de 5.000 Minas AP de Seltar e 6.000 Minas AP de fragmentação respectivamente por desidratação do rasteiro pólvora e por alargamento do orifício de introdução do detonador.
- Encontrava-se o material de Engenharia distribuído pelos seguintes depósitos e da seguinte forma:
  - Em Dabolim - Todas as Minas AG e AP
  - Em Pondá - Toda a rede arame farpado, estacas e ferramental de Sapadores
  - Em Açaçaim - Todos os sacos de terra e algum ferramental de Sapadores
  - Em Stã. Inês - Todo o Explosivo.

Este arrumo do material de Engenharia era tremendamente inconveniente pois uma vez que fosse necessária a sua utilização, a tonelagem de material a deslocar era incompatível com a urgência. Como se previa a sua utilização mais intensamente na Península de Mormuão e Ilha de Goa, começou-se em princípios de Dezembro a fazer a sua deslocação constituindo dois depósitos principais mistos de 2/3 do material em Dabolim e 1/3 na Ilha de Goa. Este movimento atingiu o seu auge quando em 10 de Dezembro por ordem de Sua Exã. o Governador se apresentaram no DEI 10 viaturas de 6 Ton. da J.C.E.. Estas viaturas trabalharam durante 5 dias fazendo duas viagens por dia.

O movimento de material efectuado durante os princípios de Dezembro foi de 720.000 Kgs. num total de 120 viagens de camionetas. Apesar disto muito material ficou por transferir. Isto com a ideia de se as Unidades de um momento para o outro recebessem ordem de se instalarem imediatamente no terreno, terem ao seu dispor material de Sapadores ao seu alcance que o permitisse fazer.

- Recebeu-se ordem em 6 para embarcarem respectivamente para Damão e Dia uma equipa com material de destruição a fim de ali ministrar instrução de destruições depois de tomar conhecimento das principais organizações a destruir. Rápidamente e na sobreposição com os outros trabalhos que se estavam a fazer arranjaram-se duas equipas constituídas por um Sargento e dois cabos, desfalcando o efectivo das Secções de Sapadores



que já por si eram insuficientes para a execução do Plano de Barragens. Preparou-se também o material de destruições e Minas desfalcando as dotações atribuídas à Península de Mormugão e Ilha de Goa que por si já eram insuficientes, arranjando assim duas colunas uma para Damão e outra para Diu. As equipas partiram, com um mínimo de material, de avião no dia 8; o restante material embarcou no navio Lúrio no dia 13. O Comando foi insistentemente informado da falta que estes homens faziam nas Secções de Sapadores. Apenas a equipa de Damão regressou ao DEI no dia 14, não havendo notícia sobre a equipa de Diu. A equipa de Damão ministrou instrução às Companhias C.C.11 e C.C.12, B.Art. e Polícia. Em 9 ministrou instrução de explosivos, em 10 de Minas AP, disparadores de tracção e pressão, em 11 de Minas AC e lançamento de campos de Minas, em 12 de perfuradora manual pesada MKI e colocação de cargas nas pontes previstas a destruir e corte de estrada, o horário de instrução era das 0800 às 1230 e das 1400 às 1830.

- Em 8 de Dezembro recebeu-se ordem para instalar, o dispositivo de destruição da ponte de Ordofondo, o que se fez.

- Em 9 de Dezembro recebeu-se ordem por escrito para a execução das duas cortaduras de 100 m. propostas por este Comando, na estrada de Tiném-Molém. Este trabalho foi executado por uma Secção de Sapadores reforçada com 6 soldados de Sapadores e 20 homens da Companhia de Transm. para transporte de material, sob o comando do Sr. Alferes Pereira que ficou a partir desta data em Molém e orientado superiormente pelo Sr. Cap. Coadado, Comandante da Companhia de Engenharia. Foram feitas as duas cortaduras tendo sido colocadas na primeira minas AC e AP assegurando a impossibilidade da passagem de viaturas por aquela linha de penetração por várias horas.

Este trabalho foi muito árduo e desgastante dado que a natureza do terreno era de rocha e não havia à disposição compressores pneumáticos para o efeito. Só a boa vontade, o espírito de compreensão do dever e o entusiasmo técnico conseguiu que se executasse esta série de obstáculos em tão curto espaço de tempo. O trabalho foi quase contínuo sob a vigilância da cavalaria pois estavam a 500 m. da fronteira.

- Em 11 de Dezembro recebi autorização conforme proposta para receber 22 camionetas a fim de carregar 2.500 Kgs. de explosivos em cada uma para servirem de emergência nas pontes principais caso o dispositivo não pudesse ser montado. Este explosivo foi carregado nos paços controlados pela Polícia em Bicholim, Sanquelim e Molém.



- Em 12 de Dezembro como a situação se agravasse tomei a iniciativa de mandar apresentar o Sr. Alferes Barreto no Esquadrão de Mepuçá com mais duas secções que naquela zona iam actuar depois de na noite anterior terem preparado o escurvamento de todos os caixotes das camionetas de explosivos que já lhe tinham sido entregues.

O mesmo succedeu ao Sr. Alferes Alves que marchou com as suas Secções para Sanguém e Navelim.

- Em 13 e 14 de Dezembro prepararam-se intensamente as cargas e os obstáculos do Plano de Barragens.

- Em 15 de Dezembro recebeu-se ordem para se instalarem os dispositivos nas pontes de Borim e Banastarim o que se fez imediatamente ficando as Secções à guarda dos dispositivos.

- Do dia 9 ao dia 17 inclusivé foi destacado para a Península de Mormugão o 29. Comandante do DEI Sr. Cap. Albuquerque Ferreira a fim de orientar, dirigir e executar os trabalhos de organização do terreno daquela posição contando apenas como auxiliares, 2 Secções de construção existentes em Dabolim e 1 Secção de Sapadores que estava a trabalhar nas Obras da estrada do Porto de Mormugão. Para isso houve que destacar imediatamente 20 Praças e 2 Sargentos da Companhia de Transmissões para a guarda do quartel da Diligência de Dabolim a fim de libertar todos os homens de Eng.º.

Passamos a enumerar os trabalhos pedidos na Península de Mormugão:

- 1- Organização defensiva da linha Cortalim, Consua  $\Delta$  97 e Consua  $\Delta$  107, Remédios e Velsão conforme os pedidos a fazer pelos Comandos das Unidades que iriam ocupar essas posições.
- 2- Organização duma posição defensiva na estrada de Quelossim conforme os pedidos a fazer pelo Comando da Unidade que viria a ocupar essa Posição.
- 3- Implantação de Campos de Minas com o respectivo gráfico em Nagoá nos locais a indicar pelo Sr. Cap. Pereira Comandante da Unidade que iria defender a estrada de Cortalim-Margão e na praia da Baía cobrindo toda a sua extensão.
- 4- Execução de estudos com colheita de elementos necessários à previsão das destruições das Instalações das firmas, Burmah Shell e Standar Vacuum, da firma Chougulé e Instalações Portuárias.

Alguns destes trabalhos depois de iniciados foram abandonados por falta de efectivos para guarnecer as posições. Todos estes trabalhos foram considerados como mínimos a executar pe-



lo pessoal à nossa disposição e não de acordo com as necessidades mínimas pois muitos outros trabalhos indispensáveis nem sequer se enunciaram.

O número de horas-secção necessárias para os trabalhos enunciados eram de:

Praia da Baiana (fort.)	-	40	horas-secção
Planalto de Mornugão	-	80	" "
Praia de Vasco da Gama	-	40	" "
Alto de Cortalim	-	80	" "
Consua 97	-	80	" "
Consua 107	-	80	" "
Velsão	-	80	" "
Praia da Baiana (Minas)	-	60	" "
Nagoá	-	34	" "
Total .....		654	" "

Isto fora a Mão de Obra a fornecer a estas secções.

Ora dispunha o Comendo de Engenharia como atrás se disse de 3 Secções de Eng. e 1 Capitão que trabalhando exaustivamente durante 8 dias a 16 horas por dia perfizeram um total de  $3 \times 8 \times 16 = 384$  horas/Secção muito à quem das necessidades mínimas impostas apenas com o conhecimento de que só tinhamos 3 secções de Eng. e não pelas necessidades mínimas de fortificação. Isto mostra e patenteia bem a necessidade e a ânsia de ter rapidamente feito qualquer coisa de fortificação. Mas case qualquer coisa de fortificação exige sempre implacavelmente um volume enorme de trabalho.

Assim a Eng. viu e sentiu o muito que se lhe pedia, o muito que ficava por pedir e o pouco que poderia apresentar em relação às necessidades trabalhando como trabalhou exaustivamente.

---ooo0ooo---

#### B - Companhia de Transmissões

- Deu total colaboração com os seus elementos livres à Companhia de Eng. no carregamento e acompanhamento das viaturas que andavam a trabalhar na transferência do material de Eng. com intensidade em princípio de Dezembro.
- Montou uma guarda no Quartel da Diligência de Dabolim num total de 20 homens e 2 Sargentos para libertação dos homens de Eng.
- Transferiu material de Transmissões do depósito de Pondá para Dabolim.



- Procedeu à montagem de postos SCR-193 em viaturas TSF..
- Procedeu a estudos e experiências de comunicação com o Aviso Afonso de Albuquerque para o caso de Bambolim ser bombardeada a fim de continuar a haver possibilidades de comunicação com a Metrópole.
- Procedeu à montagem de postos ECI das Unidades em viaturas de 1/4 Ton.
- Guarneceu postos SCR-193 montados em viaturas autoTSF assim distribuídas:

2 viaturas ao Q.G. (Altinho)

1 " à B.A.2

1 " à C.C.6

1 " ao Agrupamento Afonso de Albuquerque

No dia 17 à noite seguiu uma destas viaturas que se encontrava no Q.G. (Altinho) para Bicholim para haver comunicação directa entre o Comando e o E.Rec.2 o que foi conseguido

- Guarneceu os postos de rádio fixos de:

- Alparqueiros

- Navelim

- Altinho

- Velha Goa

- Angediva

- Montou as linhas telefónicas:

- Dabolim - Posições da C.M.A.

- Dabolim - " " C.C.6

- Dabolim - 3 postos telefónicos na estrada Vasco da Gama-Cortalim

- Preparação da montagem da linha Pangim-Agaçaim que estava determinada para a manhã do dia em que rebentaram as hostilidades.

-----

Em 15 recebi ordem para me deslocar para Dabolim o que se fez na noite de 15 para 16 tendo eu feito saber nessa manhã numa reunião do Q. General que necessitava de 37 viaturas para essa deslocação.

A deslocação fez-se com as 10 viaturas da J.A.E. que andavam em serviço de transporte de material de engenharia e mais 18 viaturas que o DEI em esforço máximo pôs a funcionar em 3 combóios de aproximadamente 10 viaturas.

A deslocação fez-se normalmente tendo havido apenas um incidente na ponte de Borim mas sem consequências. Por imprevidência do condutor uma das camionetas carregada de explosi-



vos descarregou por intermédio da báscula a carga na estrada o que ocasionou o chefe da viatura ter feito um tiro para o ar a fim de avisar a frente da coluna, tiro este que deu um certo alarme mas sem consequência.

Em 16 e 17 em Dabolim procedeu-se à instalação das tropas e receberam-se missões concretas por escrito do Exmº. Sub-Chefe do Estado Maior preparando-se nesses dois dias o material para esses trabalhos.

As missões recebidas foram as seguintes:

Para o Comando de Engenharia

- 1- Deixar em Dabolim um grupo de 30 homens devidamente comandados para efectuar a defesa do Aquartelamento e acudir à defesa contra paraquedistas em colaboração com as outras unidades de Alparqueiros.
- 2- Mandar montar os dispositivos de destruição dos pontões além e aquém da C.C.6
- 3- Fornecer uma equipa para um PIAT fornecida pela C.M.M. e a instalar na ilha de S. Jacinto.
- 4- Montar uma linha de vigilância com os elementos sobran-tes ao longo das praias da estrada de Cortalim de acôr-do com o restante pessoal da Compã. de Ta.
- 5- Receber os homens que fossem chegando das Secções de En-genharia a fim de os empregar no que fosse julgado neces-sário.

Disse-me nessa altura o Sr. Sub-Chefe do Estado Maior que eu devia ir para o Q.G. ao que lhe respondi que não sen-do possível eu estar ligado com os meus pelotões de Sapadores nada ali fazia e portanto preferia ficar com os meus homens sobran-tes. Se fosse imprescindível a minha presença pedia uma ordem por escrito ao que o Sr. SubChefe anuiu em eu ficar.

Para o Comando das Transm.

- 1- A Compã. de Transm. deixa na Península de Mormugão, no Agrup. Vasco da Gama, o pessoal necessário para o servi-ço Técnico e Manutenção das Transm.
- 2- O Comandante das Tm. e o pessoal que sobrar das missões Técnicas irá para junto do P.C.
- 3- Vigia, ligando-se com a C.C.6, a região da orla maríti-ma compreendida entre o limite à rectaguarda do Agr. Vas-co da Gama e o da C.C.6, em coordenação com as equipas de destruição do DEI.

Em virtude desta ordem o Sr. Cap. Lima, Comandante das Transm. deslocou-se para o Q. General em Gos no dia 17.



b) - Trabalhos Durante as Hostilidades

A - Companhia de Engenharia

Durante toda a madrugada de 18 estivemos acordados com forte bombardeamento longo e um barulho intenso de fundo que não sabíamos explicar. Telefonei para o Agr. Vasco da Gama para me certificar se havia alguma coisa mas de lá disseram-me que não havia nada e que os rebentamentos deviam ser dos desmontes das minas. Por volta das 06h30 novamente em contacto com o Comandante do Agr. Vasco da Gama este pos-me ao corrente de que tinha entrado em execução o Plano de Operações Sentinela, admente para a zona Norte.

As 07h00 aproximadamente assistimos ao primeiro bombardeamento do campo de aviação e da Estação Emissora de Bambolim

O bombardeamento deu-se próximo do nosso Aquartelamento tanto que uma das bombas ficou a uma dezena de metros da vedação a qual não rebentou por acaso porque a ter rebentado talvez tivesse graves consequências pois tínhamos 6 camionetas carregadas com explosivos que nessa extremidade do Aquartelamento estavam estacionadas. O pessoal procurou espalhar-se e abrigar-se para se proteger contra a possível queda de mais bombas. Permaneci junto do posto de rádio e procurei entrar novamente em contacto telefónico com o Comandante do Agr. Vasco da Gama o qual me certificou que tinha entrado todo o Plano de Operações Sentinela em acção.

Não tinha nenhum capitão comigo pois o Sr. cap. Albuquerque Ferreira estava nos trabalhos da Península de Jormugão, o Sr. cap. Condado tinha ficado no Agr. do Centro, o Sr. cap. Boléo Tomé no Agr. do Sul, o Sr. Cap. Figueiro no Agr. do Norte e o Sr. cap. Lima tinha ido na véspera para o Quartel General.

Reuni todo o pessoal à minha volta.

Mandei sair imediatamente comandado pelo 2º sargento Raimalho a equipa dos pontões da C.C.6, depois nomeei os oficiais e 30 homens para a guarda do Quartel e acção contra paraquedistas; a equipa da PIAT entreguei-a eu próprio na véspera à C.M.M.; finalmente segui com os restantes homens para a estrada de Cortalim. Levei o Sr. alf. Botelho da Comp. de Tm. com os seus homens a fim de o instalar na sua missão de vigilância na orla marítima consoante a 3ª. alínea da ordem dada ao Comandante das Tm. pelo facto de este estar junto do Q. General.

A seguir estive junto das equipas de montagem dos dispositivos de destruição dos pontões além e aquém das posições da C.C.6. De vez em quando seguia pela estrada de Cortalim a Vasco da Gama vigiando e certificando-me das posições. Uma das



vezes que estive no Comando do Agr. recebi a indicação desta para avisar o Comandante da C.C.6 de que devia estar preparado para prever a sua intervenção na Ilha de Goa. Transmiti esta indicação ao Comandante da C.C.6 que me disse estranhar a indicação pois dependia directamente do Comando. Almocei na C.C.6 e percorri a posição tomando nota da sua completa instalação para o caso de ela ter que sair e ali vir a instalar-se outra Unidade. Fiquei com um croquis de toda a posição passado pelo alf. adjunto da Compã..

Depois surgindo a dúvida de quando se reventariam os pontões e se já poderíamos destruir os correspondentes à estrada desvio e que ia dar à rectaguarda da posição da CC6 desloquei-me com o Comandante da CC6 a Cortalim aos armazens da J.A.E. onde estava Sua Exã. o Comandante Chefe e qual expostas as dificuldades pelo Comandante da CC6 resolveu ir a Agaçaim com ele voltando eu novamente para a posição da CC6. Ali estive toda a tarde vigiando a estrada de Cortalim de vez em quando. Na posição da CC6 veio ter comigo o Sr. cap. Condado que me descreveu terem-se cumprido as missões da Engã. do Agrupamento Centro e que finalmente recebera ordem do Sr. major Moraes para regressar à Península de Mormugão e apresentar-se à minha ordem. Esteve depois sempre comigo até à altura da rendição.

Quando começaram a chegar algumas das Secções de Sapadores, arranjei um grupo de 20 homens com dois sargentos e ofereci-os ao Comandante da CC6 como reserva ou reforço de atradores ao que ele me respondeu que preferia não ter tanta gente pois a que precisava já a tinha e estava nas suas posições. Depois dirigi-me para a estrada de Cortalim e dei a última vista de olhos pelos pontões preparados. Fui depois ao Comando do Agr. Vasco da Gama e finalmente novamente para ao pé dos meus homens. Tinham chegado até às 18h00 três secções de Sapadores e coloquei-as em missão de vigilância ao longo da estrada de Cortalim e no desvio para Dabolim.

Pelas 20h00 recebi uma comunicação por escrito do Comandante do Agr. Vasco da Gama para por ordem superior mandar levantar os dispositivos de destruição dos pontões aquém da CC6. Dirigi-me imediatamente sozinho e com o 19. cabo e a restante equipa estivemos a levantar esses dispositivos e a carregar uma camioneta que para esse efeito se pôs junto dos pontões.

Acabado o trabalho apresentei-me no Comando cerca das 23h onde dei conta ao Comandante do Ag. V. da Gama e ao Sr. Sub Chefe do Estado Maior de que os referidos pontões já não tinham



as cargas de destruição. Perguntei se havia mais algumas instruções especiais ao que me responderam que não. Tornei a informar que não havendo mais nada de especial me retiraria para ao pé dos meus homens.

Passsei a noite na posição de vigilância sem que nada de extraordinário notasse além de que os combates continuavam pelos rebentamentos que ouvia. Na manhã de 19 pelas 07h30 vieram dizer-me que Sua Exã. estava na posição. Aproximei-me e vi, assim como o Cap. Condado que comigo seguia, Sua Exã. o Comandante Chefe acompanhado do Sr. Sub Chefe do Estado Maior.

Na saída da posição encontrei o Sr. Chefe do E. Maior o qual me perguntou onde estava Sua Exã. o Comandante Chefe. Mostrei-lhe onde estava e segui o meu caminho.

Toda esse manhã percorri as posições de Cortalim e várias vezes estive junto do Comando, principalmente depois que se começou a notar a ausência de fogo e de aviões. Pelas 13h00 tive conhecimento da rendição do Comando.

Quanto ao cap. Albuquerque Ferreira, 2º Comandante do DEI e apresentado com 3 Secções no Agr. Vasco da Gama recebeu em 18 ordem do Comandante para reunir os homens e dirigir-se às instalações dos escritórios dos Estaleiros Navais de Vasco da Gama a fim de tratar da instalação e defesa do novo PC daquele Agrupamento ficando como reserva do Comando. Em 19 recebeu ordem directa e pessoal de Sua Exã. o General Comandante Chefe para ocupar em posições de vigilância a colina adjacente à estrada que de Chicalim leva à Diligência do DEI em Dabolim. Às 13h00 desse mesmo dia recebeu na posição que ocupava, ordem pessoal do Sub Chefe do E. Maior para a abandonar e retirar para Alperqueros visto terem cessado as hostilidades.

Das Secções em actuação no cumprimento do Plano de Barragens junto dos Agrupamentos de Cobertura apenas regressaram até agora a 1ª. e a 3ª. Secções, bem como o sargento adjunto do Pelotão do Agrupamento do Centro e a 3ª. Secção, o capitão e o alferes, do Agrupam. Afonso de Albuquerque. Verificou-se dum maneira geral que os obstáculos do Plano de Barragens foram executados quase na íntegra mas nenhum deles foi batido pelo fogo e poucos foram activados por minas A.C. e A.P. não só porque a retirada das forças de cobertura parece ter sido feita mais rápida do que se tinha previsto, mas também porque o In. avisado das destruições pela Força Aérea, rapidamente mudava de direcção torcendo-as e evitando o contacto directo.



Daqui resultou que os obstáculos efectuados tiveram um efeito de destruição grande, mas a sua acção de retardamento foi pequena pois é bem sabido de todos que obstáculo não batido pelo fogo pouco valor tem. Muitos dos obstáculos que não se executaram foi por já não haver cobertura da Cavalaria à frente. Em pormenor os trabalhos efectuados por estas secções presentes foram:

Pelotão do Agrupamento Centro

18. Secção - Furriel Izedá da Cruz

- a) Preparou e instruiu elementos do E.Rec.2 para a destruição da Ponte de Bicholim, deixando-lhe 20 minas AC
- b) Preparou a destruição da ponte nova de Sanquelim ficando o soldado 91/60 para proceder à explosão à ordem do E.R.2
- c) Idem para a ponte velha de Sanquelim ficando os soldados nos.46/60 e 69/60 para executarem à ordem do E.Rec.2
- d) Preparou a destruição do pontão de Onda mas que não chegou a executar devido ao intenso trânsito e não ter recebido ordem para tal.
- e) Idem para o pontão de Valgaém
- f) Preparou o corte do pontão de Mardol
- g) Preparou o corte do pontão de Mangueixa

19. Secção - Furriel Mendonça e Alferes Pereira (falecido)

- a) Preparou e executou corte em T na bifurcação de estrada em Drabendorá. Neste obstáculo, executado sob o ruído da aproximação dos carros de combate inimigos, faleceu o Sr. Alf. Pereira de Angl. atingido por um bloco de pedra.
- b) Preparou e destruiu a ponte de Dauçanda
- c) Não destruiu a ponte de Sanvordém por ordem do Sr.Cap. Matias do E.Rec.3, recebendo ordem para seguir para a Península de Morcução por os seus serviços serem dispensados.

Adjunto do Pelotão - Furriel Coito

- a) Preparou e destruiu a ponte de Usgão, reforçando o dispositivo de destruição com uma camioneta de 2.500 Kgs.de explosivo. A destruição foi total.
- b) Recebeu depois ordem em Candepar do Sr.Cap. Condado para seguir para a Península de Morcução.

Pelotão do Agrupamento Afonso de Albuquerque (3ul)

38. Secção - Furriel Cardador e Furriel Alcobia

- a) Preparou e executou a destruição da ponte de Borim
- b) Preparou um campo de minas em Camorlim
- c) Preparou um campo de minas em Quellossim



- d) Preparou e lançou um campo de minas em Rivona sem cobertura da Cavalaria.
- e) Preparou e destruiu com 2 camionetas de explosivos de 2.500 kgs. cada, a ponte de Quepém de cuja explosão resultou não só a sua destruição como também da parte da povoação.

Esta Secção estacionada em Navelim, saiu na manhã do dia 18 por ordem do Comandante do Agrupam. para Quepém aguardando a ordem para entrar em vigor o Plano Sentinela por intermédio de telefone ou posto de rádio da Polícia de Quepém. Por nenhum destes meios foi dada qualquer indicação tendo o Comandante do Pelotão Sr. Alf. Alves que estava em Quepém dado ordem à Secção para começar a executar o Plano de Barragens quando teve conhecimento por intermédio do Sr. Alf. Leal, do Pelotão de Mólém do L.Rec.3 que nessa altura passava pela ponte de Quepém de que o inimigo estava já em Sanverdém.

#### B - Companhia de Transmissões

- Guarneceu os postos de rádio de:
  - Alperqueiros (fixo)
  - B.A.2 (viaturas T.S.F.)
  - Velha Goa (fixo)
  - C Cac.6 (viaturas T.S.F.)
  - Q. General (viaturas T.S.F.)
  - Altinho (fixo)
  - Navelim (viatura de T.S.F. e fixo)
  - Pondé (fixo)
  - Angeativa (fixo)
  - Dabolim (rede do Agrupamento Vasco da Gama e rede do Comando)
- Colaborou com a Compã. Engã. na organização e ocupação da posição de vigilância na região da estrada de Dabolim e Cortalim.

Do relatório do Chefe dos Serv. de Tm. concluiu-se que todas as deficiências, todas as propostas para aquisição de novo material tinha plena actualidade e constituem necessidades presentes a satisfazer pela Metrópole sem as quais corria-se o gravíssimo risco de quando as tropas iniciassem os seus movimentos no cumprimento do Plano de Operações, elas deixassem de ter ligações com o Comando e vice-versa. Isto para falar apenas nas redes mínimas previstas pois havia muitas outras de toda a vantagem que se montassem mas que nem sequer se pôde pensar nelas por falta de material. Deu-se o inevitável e o há



muito previsto por estes Serviços, apesar do denodado esforço do pessoal de Cm., o Comando e as Unidades estiveram em grande parte privadas de ligação mútua o que muito prejudicou o andamento das operações. Impediu pelo menos em grande parte dos casos dos Comandos exercerem a sua benéfica acção, limitando-se a receberem notícias por estafeta de factos consumados ou a comunicarem as suas ordens também por estafetas com os inerentes inconvenientes.

Respondendo concretamente às alíneas da determinação do dia 27 de Dezembro que deu origem a este relatório, informamos:

- 1- Por grande intensidade de ruídos ouvidos em Darbandorá tomamos a impressão de que o inimigo entrou nessa direcção com carros de combate. Várias cortaduras foram transpostas facilmente com elementos de pontes de campanha de engenharia. Em Borim o rio foi transposto com anfíbios e barcaças de minério.
- 2- Descritos nos parágrafos correspondentes a Trabalhos Antes das Hostilidades e Trabalhos Durante as Hostilidades além do Plano de Barragens
- 3- As Secções Sapadores ocuparam posições a partir do dia 13 e deram início ao Plano de Barragens no dia 18. O DMI (-) e elementos sobranceiros da Comp. Tm. tomaram posições respectivamente no Quartel de Dabolim e estrada de Cortalim às 07H00 e 08H00, respectivamente. As Secções apresentadas no Agrupamento Vasco da Gama receberam ordem para ocuparem em posição de vigilância a colina adjacente à estrada que de Chicalim leva à Diligência de Dabolim em 19 às 08H00
- 4- Os elementos de Engã. e Tm. tiveram dificuldades no seu reabastecimento de víveres pelo facto de estarem muito dispersos. Tiveram que recorrer às rações de reserva.
- 5- Descritos nos parágrafos Trabalhos Antes das Hostilidades e Trabalhos Durante as Hostilidades.
- 6- O moral da Unidade foi sempre bom assim como o seu comportamento durante a acção, e só assim se explica que a maioria das missões que foram executadas por fracções correspondentes à Secção comandadas por um sargento, sem ligações com o seu Comando, tiveram execução quase integral. Os obstáculos que não foram executados não tiveram cobertura das tropas de Cavalaria ou foram abandonados por ordens superiores dos Agrupamentos. Isto só foi possível, com a aturada preparação sobre as missões que cada sub-Unidade tinha que executar e



com a perfeita noção do cumprimento do seu dever de que todos os elementos de Engr. e Transm. estavam imbuídos.

7- Este Comando tem a honra de propor superiormente para louvar os seguintes elementos desta Unidade:

- Capitão Albuquerque, Condado e Lima, pela sua competência técnica, dedicação, lealdade e espírito de sacrifício, tendo os dois últimos, por já pertencerem a esta Unidade, em muito contribuído nos meses que antecederam as operações para a boa preparação dos homens, melhoramento do material e conseqüente levantamento do nível da Unidade, assim como todo o estudo do Plano de Barragens e Plano de Transmissões e os três trabalhado incansavelmente durante os dias que precederam e durante as operações contribuindo em muito para o bom cumprimento das missões parciais dos elementos de engenharia, pelo que este Comando os considera como elementos preciosos e de grande Valor Militar.
- Alferes Milicianos de Engr. Barrato, Pereira e Alves, pelo seu entusiasmo, espírito de corpo, noção do cumprimento dos seus deveres, competência e espírito de sacrifício em muito contribuindo não só para o levantamento do moral dos seus homens, como para que todos interessados ocupassem as suas posições mais cedo no intuito de melhor cumprirem as suas missões, considerando-os este Comando como elementos valiosos naquela emergência.

Tenciona louvar em Ordem desta Unidade os seguintes elementos:

- Alferes do Q.S.C.E., Botelho, Geitoeira Vasco, Neves, Carreira; e do Q.S.M., Barbosa, pela sua lealdade, competência no serviço e dedicação, constituindo preciosos colaboradores do Comando em muito contribuindo para facilitar a acção deste.
- Alferes Graduado Capelão, Manuel S. Capitão porque antes e durante as hostilidades sempre esteve presente ministrando palavras de animação e coragem e dando àqueles que professavam a religião católica o apoio da sua absolvição, contribuindo em muito para o cumprimento das suas missões.
- 1.ªs. Sargentos, Coelho da Silva, Dias e Garcia, pela maneira dedicada, eficiente e esforçada com que sempre actuaram, revelando alta consciência profissional colaborando decisivamente na acção do Comando.



- 29. Sargento, Luis Pereira da Costa e Furriel Correia de Figueiredo, pela maneira como se souberam comportar durante as hostilidades, revelando competência técnica, espírito de sacrifício e dedicação ao serviço, constituindo um exemplo para os seus camaradas.
- 29. Sargentos Sotelo Crijó, Rogério Rodrigues, Silva Dias e Furriel Nunes Ramos, pelo espírito de disciplina cumpridor e dedicação ao serviço.
- 29a. Sargentos de Engã., J. Santos e Ramalho pela sua competência técnica, dedicação, espírito de sacrifício, presença de espírito, grande prestígio entre os subordinados, militares disciplinados e disciplinadores, tendo sido a sua preciosa colaboração antes e durante as operações muito apreciada por este Comando, qualificando-os dos melhores Sargentos de Engã. do Exército.
- Sargentos e Furrieis de Engã., Ceito, Mendonça, Cardador e Izeda Cruz, pelo seu esforço, dedicação, espírito de sacrifício em procurarem cumprir a sua missão dada pelo Plano de Barragens acompanhando sempre os seus homens nas situações mais difíceis, resolvendo com eles as dificuldades que se lhes depararam, procedimento tanto mais de louvar quanto é certo que nesta emergência esforçaram-se por cumprir instruções detalhadas recebidas, mas sempre desprovidas de qualquer apoio do Comando de Engenharia por falta de ligações.
- Os 19s. cabos de Engã., 6/60, 29/60, 41/60, 51/60 e 371/60, 19s. cabos de Tm. 348/58 e 59/61, pelos seus conhecimentos, equilíbrio de procedimento, ascendência sobre as praças, e presença de espírito o que lhes permitiu serem considerados como poderosos auxiliares nas Secções onde actuaram em muito contribuindo para o bom êxito destas.

Nota: Com o 19. cabo 41/60, Barata Alves, sucedeu um episódio digno de atenção, pois atesta o espírito de consciência com que os homens de engã. estavam a trabalhar: Em 18 à tarde este cabo que estava a comandar a equipa de destruição dos pontões aquém da C. Caç. 6, recebeu ordem directa do Comandante desta Companhia para levantar os dispositivos de rebentamento desses pontões porque já não se rebentavam. Ouvida a ordem o cabo respondeu: "Meu Capitão como os pontões só se rebentavam à ordem de V. Exã., eu já não os rebentarei, mas levantar os dispositivos só o faço à ordem do meu comandante de Engã., pois foi à ordem dele



que os montei". Efectivamente depois de me ter sido comunicada essa ordem, dirigi-me aos pontões e o 19.cabo 41/60 lá estava à minha espera tendo-me contado o sucedido. Os dispositivos foram levantados e a equipa recolheu às posições da Engã. pelas 22H30 de 18.

- Os restantes sargentos e praças, porque antes e durante as operações muito contribuíram com a sua sempre pronta ajuda, espírito de sacrifício, passando muitas vezes sem refeição nem descanso, espírito de corpo entrecajudando-se mutuamente, para que a Unidade funcionasse como um Todo com pleno rendimento, permitindo que se efectuasse um volume de trabalho superior ao previsível na melhor das hipóteses com os escassos meios à disposição o que permitiu a este Comando orgulhar-se de ter tido a honra de comandar esta Unidade que com justiça de elite era considerada.

-----0000000-----

Todas estas propostas e louvores desejava este Comando apresentá-los depois de concluir o contacto com os restantes elementos das suas tropas para que as redacções fossem equilibradas umas às outras, consoante os serviços prestados.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 1- Apresentou este Comando um relatório dos trabalhos e actualização de parte do pessoal. Aguarda o contacto com as restantes Secções para poder completar a sua informação da Unidade.
- 2- Até à presente data tem como baixas:

- O Sr. Alferes Milr. de Engã. Pereira (morto)
- 19.Cabo Engã. 39/60 ( " )
- 19.Cabo de Engã.42/60 ( " )
- 19.Cabo de Engã.40/60 (ferido com mutilação)

Julga que mais baixas teve, mas só poderá ter a certeza quando contactar com o restante pessoal.

Segundo indicação do Sargento Comandante de Secção, o soldado nº. 112/60 durante as operações, quando ouviu o bombardeamento, aproveitando a confusão inicial vestiu-se à civil e embarcou num barco de minério.



- 3 - Para a maior parte das unidades o seu esforço começou quando no dia 15 receberam ordem para ocuparem as posições, para a Engenharia começou logo em princípio de Dezembro pelo que era vulgar nesse período ouvir em muitas Unidades o dito: "Lá está a Engenharia em Guerra, é a única Unidade que anda em Guerra..."
- 4- Este Comando pode orgulhar-se do comportamento da sua Unidade antes e durante as operações notando que o número de trabalhos efectuados atestam bem o seu esforço no cumprimento da sua missão colocando-a à frente das que mais danos provocaram ao inimigo, honrando assim o Estandarte a que por serviços Relevantes tem direito e o lema da Engenharia: "UBI-QUE".

Alparqueiros, 30 de Dezembro de 1961

O Comandante do D.E.I.

*Carlos Maria Granate*

Carlos Maria Granate  
Major de Eng<sup>a</sup>.



Em seguimento ao relatório apresentado em 30 de Dez. de 1961, e em seu complemento depois do contacto com as 6 Secções de Engenharia estacionadas durante o cativeiro em Pondá; elaborou-se o presente relatório:

- 1 - Os bons resultados obtidos pela Engenharia na execução do Plano de Baragens devem-se essencialmente aos seguintes factores:
  - 1- insistência e efectivação da transferência dos explosivos e restante material necessário às destruições de cada uma das Secções para os quartéis das Unidades de Cavalaria junto das quais iam actuar.
  - 2- os treinos intensivos que se fizeram com cada uma das Secções em separado ao longo dos seus itinerários antes de ser dada autorização para os efectuar (devido ao consumo de gasolina) pois quando esta autorização veio, já não havia tempo para treinos, mas sim execução dos trabalhos preliminares de montagem dos explosivos.
  - 3- disciplina individual e espírito de corpo técnico
  - 4- preparação técnica individual pois todos os rebentamentos se efectuaram à primeira tentativa e não ficou nenhum elemento por explodir.
  - 5- a utilização de emergência nalguns obstáculos das camionetas carregadas de explosivos, cedidas por Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador nas vésperas dos acontecimentos a pedido do Comando de Engenharia.
  - 6- às pastilhas psico-estimulantes (Ritalina e Profemina) constantes das colações sanitárias com que se proveram todas as Secções de Engenharia permitindo-lhes trabalhar mais continuamente vencendo o cansaço.
- 2 - Em complemento do primeiro relatório informa-se que do dia 15 ao dia 18 inclusive ficaram no quartel de DEI em Pondá, onde estava instalado o Comando do Arapamento do Centro, 19 homens e 2 sargentos de Trm. para guarda e funcionamento do posto de rádio.
- 3 - Confirma-se com a conferência dos homens que se apresentaram no Campo de Pondá, de que todos estes elementos de Engenharia não tinham missões na Península de Mormugão e de que vice-versa, todos os elementos que tinham as missões de manutenção da estrada de Cortalim (itinerário Principal), vigilância da respectiva zona costeira e estrada de Dabolim, rebentamento dos pontões junto à posição da C. Caç.9 e ocupação do Quartel de Dabolim em vigilância e cooperação anti-paraquedista, na Península de Mormugão, permaneceram nas suas zonas de negão apresentando-se todos na conferência feita no Campo de Alparqueiros.
- 4 - Confirmou-se a falta de experiência de guerra, concluindo e reconhecendo-se que apesar do muito que se fez mais e melhor se poderá fazer depois desta experiência.



5 - Completando a informação nº1 do relatório de 30 de Dez.de 1961, declara-se que se teve conhecimento de que as colunas atacantes inimigas eram providas de bulldozers transportados em plataformas, os quais manobrados por elementos de Engenharia inimiga actuarem nos itinerários variantes quando estes apresentavam dificuldades.

6 - No Norte, de acordo com o Comandante do Agr D. JOÃO DE CASTRO foram previstos e estudados obstáculos, fora do Plano de Barragens com vista à defesa da Ilha de GOA a saber:

- abatizes de Velha Goa a Ribandar
- destruição da ponte de Ribandar
- corte da ponte de Linhares (entrada de Pangim)
- destruições de dois pontões na estrada de Pangim-Agaçaim

Estes obstáculos não foram executados por falta de ordem do Comandante do Agrupamento. Também neste sector foram utilizadas com êxito as camio-netas carregadas de explosivos para as destruições de emergência.

Foi notado pelos elementos de Engenharia que o inimigo dada a eficiência dos obstáculos, afastou-se do itinerário inicialmente previsto para a sua penetração.

Foi também acentuada neste sector a falta de meios de transmissões que puzesse os elementos de Engenharia que trabalhavam isolados, em contacto com os seus oficiais.

7 - Os obstáculos do Plano de Barragens que se não executaram (em pequeno número) não o foram por falta de ordem e de cobertura na frente que permitisse a sua preparação.

8 - De posse de todos os relatórios dos oficiais e sargentos Comandantes de Secção, vamos enumerá-los repetindo os das 3 Secções do relatório do dia 30 de Dez.de 1961, afim de os enquadrar no conjunto da acção da Engenharia:

- Pelotão do Agrupamento D. JOÃO DE CASTRO (Norte)

Oficiais - Cap. Fangueiro e Alf. Barreto

Adjunto - 2º. Sargento Larangeira

1º. Secção - 2º. Sargento Guerra

- a) Preparou e destruiu a ponte de Assonorá
- b) Executou abatizes em Assonorá
- c) Executou mais abatizes em Assonorá
- d) Executou mais abatizes junto da diligência de Assonorá
- e) Executou mais abatizes junto à oficina do C.Ferro
- f) Executou mais abatizes em Tivim do lado de Assonorá
- g) Preparou e destruiu o pontão em Tivim (Leste)
- h) Executou abatizes em Tivim (Leste)
- i) Executou mais abatizes em Tivim (Leste)
- j) Lançou um campo de minas AC e AP num cruzamento de estradas em Cunchelim



- l) Executou abatizes nesse cruzamento de estradas
- m) Executou mais abatizes por minas AC e AP
- n) Colocou minas AC e AP na estrada de Macasana
- o) Executou abatizes activadas por minas AC e AP em Colvale
- p) Preparou e destruiu a ponte em Mapuçá (entrada Leste)

2ª. Secção - furriel Machado

- a) Preparou e destruiu a ponte de Banastaria - 13h30
- b) Lançou um campo de minas AC e AP em Tonca
- c) Preparou a execução de abatizes de Velha Goa a Ribandar
- d) Preparou a destruição da ponte de Ribandar
- e) Preparou a destruição da ponte de Linhares (entrada de Pangim)
- f) Preparou a destruição de dois pontões na estrada Pangim-Agaçaim

3ª. Secção - furriel Vilaça

- a) Preparou e destruiu o pontão na estrada Mapuçá-Calangute - 13h00
- b) Preparou e destruiu o pontão na estrada Mapuçá-Betim (Km.9) - 14h00
- c) Executou abatizes em Guirim
- d) Preparou e destruiu outro pontão na estrada Mapuçá-Betim
- e) " " " " " " " " "
- f) " " " " " " " " "
- g) " " " " " " " " "
- h) Executou abatizes em Porvorim
- i) Preparou e destruiu o aqueduto na estrada Mapuçá-Betim
- j) " " " outro " " " " "
- l) " " " " " " " " "
- m) " " " " " " " " "
- n) Executou abatizes em Britons
- o) Preparou e destruiu o pontão de Britona na estrada Mapuçá-Betim

- Patrolha do Agrupamento CENTRO

Oficiais - Cap. Conrado e Alf. Pereira

Adjunto - Furriel Coito

1ª. Secção - Furriel Izolda da Cruz

- a) Preparou e instruiu elementos do E.Rec.2 para a destruição da ponte de Bicholim deixando-lhe 20 minas AC - a destruição deu-se às 04h00.
- b) Preparou a destruição da ponte nova de Sanquelim ficando um soldado de engenharia para proceder à explosão à ordem do E.Rec.2 -deu-se às 05h30
- c) Idem para a ponte velha de Sanquelim, ficando dois soldados de engº. para executarem à ordem do E.Rec.2 - deu-se às 05h30
- d) Preparou a destruição do pontão de Onda; não chegou a ser executado devido ao intenso trânsito e não ter recebido ordem
- e) Idem para o pontão de Valpoi



- f) Preparou o corte do pontão de Mardol
- g) Preparou o corte do pontão de Mangueixa

2ª. Secção - furriel Bruno

- a) Preparou e destruiu a ponte de Usção - às 09h40
- b) Preparou e destruiu a ponte de Candecapar
- c) Destruiu o pontão de Mardol
- d) destruiu o pontão de Mangueixa
- e) Preparou o rebentamento de quatro viaturas com explosivos de gelamunite entre Hibandar e Pangim com o fim de cortar a estrada que ao mesmo tempo serve de dique às águas do rio Mandovi e assim inundaram-se os campos adjacentes.

3ª. Secção - furriel Mondança

- a) Preparou e executou o corte em T na bifurcação da estrada de Darbandorá. Neste obstáculo, executado sob o ruído da aproximação dos carros de combate inimigos, faleceu o Alferes Pereira, de Engª., atingido por um bloco de pedra - às 10h45
- b) Preparou e destruiu a ponte de Dauconda - às 13h15

- Polotão do Agrupamento AFONSO DE ALBUQUERQUE (Sul)  
Oficiais - Cap. Boléo e Alf. Alves

1ª. Secção - 2ª. Sargento Vaz

- a) Lançou um campo de minas AC e AP a nascente da ponte de Ordefondo - às 09h45
- b) Preparou e executou a destruição da estrada na curva Ferradura e abatizes activadas com minas AP - às 10h35
- c) Preparou e destruiu a ponte de Ordefondo - às 11h00
- d) Preparou e destruiu o aqueduto em Pissenoil e abatizes
- e) Preparou e destruiu o pontão de Pissenoil às 14h45

2ª. Secção - furriel Faria

- a) Preparou e executou a destruição do pontão de Orcotó
- b) Preparou a destruição da ponte de Sanguem cuja execução ficou a cargo do Sr. Ten. Proença, Comandante da Polícia de Sanguem.

3ª. Secção - furriel Cardador e furriel Alcobia

- a) Lançou um campo de minas AC e AP em Rivona - 11h13
- b) Preparou e destruiu a ponte de Borim - 12h20
- c) Lançou um campo de minas AC e AP em Carmolim - 14 às 15 horas
- d) Lançou um campo de minas AC e AP em Quelossim - 15h15 às 16h15
- e) Preparou e destruiu a ponte de Quepan de cuja explosão resultou não só a sua completa destruição como também do parte da povoação - 18h00



Secção Independente directamente subordinada ao Comandante do DEI e actuando na zona da posição da C.Caç.6

- 2º. Sargento Remalho

- a) Preparou e destruiu 3 pontões no desvio de Sancealo
- b) Lançou em duas zonas minas AC correspondente a esse desvio
- c) Preparou a destruição de 1 ponte e 1 pontão à frente da posição da C.Caç.6 na estrada de Cortalim.
- d) Preparou a destruição de 6 pontões à retaguarda da posição da C.Caç.6 na mesma estrada.

9 - Em face do exposto detalhadamente, o resumo final de todos os trabalhos efectuados pelo DEI durante as operações foram os seguintes:

A - Companhia de Engenharia

a)

Trabalhos	Pontes	Pontões	Aquedutos	Corte de estradas	Abatizes	Campo de minas AC e AF
Preparados e executados	12	15	5	2	14	14
Preparados mas não executados	4	13	-	-	1	-
TOTAIS	16	28	5	2	15	14

- b) Montou uma posição de vigilância na região das estradas de Dabolim e Cortalim
- c) Ocupou uma posição de vigilância e acção tonra paraquedistas no Quartel de Dabolim

B - Companhia de Transmissões

a) Guarneceu os postos de rádio de:

- Alparqueiros (fixo)
- B.A.2 (Viatura T.S.F.)
- Velha Goa (fixo)
- C.Caç.6 (Viatura T.S.F.)
- Q.General (Viatura T.S.F.)
- Altinho (fixo)
- Navalim (viatura de T.S.F. e fixo)
- Pondá (fixo)
- Dabolim (rêde do Agrupamento Vasco da Gama e rêde do Comando)



- b) Colaborou com a Companhia de Engenharia na ocupação da posição de vigilância na região das estradas de Dabolim e Cortalim.

Este Comando considera que este volume de trabalho é sobejamente suficiente para justificar a acção do Destacamento de Engenharia da Índia nestas operações e tem orgulho em poder afirmar que nas circunstâncias de tão graves deficiências por demais assinaladas e do conhecimento de todos e em face do inimigo que se apresentou, dificilmente poderia ser igualado.

## 10. LOUVORES

- a - A título póstumo louvo o Sr. Alferes Miliciano de Engenharia, ANTONIO GONÇALVES PEREIRA porque durante as operações e no período que imediatamente as precedeu desenvolveu grande actividade na execução das cortaduras na estrada de Tinem-Molen, junto à fronteira, não se poupando a esforços para incutir nos seus homens ânimo para a execução urgente dos referidos trabalhos o que se verificou e na execução da cortadura em Darbandorá onde encontrou a morte, evidenciando entusiasmo, noção do cumprimento dos seus deveres, competência e espírito de sacrifício, lamentando este Comando a perda deste Oficial de Engenharia que com a sua morte honrou as Forças Armadas da Índia.
- b - Louvo o Sr. Alferes Miliciano de Engenharia, VICTOR AUGUSTO BARRETO pela sua competência técnica, esforço, dedicação e espírito de sacrifício que manifestou no cumprimento da sua missão durante as operações, procurando resolver os problemas inerentes ao seu sector de acordo com as instruções recebidas revelando-se muito bom colaborador do Comando de Engenharia do Sector Norte.
- c - Louvo o Sr. Alferes Miliciano, JOSÉ LUIS TRINDADE ALVES, porque durante as operações muito contribuiu não só para o levantamento do moral dos seus homens, como para que todos ocupassem as suas posições mais cedo no intuito de melhor cumprirem as suas missões, evidenciando entusiasmo, espírito de corpo, noção do cumprimento dos seus deveres e competência, qualidades que muito foram apreciadas pelo Comando naquela situação de emergência.
- d - Louvo o Sr. Alferes Graduado Capelão, MANUEL S. CAPITÃO, porque antes e durante as hostilidades sempre esteve presente guiando e amparando moralmente todos os homens da Unidade, ministrando palavras de animação e coragem e dando àqueles que professavam a religião Católica e após da sua absolvição, contribuindo em muito para o bom cumprimento das suas missões. Manteve na Unidade uma acção social sobre a juventude nativa da região, distribuindo alimentação e ministrando aulas, com a ajuda de várias praças o que não só deu a estes um sã ideal de ocupação como em muito contribuía para a grande aceitação e prestígio que a Unidade tinha na região facilitando em muito a sua vida.



- e - Louvo o 1º. Sargento Amaruense, JOSÉ PIRES BEATO, porque durante as operações apesar da sua idade, mostrou sempre presença de espírito, energia, ânimo, boa vontade, dignos de menção e exemplo, estando sempre pronto para todos os sacrifícios, e também porque como mais antigo da classe de sargentos, durante o tempo que se esteve prisioneiro preocupou-se sempre com as necessidades da classe, não deixando no entanto de se apresentar sempre aos seus superiores com espírito resignado e compreensivo ante as dificuldades inerentes à situação e que aos olhos do Comando se tornou um exemplo de militar capaz de suportar as dificuldades das horas graves e do sofrimento, tornando-se um colaborador deste Comando na resolução de muitas situações difíceis durante o cativeiro.
- f - Louvo o 2º. Sargento de Engenharia, JOAQUIM MIGUEL DOS SANTOS, pela sua competência técnica, dedicação, espírito de sacrifício, presença de espírito, grande prestígio entre os subordinados, militar disciplinado e disciplinador por demais evidenciado, não só antes das hostilidades; em instrução e trabalhos especiais onde sempre se desempenhou com agrado de todos que com ele tinham contacto, como durante as hostilidades acompanhando sempre os seus homens dando-lhes o apoio do seu prestígio conseguindo que todas as missões de que foi incumbido se desempenhasse até ao fim. Apraz-me salientar a boa conta e grande consideração que este graduado era tido pela presidência da Junta Autónoma do P. de Mormação onde há alguns meses ali estava destacado com uma secção de engenharia, trabalhando com máquinas de terraplanagem na execução que a engenharia militar prestava na Obra de Ampliação das Instalações Portuárias.
- g - Louvo o 2º. Sargento, MANUEL FRANCISCO ROSA RAMALHO, porque nas missões de que foi incumbido antes das hostilidades em pesquisas de armadilhas, patrulhamentos especiais e instrução de explosivos e durante as hostilidades na espinhosa missão que teve de durante escasas horas montar os dispositivos de destruição duma série de posições e cortes de estrada que protegiam a posição defensiva da C. Caç. 6 próximo de Cortalin e fez sempre evidenciando uma grande competência técnica, presença de espírito, espírito de sacrifício e dedicação, grande prestígio entre os subordinados e ser um militar disciplinado e disciplinador tendo sido a sua preciosa colaboração muito apreciada por este Comando. Apraz a este Comando salientar a boa impressão que este graduado causou entre os militares da guarnição de Damão quando com dois cabos para ali foi destacado uma semana antes das hostilidades para ministrar instrução especial de manuseamento de explosivos e destruições.
- h - Louvo o 2º. Sargento, SEBASTIÃO DA SILVA LARANJEIRA, pelo elevado grau de desembaraço e experiência que manifestou em matéria de explosivos, pelo entusiasmo e esforço que dispendeu durante as hostilidades incutindo nos grupos de trabalhos que auxiliou dinamismo e rapidez e que o fez ser considerado um prestigioso auxiliar do Comandante do Pelotão.



- i - Louvo o Furiel, JOSÉ CORREIA DE FIGUEIREDO, pela dedicação e competência reveladas durante a chefia do posto de rádio que acompanhou a C. Sec. 6, merecendo o reparo do Comandante desta Unidade, tendo-se comportado durante as hostilidades sempre do modo a manter o bom nome da Unidade em qualquer circunstância.
- j - Louvo pelo seu esforço, dedicação e espírito de sacrifício em procurarem cumprir as suas missões dadas pelo Plano de Barragens, acompanhando sempre os seus homens nas situações mais difíceis, resolvendo com eles as dificuldades que se lhes depararam, procedimento tanto mais de louvor quanto é certo que nesta emergência esforçavam-se por cumprir instruções detalhadas recebidas, muitas vezes desprovidos de qualquer apoio do Comando de Engenharia por falta de ligações, os seguintes sargentos e furriéis:
- 2º. sarg., ANTÓNIO CASTIÇO NUNES GUERRA
  - " " , AMANDIO DA SILVA RIBEIRO
  - Furiel milº, SEBASTIÃO DOMINGOS CARDADOR
  - " " , HENRIQUE SOARES PIRES
  - Furiel , HENRIQUE LOPES DO COITO
  - " milº, FERNANDO JOSÉ REGALA MENDONÇA
  - " " , JOSEF IZEDA DA CRUZ
  - " " , CARLOS MONTEIRO FARIA
  - Furiel , JOAQUIM DE JESUS SALVADOR BRUNO
  - " , AMANDIO PINHEIRO MACHADO
- k - Louvo o 1º. Cabo de Engenharia nº. 41/60, JOSÉ BARATA ALVES, porque durante o tempo que prestou serviço de DEI e principalmente durante as hostilidades em que foi incumbido com algumas peças da montagem de dispositivos de destruição de alguns pontões, o fez demonstrando plenos conhecimentos, equilíbrio de procedimento, ascendência sobre o seu pessoal e presença de espírito que muito bem impressionou este Comando sendo considerado um graduado de muito valor em muito contribuindo para o prestígio da sua Unidade.
- l - Louvo o 1º. Cabo aprovado nº. 348/58, LAURENTINO DE JESUS SANTOS, pela maneira correcta como dirigiu o posto de Alparqueiros quer antes quer durante as hostilidades. Muito solto e competente manteve um bom nível de instrução e a sua acção contribuiu para manter o bom nome da Unidade no Agrupamento Vasco da Gama.
- m - Louvo por terem demonstrado conhecimentos técnicos acima da média, não se poupando a esforços nos trabalhos que lhe eram incumbidos e comportando-se como bons colaboradores dos Comandos de Secção durante as operações, os:
- 1º. Cabo nº. 31/60, SAUL GOMES PINA
  - " " " 58/" , MARTINHO MATOS DE SÁ
  - " " " 389/" , FERNANDO GUSTÓDIO DOS PRAZERES



n - Louvo pelo espírito de sacrifício e grande capacidade de trabalho revelado nas suas missões, comportando-se também como bons auxiliares dos comandantes de secção, as praças:

- 1º. Cabo nº. 47/60, JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS
- 1º. Cabo nº. 50/ ", TEODORO DE JESUS RUSSIANO
- Soldado " 74/ ", VITALINO MARQUES DE OLIVEIRA
- " " 82/ ", VALDEMAR MADEIRA SIMÕES
- " " 79/ ", GREGÓRIO DE JESUS ALVES
- " " 87/ ", NELSON DOS SANTOS
- " " 95/ ", ÁLVARO DOS SANTOS OLIVEIRA
- " " 168/ ", ANTÓNIO SALVADO DE ASSUNÇÃO
- " " 191/ ", AUGUSTO GUERREIRO DA SILVA

o - Louvo os 1ºs. Cabos nº. 35/60, JOAQUIM ANTÓNIO RODRIGUES DA CRUZ; nº. 6/60 ALVARO JOSE GONÇALVES; 29/60 LINO DE ASSUNÇÃO BATISTA; 51/60 ALCANTO AUGUSTO MOURA e 371/60 FRANCISCO MIRANDA RODRIGUES; os 1ºs Cabos de Tm. nº. 59/61 JOAQUIM FRANCISCO DE OLIVEIRA AGENCIO; 226/60 ALVARO AMADEU PINTO FERREIRA; nº. 49/59 JACINTO CASTAHO DE MATOS; nº. 7/60 JOSÉ MARQUES VIEGAS e soldados nº. 351/60 ANTONIO MARIA MOUTINHO DA SILVA; nº. 63/60 VICENTE GONÇALVES FERREIRA LOPES; nº. 257/60 ANTONIO AUGUSTO DA CONCEIÇÃO FICURI; nº. 123/60 JOSÉ GILCO RAMOS, pelos seus conhecimentos, equilíbrio de procedimento, assembléncia sobre as praças e presença de espírito durante as operações, o que lhes permitiu serem considerados como poderosos auxiliares nas acções e serviços onde actuaram, em muito contribuindo para o bom êxito destes.

p - Louvo os restantes sargentos e praças, porque antes e durante as operações muito contribuíram com a sua sempre pronta ajuda, espírito de sacrifício, passando muitas vezes sem refeição nem descanso, pelo seu espírito de corpo, entresajudando-se mutuamente, para que a Unidade funcionasse como um todo com pleno rendimento, permitindo que se efectuasse um volume de trabalho superior ao previsível nas melhor das hipóteses, com os recursos meios à disposição, o que permitiu a este Comando orgulhar-se de ter tido a honra de comandar esta Unidade que com justiça de elite era considerada.



RELATORIO DO PERIODO DE CATIVEIRO DESDE  
20/12/61 a 14/5/62 NO CAMPO DE ALPARQUEIROS

1 - GENERALIDADES

Recebi a ordem do Comando Chefe, para a rendição em 19 de Dezembro à tarde, reuni os meus homens no Quartel de DABOLIM onde se passou de 19 para 20 com guarda reforçada montada, recendo qualquer possível assalto para aquele.

Fomos sobrevoados no quartel, várias vezes, a baixa altura por aviões inimigos, com finalidade de localização e identificação, ao anoitecer de 19.

Em 20 de manhã fomos conduzidos por forças da União Indiana para os Estaleiros Navais onde foram os soldados e sargentos separados dos oficiais e onde estivemos 3 horas. Dali seguimos a pé sob escolta para o Quartel de Alparqueiros que foi organizado em Campo de Prisioneiros.

Ali se instalaram de princípio, de qualquer maneira, os sargentos e praças e depois, a pouco a pouco, se procurou reunir os soldados de engenharia e transmissões e sargentos do DEI, afim de se poder exercer acção de coesão sobre o conjunto. Procurou-se reunir junto de todos os homens do DEI os sargentos e praças que em tempo de paz <sup>estavam</sup> diligência em outras Unidades. Assim desfalcados dos oficiais, sargentos e praças por actuarem no Norte, alguns do Centro e Sul, reuniram-se no Campo de Prisioneiros de Alparqueiros debaixo do meu Comando o seguinte efectivo do DEI:

- 2º Comandante
- Comp. de Engº..... 6 oficiais, 21 sargentos e 150 praças
- Comp. de Transmissões.....4 oficiais, 24 sargentos e 141 praças

A acção do Comando sobre o moral e necessidades dos homens pôde-se exercer graças a uma acção persistente do Exmº Chefe do E.M. junto do Comando Indiano o que permitiu, dentro do possível, minorar e remediar dificuldades psíquicas e físicas às privações e exigências de trabalhos a que a situação de prisioneiros obriga.

2 - TRABALHOS EFECTUADOS PELA ENGENHARIA

a) Para servir as necessidades do Campo de Prisioneiros

- equipa de electricistas..... 1 oficial e 4 praças
- equipa de abastecimento de água..... 4 praças
- equipa de construção civil (reparações)..1 sargento e 8 praças
- rancho de todos os oficiais prisioneiros...2 cozinheiros e 3 faxina

b) Exigidos pelo Comando Indiano

- levantamento dos campos de minas AC e AP da Praia da BAINA e da posição de VERNÁ, adiante descritas em promenor
- limpeza e arranjo da pista do Campo de Aviação danificada com os bombardeamentos
- construção de toda a rede de valões de arrose farpado à volta



do Campo constituída por uma fiada de postes de betão armado com 8 ordens de arame farpado e paralelamente a fiadas de arame farpado com estacas em contêncira de ferro

- limpeza total do Campo, incluindo o corte de todos os arbustos e árvores que prejudicavam a boa visão da guarda
- carregamento de munições para vagões de Caminho de Ferro
- Limpeza dos destroços da destruição da ponte de QUEPÉM e respectiva povoação.

A intensidade dos trabalhos foi maior nos primeiros 3 meses e menor nos 2 últimos meses.

Foram indigitados para trabalhos exteriores um alferes de Engenharia com a especialidade de electrotécnia e um capitão de engenharia com a especialidade de engenharia civil. Foram feitos protestos individuais pelos respectivos oficiais e por este Comando, junto do Comando Indiano no sentido de anular a ordem de requisição destes oficiais alegando que estes oficiais não desejavam trabalhar seja em que fosse, para a União Indiana e ainda que pelo artº 49º da Convenção de Genebra, os oficiais prisioneiros não podiam ser forçados a trabalhar seja por que motivo for.

Depois de bastante controvérsia, nos dois casos, acabaram por anular a ordem de requisição.

### 3 - ALIMENTAÇÃO

A alimentação era deficiente tendo em atenção os trabalhos que exigiam dos homens debaixo do calor tórrido. Consistia em:

- 1ª refeição - café com pão.
- 2ª e 3ª refeições - sopa de couve, massa e arroz e prato de arroz ou massa com pouca carne.

Havia uma deficiência grande em proteínas e vitaminas. Ao fim de 2 meses, como nada nos tinham pago e como detiveram todo o dinheiro particular não era possível melhorar a alimentação ~~est~~ extras. Como sempre estivemos convencidos que a nossa situação se iria prolongar e como não havia indicações de nos fazermos qualquer adiantamento do nosso vencimento procurei organizar com as companhias um sistema de conta-corrente individual para cada homem, estipulando um máximo de 80\$00 mensais para praças e 150\$00 para sargentos, salvo casos especiais de doença ou de família. O dinheiro para estes empréstimos teve que habilidosamente ser obtido de elementos goeses que desejando transferir dinheiro para a Metrópole nos emprestava dinheiro goês a pagar na Metrópole. Esse dinheiro teve que ser passado para dentro do Campo de Prisioneiros clandestinamente por vários processos: dentro da roupa que viesse de fora, dentro de marmitas de comida especial para elementos naturais que estavam internados, comida esta que vinha de fora, por elementos civís que abasteciam as messas, etc., etc..

No fim do 3º mês quando se receberam os primeiros adiantamentos começamos logo a liquidar estes débitos para os não deixar acumular



e finalmente a bordo procurou-se anular totalmente com o abono recebido. Também se recebeu dinheiro por conta dos 500 contos postos à disposição do Comandante Militar através da emissão "É PORTUGAL QUE MANDA".

4 - Estado de saúde e medicamentos

Nos primeiros dois meses o trabalho, a alimentação deficiente e as condições de alojamento contribuíram para que houvesse uma baixa das possibilidades físicas dos homens. Apareceram principalmente gastrites, sofrimentos de estômago, doenças de pele em grande quantidade, etc.. Os medicamentos começaram a faltar, chegando os médicos a declarar que não havia medicamentos.

Em face destas dificuldades instalamos o sistema de empréstimo aos homens descrito em 3 o que começou a melhorar bastante o seu estado de saúde. Compraram-se também alguns medicamentos o que normalizou a situação.

5 - Alojamentos

Os homens estavam alojados uns em antigas casernas do Aquartelamento de Alparquieiros, outros em simples alpendros de viaturas e oficinas. Dormiam nas condições mais variadas; desde a cama, à maca, a uma tarimba de madeira, etc., até uma simples esteira posta no chão. Havia uma certa aglomeração mas como as limpezas eram constantes conseguia-se atenuar esse inconveniente, sem no entanto se ter conseguido evitar por completo, por exemplo, a existência de parasitas.

6 - Fardamento e calçado

A todos os homens foi recomendado para guardarem uma muda completa de roupa para o dia da repatriação. Desta forma, os artigos de fardamento restantes começaram a ser utilizados e a serem danificados a olhos vistos.

Como não nos forneciam fardamento nem calçado, procurei organizar com elementos da Unidade uma alfaiataria e uma sapataria comprando para isso no exterior o material necessário incluindo aqui para calças e camisas e utilizando para o calçado pneus velhos que ali estavam armazenados. Assim:

- a sapataria com 2 sapateiros efectuou os seguintes trabalhos:
  - colocou saltos novos, bocados nos rastos e meios rastos a 120p. de botas;
  - coseu 3 sacos de bagagem e 1 mala de cabedal.
- a alfaiataria com 3 alfaiates efectuou os seguintes trabalhos:
  - coseu, remendou e pregou botões em 108 calças e calções, 52 camisas e 10 bivaques.

Assim se conseguiu que a maior parte dos homens andasse calçado e sem rasgos.

7 - Disciplina

A disciplina ressentia-se com as deficiências de instalações e alimentação, o intenso trabalho, castigos colectivos aplicados pelo Comando Indiano por faltas individuais e finalmente pela situação psicológica de prisioneiros. Para apurar este grande inconveniente que poderia ter resultados



desastrosos procurou-se, além de melhorar as condições de alimentação com o sistema de empréstimos atrás descrito acompanhar diariamente os homens com palestras, sondando o seu estado de espírito, conversando e curvindo os seus queixumes, dando depois soluções com explicação lógica dos factos, insuflando ânimo e paciência aos menos animosos e finalmente organizando uns campeonatos de jogos de cartas, damas, etc., controlado por um grupo de sargentos havendo 1º, 2º e 3º prémio, obtido com uma verba de inscrição de todos os concorrentes. Assim se mantinham os homens entretidos e se resolviam os problemas dos menos animosos. Houve no entanto necessidade de aplicar castigos aos que, apesar de todo o acompanhamento moral, não foram capazes de suportar a acção depauperante do cativeiro, prevaricando, com prejuizo dos restantes: assim alguns não se portaram com correcção nas formaturas, outros faltavam ao trabalho, obrigando a que um camarada que estivesse de folga entrasse ao trabalho, outros faltavam aos preceitos de higiene e que era inconveniente para todos, outros desobedeciam e não respeitavam convenientemente os sargentos, etc.. Todas estas faltas, atendendo à situação em que nos encontravamos, foram punidas com castigos particulares: cortes de cabelo, dias de trabalho e privação de crédito para compras.

Apenas um homem, o soldado 176/60 da Comph<sup>a</sup> de Engh<sup>a</sup> foi punido com 20 dias de prisão disciplinar agravada a cumprir na Metrópole porque diante duma formatura não obedeceu prontamente às ordens do sargento—dia reagiu fisicamente quando este empregou meios coercivos para fazer cumprir a ordem dada. Esta falta foi tanto de lamentar quanto é certo, que sendo cometida a 2 semanas do embarque, já todos tinhamos conhecimento da nossa repatriação.

Os resultados obtidos com a assistência e os castigos particulares foram satisfatórios tendo sido bem comprovada a coesão da Unidade de Engenharia, quando em 23 de Março o Comando Indiano afixou o convite para cada prisioneiro poder sair desde que depositasse o dinheiro da passagem e quando em 7 de Abril nos ameaçaram com a nossa transferência para o interior da India para campos de concentração em BOMBAY, POONA e AHMEDNAGAR. Todos os elementos do DEI se solidarizaram estando dispostos a não abandonarem a sua situação de prisioneiros sem ordens superiores e a suportarem o internamento na India com boa disposição.

Começaram-se imediatamente a tomar providências para se armazenar material de primeira necessidade afim de ser levado conosco se essa transferências se fizesse, como: bocados de pão para arranjo das botas, material de alfaiataria, alimentação em latas de conserva de toda a especie desde o leite condensado, a ovomaltine até à sardinha e atum, dinheiro Indiano que se obteve trocando dinheiro goês por rupias, etc. etc.. Mas tudo isto tinha que ser levado dissimuladamente e sem grande alarme pois de outra forma desapareceria. Assim em todos se solidarizou o sentimento de se ajudarem uns aos outros e resolver este assunto e de se prepararem para um apoio mútuo no interior da India, consolidando-se no espírito de todos a ideia arreigada de permanecermos sempre juntos. Assim classifico o grau de disciplina de "bom".



8 - Dos quadros

Oficiais - Todos os oficiais colaboraram na acção de apoio aos homens mas distinguiram-se excepcionalmente os 3 capitães de Engenharia que podem ser considerados dos melhores que o nosso Exército tem e a quem este Comando muito tem a dever o bom êxito de toda a acção sobre os homens.

Sargentos - Esta classe foi de longe a mais sacrificada pois tendo praticamente as mesmas instalações e tratamento que os soldados, tinham a ingrata missão de os ter que comandar nos trabalhos. Por mais que os amparassemos sentiamos as suas dificuldades resultantes da sua situação. Apoiaram-nos, no entanto, constantemente, coadjuvando eficazmente na nossa acção sobre os homens. Distinguiram-se os primeiros sargentos que respondiam pelas Companhias 1º sargento Vaz e 1º sargento Coelho da Silva e o 1º sargento Beato, o mais antigo da classe de sargentos.

9 - O Destacamento de Engenharia da Índia suportou o cativeiro mantendo a coesão e espírito de corpo entre os seus homens e que lhe permitiu chegar ao fim sem grandes abalos na sua disciplina, estado de saúde, espírito de corpo e disposição de espírito. Se o cativeiro se prolongasse, cada vez mais difícil seria manter estas características, mas é forçoso concluir que dentro deste prazo de 5 meses se conseguiu e isso graças à acção de oficiais e sargentos sobre os soldados.

Lisboa, 5 de Junho de 1962

O COMANDANTE DO DEI

as) Carlos Maria Granato  
Major



1 - Campo de minas da Praia da BALNA

Foi lançado na praia com gráfico de implantação cujos elementos foram pelas tropas Indianas inadvertidamente destruídos quando saquearam a bagagem do Sr. Cap. Albuquerque.

O trabalho foi feito pelo capitão Albuquerque e 3 Secções de Engenharia tendo sido colocado numa extensão de 2.000 m. 4 fiadas de minas AC sendo a 1ª e 3ª fiadas a contar do mar acopladas com minas AP de plástico num total de 913 minas AC e 172 minas AP.

O trabalho de colocação das minas foi árduo pelo pouco prazo de que se dispunha, ocasionando uma fadiga exagerada nos homens do que resultou o afrouxamento da sua tensão no trabalho dando origem ao acidente da explosão de um grupo de minas AP no qual morreram dois cabo de sapadores e ficou mutilado um 1º cabo também de sapadores.

O levantamento deste campo foi iniciado pelas tropas Indianas de Engenharia, trabalhando com detectores magnéticos localizavam as minas AC por serem metálicas mas não localizando as AP de plástico tiveram uma baixa quando um homem deles pisou uma mina AP e ficou sem um pé. Os trabalhos pararam e foi então que nossa Engenharia recebeu ordem para proceder a este levantamento. Foi apresentado, superiormente, o inconveniente que poderia resultar pelo fato de não termos o gráfico de implantação. Isto foi exposto superiormente pelo Comando ao Comando Indiano responsabilizando este pelas baixas que pudesse haver dado que o gráfico tinha sido inutilizado por elementos das suas forças. Apesar dessa exposição o Comando Indiano insistiu na ordem pelo que se começaram a tomar disposição para iniciar os trabalhos. Propôs ao capitão Albuquerque Ferreira que arranjasse o material indispensável forquilhas de cabo comprido pelo menos de 2 m, óculos e luvas, além dos aparelhos de detecção por os nossos não funcionarem. O capitão Albuquerque Ferreira lembrou-se, e bem, dum compressor que funcionando limpasse a areia acima das minas a jacto de ar. Este processo teria dado bom resultado mas não se pode por em prática por não nos fornecerem um compressor a funcionar. Recebido o material deslocamo-nos com 3 secções e em 2 de Janeiro começou-se o trabalho primeiro com uma Secção depois com as restantes e no seguinte ritmo e ordem:

- a) pesquisa do laço de terra, localizando as minas AC.
- b) levantamento, depois de colocada a cavilha das minas AC detectadas
- c) pesquisas com as forquilhas das minas AP acopladas às AC localizadas.
- d) levantamento e despoletamento depois de encavilhadas essas minas AP.
- e) recolha de todas as espoletas
- f) recolha de todos os corpos de minas
- g) levantamento do arame farpado.

Todo o trabalho foi feito em boa ordem com o máximo cuidado e lentamente mas constantemente vigiados e amparados por mim e Cap. Albuquerque na fase mais perigosa, alíneas e) e d).



Trabalhando de manhã e de tarde, as 3 Secções fizeram o levantamento em 2, 3 e 4 de Janeiro, não havendo nenhum incidente.

## 2 - Campo de minas de Vernã

Este campo de minas era constituído por duas zonas uma esquerda e outra à direita da estrada da NAGOA para VERNÃ, lançadas no campo. Era constituído por minas AC e minas AP de plástico e não detectáveis num total de 75 minas AC e 100 minas AP. Deste campo havia gráfico de lançamento completo pelo que a localização das minas foi relativamente fácil, mas o seu levantamento difícil, no entanto, pois encontrando-se o campo muitíssimo bem dissimulado, as minas anti carro eram facilmente detectáveis com os detectores magnéticos, mas as minas AP de plástico, apesar de saber a sua localização aproximada, levavam muitos minutos a serem identificadas colocando-se em seguida a cavilha seguida do seu levantamento.

Este trabalho foi demorado e bastante cansativo pela atenção e tensão de nervos a que obrigou. Três das minas AP encontravam-se rebentadas, existindo um buraco no seu lugar. Por informações colhidas fomos informados de que esses rebentamentos tinham sido provocados por gado bovino que naquela zona se introduziu.

Foi executado nos dias 6 e 7, com o efectivo de 2 Secções de Engenharia.

O trabalho decorreu lentamente, mas sem incidentes, sendo de destacar a perfeição técnica com que o campo de minas foi executado, considerando-se o seu levantamento impossível, sem baixas, caso não houvesse o gráfico de implantação, tão perfeita era a sua camuflagem.



COMENTÁRIOS AO RELATÓRIO

DO

COMANDANTE DO DESTACAMENTO DE ENGENHARIA DA INDIA

- 1.- A falta rede-rádio a que se refere a pág.1 do Relatório resultou de não haver meios de transmissão, como já várias vezes foi focado nos Relatórios do Comandante-Chefe, Comandante Militar, Chefe do Estado-Maior, Chefe da 3ª Repartição e Chefe do S. Transmissões e outros.
- 2.- A distribuição do material de Engenharia por Depósitos especializados era consequência das necessidades de segurança exigidas pelos explosivos e da falta de paióis nas Unidades. Por outro lado, pretendiase com a concentração do material evitar a criação de guardas que iriam desfalecer os já diminutos efectivos disponíveis nas Unidades.  
 Recorde-se que a Bateria de Artilharia que esteve aquartelada em Dabolim teve 9 guardas empenhadas em outros tantos depósitos ou paióis. Nunca foi focada ao Comando a inconveniência da arrumação existente, Mas se fim e ao cabo, tudo foi possível resolver, com as medidas tomadas, no momento propício.
- 3.- As equipas de destruição - as duas colunas - que foram para Damão e Diu eram constituídas por 1 sargento e 2 cabos cada. Eram lá necessárias, assim expuseram os Comandos dos respectivos Agrupamentos e assim entendeu o Comando que para lá as enviou.  
 Os 3 homens de Damão regressaram a tempo de vir ainda colaborar com a Engenharia de Goa; os de Diu, porque tiveram ali trabalhos mais demorados não regressaram já, por falta de transportes.
- 4.- A apresentação do pessoal de Engenharia junto dos Agrupamentos estava prevista no plano de emprego de Engenharia (Pág. 4 do Relatório do D. E.I.);
- 5.- Para execução dos trabalhos de organização da Península de Mormugão foram fornecidos, por iniciativa do Comando:
  - 300 trabalhadores civis durante 3 dias
  - 100 recrutas que se encontravam em instrução em Velha Goa, durante os mesmos dias
  - 2 compressores das Obras Públicas
  - Os transportes civis e do Governo Geral necessários para o pessoal e material.

Obteve-se assim uma organização razoávelque, como é norma e sabido, se iria progressivamente aperfeiçoando.
- 6.- A indicação recebida do Comandante do Agrupamento Vasco da Gama para avisar o Comandante da CC6, para prever a sua intervenção - de resto do seu conhecimento-na Ilha de Goa tinha sido comunicada àquele Comandante do Agrupamento pelo Comando Superior. Isto mesmo consta o Relatório do Chefe da 3ª Repartição (Pág. 9 do Rel. do Cte. do DEI).



7.- Há que esclarecer e completar a afirmação feita no nº3 da pág. 17:

A partir dos primeiros dias de Dezembro todas as Unidades começaram a viver um clima de guerra: patrulhamentos constantes, ataques de terroristas e prevenções quase permanentes. A Engenharia mais não fazia do que trabalhar de acordo com as suas missões e características.

8.- CONCLUSÕES:

A Engenharia cumpriu as missões de que foi incumbida com competência técnica e dedicação levada até ao máximo. O notável esforço por ela realizado, especialmente a preparação e execução do plano de barragem, é de toda a justiça fazê-lo realçar.

CD25A



- I N D I C E -

- Operações realizadas em 18 e 19 de Dezembro de 1961

1ª. Parte.....pag. 1 a 17

2ª. Parte..... " 18 a 26

- Relatório do período de cativeiro no Campo de Alparqueiros..... " 27 a 31

- Relatório sobre o levantamento dos campos de minas..... " 32 a 33

- Comentários ao Relatório do Comandante do Destacamento de Engenharia da Índia..... " 34 a 35



S E C R E T O

Volume nº IVII

FORÇAS ARMADAS DO ESTADO DA INDIA

A INVASÃO DOS TERRITÓRIOS  
DO  
ESTADO PORTUGUES DA INDIA

Em Dezembro de 1961

Relatório do  
Comandante da C. Caç. 6 do  
C.T.I.B.I., Capitão de Inf<sup>ª</sup>  
FRANCISCO DA SILVA PIRES e  
Comentários



COMPANHIA DE CAÇADORES Nº.6

RELATÓRIO DA UNIDADE

- 1- A C.Caç.6 não entrou em contacto com o In. nem recebeu qualquer informação oficial acerca do mesmo.
- 2- Inicialmente, como reserva do Comando e de acordo com o Plano "Sentinela", a C.Caç.6 tinha como missão principal ocupar com um pelotão a região de Tonca (onde impediria a passagem do rio pelo In.) e retirar, à ordem, para posições na Península de Mormugão, continuando, no entanto, o pelotão em Tonca até ser rendido.

A partir de 10 de Dezembro fui recebendo, sucessivamente, ordens para reconhecer as seguintes posições:

- a)- morro de Cortalim
- b)- região da curva da estrada Cortalim-Mormugão, imediatamente a seguir a Cortalim.
- c)- região da Ilha de Goa entre Cambarjua e Banastarim.

Estes reconhecimentos foram feitos nos dias 11, 12 e 13 e na manhã do dia 14.

Cerca das 17 horas do dia 15 recebi, no Q.G. e directamente do Excmo. Sub-Chefe do E.M., ordem para ir ocupar o mais breve possível a posição b) com a missão de impedir a todo o custo a passagem do In. em direcção a Mormugão. Recebi, nessa altura também, ordem para não mandar ocupar a posição de Tonca em virtude da C.Caç.1 a poder ocupar ainda nessa tarde, facto que facilitou bastante o deslocamento da Unidade para a Península de Mormugão. Apesar de não terem sido recebidas as visturas civis previstas para o deslocamento, a Unidade saiu do aquartelamento completa, pelas 19H30 do dia 15, à excepção de uma secção que ficou de guarda ao aquartelamento e se reuniu à Unidade, nas posições, na manhã do dia seguinte.

Na manhã do dia 18 recebi, por intermédio do Comando do Agr - V.Gana ordem do Q.G. para prever a intervenção da Unidade na Ilha de Goa, via Cortalim.

Na tarde do dia 18, depois de contacto directo com o nosso General, e da minha ida ao Q.G., recebi autorização para rebentar imediatamente os três pontões existentes na estrada de terra Cortalim-Sancoale pontões estes que tinham grande importância para a defesa da posição em virtude de darem acesso a um caminho que a envolvia.



Ao fim da tarde de 18, recebi ordem de não mandar rebentar os pontões que se encontravam à retaguarda da posição e cuja destruição seria feita à minha ordem.

No dia 19, cerca das 0600, a posição foi visitada pelo nosso General, acompanhado do seu ajudante e do Sub-Chefe do E.M.. Recebi, nessa altura, uma ordem que alterava a missão de defensiva sem espírito de recuo que me tinha sido atribuída: era-me permitido, quando as munições estivessem prestes a esgotar-se, manobrar de maneira a vir ocupar uma posição mais à retaguarda.

Cerca das 1300 do dia 19, foi-me transmitida pelo Sub-Chefe do E.M., a ordem do nosso General para que a C.Caç.6 retirasse para os Estaleiros Navais.

Todas as missões e ordens recebidas foram cumpridas.

- 3- Iniciou-se a ocupação da posição cerca das 2200 do dia 15. Logo que começou a clarear foram iniciados os trabalhos de organização do terreno. Cerca das 1400 do dia 16 foi comunicado ao Q.G. que a Unidade se encontrava em posição e qual a localização do PC. Nos dias seguintes trabalhou-se activamente no melhoramento da posição.
- 4- Todo o armamento, equipamento e munições da Unidade se encontrava em boas condições de funcionamento. As munições duvidosas haviam sido substituídas dias antes da saída do aquartelamento e as pistolas metralhadoras foram experimentadas uma por uma na manhã do dia em que a Unidade marchou para as posições. É, no entanto, lamentável que se tenha aguardado em vão, até ao último momento, a chegada das munições de lança-granadas "INSTALAZA", única arma razoavelmente eficaz de que se dispunha para a luta contra carros.  
Não houve dificuldade de manutenção e foram tomadas as providências para que as refeições fossem servidas a horas e para que houvesse diariamente uma refeição quente, pelo menos.
- 6- O moral da Unidade foi sempre bastante elevado. Houve, no entanto um ligeiro desânimo entre alguns soldados na tarde do dia 18 como consequência da onda terrível de boatos que vários grupos em retirada iam espalhando pela nossa posição. Embora não tivéssemos entrado em acção, todo o pessoal da Unidade se preparou para ela e a aguardou nas suas posições até ao momento em que lhe transmiti a ordem de rendição recebida.
- 7- Não houve actos dignos de louvor ou de punições mas todo o pessoal cumpria o seu dever de acordo com as ordens recebidas



apesar de não ter chegado a entrar em acção. De salientar, no entanto: a firmeza de ânimo e espírito de sacrifício dos comandantes de pelotão (Alferes Pais, Lopes Dias, Roberto e Lã) através dos quais me foi possível manter a Unidade sã no moral e na eficiência; a noção exacta do seu dever demonstrada pelo 2º Sargento Rocha (natural de Goa), chegando a ter uma atitude firme e vigorosa quando, na tarde do dia 18, 2 ou 3 soldados se deixaram desanimar pelos boatos; a acção do Sargento de alimentação (Furriel Balsinhas), cuja competência e actividade contribuía para que a Unidade se alimentasse em boas condições, sem a mínima falha a lamentar; a vontade de bem servir e o espírito de sacrifício demonstrados pelo 2º Sarg. Faustino e Furriel Mec.-auto Oliveira que, não comandando tropas, foram encarregados de diversas missões, chegando a passar um dia e uma noite junto ao pontão de Cortalim aguardando a passagem do Agrupamento ou a chegada do In. para mandarem destruir o referido pontão; por fim, a serenidade dos restantes graduados e soldados que não tiveram oportunidade de se distinguir.

8- Considero necessário frizar o seguinte:

- a) A posição da "curva" ocupada pela C.Caç.6 era extraordinariamente boa para uma defensiva contra infantaria mesmo apoiada por carros; tinha campos de tiro rasantes até 500 e 600 metros; espalava-se à direita, num monte de selva fechada que não permitia envoltimentos e, à esquerda, no rio; depois de destruídos todos os pontões, não dava acesso a carros pois o terreno à frente da posição tinha obstáculos naturais e, na maior parte, encontrava-se encharcado. Seria, no entanto, rápida e completamente destruída pela Artilharia ou pela Aviação.
- b) A Unidade esteve sempre ligada por rádio ao QG e, até à noite de 18/19 ouvia os postos dos Comandos dos Agrupam. Estava ainda ligada, telefonicamente, ao comando do Agr. Gama por intermédio de Dabolim. No entanto, só por estafeta me podia ligar com os pelotões em 1º escalão.

Alparqueiros, 30 de Dezembro de 1961

O Comandante da C.Caç.6

Francisco da Silva Pires  
Capitão



COMENTÁRIOS AO RELATÓRIO  
DO COMDT. DA C.C. 6

Não há comentários importantes a fazer. A ação desta  
Unidade está devidamente evidenciada nos relatórios do Comando

CD25A



S E C R E T O

Volume nº.XVIII

FORÇAS ARMADAS DO ESTADO DA INDIA

A INVASÃO DOS TERRITÓRIOS

DO

ESTADO PORTUGUES DA INDIA

em Dezembro de 1961

Relatório do  
Comandante do Agrupamento  
D. JOÃO DE CASTRO, Major Cav<sup>ª</sup>,  
Acção Munes da Cruz Terreiro,  
e Comentários.

S E C R E T O



AGRUPAMENTO D. JOÃO DE CASTRO

\*\*\*\*\*

RELATÓRIO ELABORADO DE HARMONIA COM O PEDIDO  
DE SUA EXCELENCIA O GENERAL GOVERNADOR GERAL  
COMANDANTE CHEFE

\*\*\*\*\*

Por julgar de interesse o relato de determinados factos que se passaram antes e depois da invasão e queda de GOA, vou dividir este meu relatório nos seguintes capítulos:

- CAPÍTULO I - O Plano Sentinela
- CAPÍTULO II - Período anterior à invasão
- CAPÍTULO III - A invasão de GOA
- CAPÍTULO IV - Causas de derrota
- CAPÍTULO V - O cativoiro



AGRUPAMENTO D. JOÃO DE CASTRO

RELATÓRIO

CAPÍTULO I - O PLANO SENTINELA

Em determinado dia, entre 5 e 10 AG. 61, foi feita uma reunião dos Comdts. de Agr. a fim de lhes ser apresentado o projecto do P.S., reunião a que assistiu também Sua Exã. o Brigadeiro Comandante Militar.

Sobre o referido projecto nada se pôde objectar pois nada estava ainda definido concretamente e o mesmo foi apenas apresentado em traços gerais. Mais nos foi dito que dentro de poucos dias seria o mesmo Plano distribuído e se faria nova reunião para sua discussão e apresentação de dúvidas.

De facto passados uns 3 dias foi recebido o referido Plano mas a reunião para a sua discussão (que aliás se tornava necessária dado o grande número de dúvidas e objecções a apresentar) foi feita bastante tarde.

Nessa reunião apresentei vários problemas relativos ao meu Agr. (havendo outros que o fizeram também) sem que infelizmente tivessem sido atendido qualquer deles. Assim propuz: a alteração dos limites dos Agr., uma vez que se criava um Agr. novo e eu não tinha possibilidades de retardar o In. no eixo BICHOLIM-PILICÃO; que o Esc. Rec. 2 fazia uma manobra muito complicada e que seria preferível ficar a C. Caç. 6 na Ilha de Goa e o E. Rec. 2 recolher a Mormugão; que o meu efectivo era pequeno para a missão que me era dada; que não dispunha de Artilharia e nem sequer da possibilidade de pedir fogos de artilharia; que se o In. atacasse com blindados e aviação não tinha armas para os bater; assim como eu tranchei, e o disse, não me ser dado o tempo de retardamento. Estas observações só não foram aceites como parece não terem sido bem recebidas por quem elaborou o Plano pois tenho a impressão que eram recebidas com a ideia de que, aqueles que as apresentaram, o faziam com o intuito de complicar o serviço. De resto eu já tinha tido a ocasião de verificar isso em relatórios anteriores que, ao focar certas deficiências e dificuldades da Unidade fui muito mal recebido por quem teve de julgar o referido relatório. Sobre este ponto muito tenho a dizer que para estes casos não interessa.



Após a reunião a que atrás me refiro, sem qualquer das minhas sugestões atendidas, a não ser a emenda do número de um eixo de retardamento que estava errado no Plano Sentinela, resolvi elaborar, com o Oficial de Operações, o Plano Sentinela para o Agrupamento.

Convém aqui frisar que os Anexos de Inf. e Transm., Plano de Barragens e Plano Administrativo-Logístico não acompanharam o P.S..

Elaborado o meu P.S., em número de 22 exemplares com cerca de 120 transparentes foi enviado às entidades competentes tendo-me uns 8 dias depois, o Exmº. Subchefe do E.M. convocado para uma reunião no seu gabinete para falarmos sobre o meu plano.

Quando ali cheguei verifiquei que o exemplar enviado à 3ª. Rep. estava todo emendado e riscado o que verdadeiramente estranhei. Foi então esclarecido de que todas aquelas emendas e cortes eram provenientes da alteração que tinha sido introduzida na minha missão e meios. Dessa alteração da missão adveio já a obrigatoriedade de retardamento até uma determinada hora na linha CALANGUETE-PORVORIM-ECOSSIM (tal como tinha sido apresentada a minha sugestão). Claro que com esta sugestão e com a fixação do tempo de retardamento naquela linha, foi a manobra toda alterada e daí o facto do Plano estar todo emendado. Mais me informou o Exmº. Sub-Chefe que esta alteração da missão e meios ia constar duma nova folha a enviar pelo Q.G. - o que nunca se chegou a verificar - desconhecendo portanto os outros Comandantes de Agr. esta alteração. Em face desta alteração fui obrigado a elaborar um novo Plano com os respectivos 120 transparentes, o que não era nada fácil dado o reduzidíssimo efectivo de que o Comando dispunha. Claro que, logo que o QG me enviou o seu P.S. e o meu foi esboçado, fiz uma reunião com os Comdts. das Unidades a quem expus o referido projecto. Da parte deles foram-me levantados vários problemas, uns iguais aos que eu já tinha apresentado, outros ainda diferentes (que os homens nunca tinham feito fogo com as armas que tinham distribuídas, que não tinham viaturas e as que tinham estavam em péssimo estado etc.).

Discutido o projecto e assentes portanto as bases em que o mesmo devia ser elaborado, elaborou-se e distribuiu-se.

Quando me foi dada a nova missão, antes de elaborar o novo P.S. fiz nova reunião de Comandos a quem expus as alterações a introduzir. Continuaram a ser-me apresentados problemas, alguns que eu fui solucionando conforme me foi possível, outros que apresentei no Q.G. e ficaram sem solução. É evidente que o Plano elaborado pelo Agr. não era acompanhado dos respectivos anexos, tal como o do Q.G..



Muito mais tarde foi recebido o Anexo de Informações, muito tempo depois o Plano de Barragens e já quase nas vésperas da invasão foi recebido o Anexo de Transmissões. O Plano Administrativo-Logístico nunca chegou a ser enviado.

Devo esclarecer que, a todas as objecções que se apresentavam sobre falta de meios o Exmº. Sub-Chefe respondia sempre de maneira a dar a entender que o In. nunca atacaria com elementos superiores aos nossos nem com aviação e ainda mais, que nunca atacaria sem um ultimatum e que então entrariam em acção os meios diplomáticos. Nunca se quis convencer como lhe disse algumas vezes, que com 6 aviões não sairíamos das posições ou mesmo dos quartéis se ainda ali estivessemos e que com C.C. passariam as nossas tropas a ferro (como costuma dizer-se) pois nada tínhamos para lhe opôr.

## CAPÍTULO II - PERÍODO ANTERIOR À INVASÃO

Dia 15 DEZ. 61

De manhã desloquei-me a MAPUÇÁ com a intenção de ir a SINGUERVALLE mas o Sr. Comdt. do E Rec.1 informou-me que naquela mesma noite o posto tinha retirado para DOROMAROGO, 3 Kms. para o interior. Dirigi-me então para DOROMAROGO onde o chefe do posto me informou que no dia anterior o posto de SINGUERVALLE tinha estado todo o dia cercado, que tinha recebido tiros de espingarda e rajadas de Metralhadora vindo-se obrigado a retirar durante a noite para DOROMAROGO. Mais me informou que a uns 20 Kms. da fronteira tinha sido construída uma pista de aterragem de aviões e que no dia anterior tinham ali chegado cerca de 35 viaturas com pessoal e armamento (soube estas informações porque, por acaso, ali me desloquei senão te-las-ia desconhecido, apesar de se tratar dum posto da minha ZA).

Pelas 1130, perto de DOROMAROGO, fui avisado de que tinha sido convocado para uma reunião urgente no Q.G. para onde segui imediatamente, onde cheguei às 1230. Dei as informações colhidas no posto tendo ficado com a impressão que pelo menos a retirada de SINGUERVALLE para DOROMAROGO já era conhecida.

Nessa reunião a que assistiram Suas Ex.ªs. o General Comdt. Chefe e Brigadeiro Comdt. Militar, quando fui interrogado sobre o meu Agrup. disse que considerava de grande gravidade aquela retirada do posto porquanto tinham sido 3 Kms. que já tínhamos cedido ao In. (é preciso ver que são 3 Kms. em 15) e que este agora, para atacar o posto entrava já no nosso território; mais disse que a missão era difícil pois os meios, tanto em pessoal como em mate-



rial, eram reduzidos para as concentrações de tropa Inimiga de que se tinha conhecimento.

Sua Exã. o General considerou um absurdo (ou talvez quizesse apenas moralizar-me com as suas palavras) e eu preocupar-me com aqueles 3 kms. e quanto ao resto contava com a boa vontade de todos e a ajuda de Deus.

Nessa mesma reunião tive conhecimento que vários postos da G.F., no Norte, já tinham também retirado.

Foi-me explicado que havia necessidade de assim agir porquanto entrando o In no nosso território já havia pretexto para as nossas forças fazerem fogo.

Convém esclarecer aqui que foi esta a 12. reunião a que assisti (desde há 9 meses que estava na Índia no Comando dum Agrupam.) em que estava presente Sua Exã. o General Comdt. Chefe. As reuniões com os Comdts. de Agrup. raramente eram presididas pelo Exmº. Brigadeiro Comdt. Militar que pouco tempo depois se retirava, seguido do Exmº. Chefe do B.M. ficando portanto a reunião ao nível de Sub-Chefe que acabava sempre ou por resolver em nome de Sua Exã. o Comdt. Militar ou responder às objecções que lhe eram apresentadas com a frase "O nosso Brigadeiro quer assim" ou "É assim que já está determinado". Nessa mesma reunião, já depois de Sua Exã. o General ter saído, que terminou às 1430, foi lido um rádio vindo de Lisboa que informava que, conforme informações 100% verídicas recebidas, a União Indiana atacaria na manhã de 16. Foi determinado que as Unidades, nessa mesma tarde, deveriam ocupar as posições previstas.

Expuseram-se as dificuldades, em especial sobre viaturas, tendo a 4ª. Rep. recebido ordem para mobilizar essas viaturas que, a realizar-se o ataque na manhã seguinte, para nada já eram precisas.

Combinou-se também quem devia avisar as Unidades desta determinação uma vez que algumas Unidades do P.S. mudariam de Agrupamento e outras que o não tinham passariam a tê-lo. Pela minha parte fiquei com a incumbência de avisar as minhas Unidades (excepto a C.Caç.6 que dependia directamente do Q.C. e a C.Caç.8 que já me tinham levado da Aguada sem meu conhecimento sequer). O Exmº. Sub-Chefe ficou de avisar a C.Caç.1 e quando eu estranei não estar o Comdt. da C.Caç.6 na reunião e lhe falei nisso informou-me que lhe ia telefonar.

Convoquei imediatamente uma reunião em MAPUÇÁ com os Comdts. dos E.Recs.1 e 2 e C.Caç.9 a quem transmiti estas ordens por intermédio do meu Oficial de Informações e Operações - Capitão Roberto Durão - que aliás também tinha assistido à referida reunião.



Desloquei-me para VELHA-GOA e verificando que a vida na C.Caç.6 continuava normal, mandei chamar o seu Comdt. que tinha saído para um reconhecimento. Disse-me que ninguém lhe tinha dito nada nem tinha sido convocado para qualquer reunião. Aconselhei-o a ir ao Q.G. saber o que se passava. Quando regressou, cerca das 1800, vinha com ordem para partir imediatamente para a Península de Mormugão. Disse-me que não dispunha de viaturas suficientes, como aliás nenhuma Unidade dispunha, mas lá conseguiu transportar a Companhia. Por volta das 2000 e como o Comdt. da C.Caç.1 me não tivesse dito nada sobre o Pel. que devia ocupar a região de TONCA telefonei para o Exmº. Sub-Chefe a perguntar o que havia, ao que me respondeu ter-se esquecido mas ia já dar a ordem.

Pelas 2100 deste mesmo dia recebi do Q.G. um rádio ordenando que as Unidades deviam dar desde já uma instrução intensiva de "INSTALAZA" (única arma anti-carro -não conto com o PIAT- existente no Estado da Índia mas para a qual não havia munições) porque se esperava que as munições chegassem dum momento para o outro.

Pelas 2300 recebi a comunicação do Sr. Comdt. da C.Caç.1 de que ia instalar o Pelotão na região de TONCA conforme determinação do Q.G..

Durante toda a noite ninguém descansou pois o serviço que até ali era feito por uma C.Caç. completa foi naquela noite e dias e noites seguintes feita com o reduzidíssimo pessoal que havia no Comando.

#### Dia 16.DEZ.61

Continuaram a receber-se notícias sobre os movimentos inimigos. A maior parte destas notícias só chegavam ao meu conhecimento quando me deslocava ao Q.G. pois desde que não fossem passadas na minha Zona de Acção já não me era dado conhecimento (Por ex.: Ataque a Canácona e Bali etc.)

#### Dia 17.DEZ.61

Logo de manhã recebi um telefonema do Exmº. Chefe do E.M. para me apresentar às 0845 no Q.G. a fim de o acompanhar numa visita às posições da Zona Norte.

Durante esta inspecção fui informado várias vezes que a situação estava melhor e que com certeza no dia seguinte pelo menos parte das forças devia recolher a Quartéis.

Visitamos as posições do E.Rec.1 e C.Caç.9 e quando, pelas 1400 nos encontrávamos em ASSONORÁ e almoçar fomos informados pelo Chefe do Posto da Polícia de ASSONORÁ de que em HAULINGUEM B (o



posto policial tinha retirado para ali de MAULINGUEM A - 3 Kms.) se travava luta entre forças da União Indiana (militares e civis) e forças do E.Rec.2 havendo já 3 feridos. Deslocámo-nos a BICHOLIM onde nada adiantamos pois apenas ficamos a saber que Sua Exa o General tinha estado em MAULINGUEM em contacto com o Comdt. de Esq., que havia dois homens desaparecidos e um ferido que já tinha sido evacuado para o Hospital de MAPUÇÁ.

Ainda tentei ir a MAULINGUEM saber o que se passava mas o Exmº. Chefe disse ter pressa de regressar a PANGIM e fomos antes ao Hospital ver o ferido tendo sido mandado evacuar para o Hospital Militar.

Depois de termos ainda ido a TONCA ver o Pl. da C.C.1 regressamos ao Vidalcão onde encontramos reunidos o Exmº. General Comdt. Chefe Exmº. Brigadeiro e Sub-Chefe.

Foi ali que tive conhecimento de mais pormenores sobre MAULINGUEM pois discutia-se esse assunto e redigia-se um rádio para Lisboa sobre outro assunto qualquer, reinando uma certa excitação no momento.

Depois de ser posto ao corrente da situação foi-me perguntado qual a minha opinião sobre a atitude a tomar. Respondi que, de harmonia com a ideia de retirada dos Postos para o interior, em minha opinião, se devia contra-atacar o In. para o obrigar a sair do nosso território.

Foi-me respondido por Sua Exa. o General Chefe que não, que a nossa missão era retardar e ganhar tempo, que precisávamos de 8 dias e que estávamos quase a ganhar um dia. Não quis perguntar como, tanto mais que o Exmº. Brigadeiro estava dizendo que não valia a pena estar a perder tempo pois já tinha sido dada a ordem ao E.Rec.2. Ainda respondi a Sua Exa. de que, se a ideia era retardar estávamos então a dar execução ao Plano Sentinela ao que me respondeu que sim. Então informei Sua Exa. de que nesse caso eu não poderia pronunciar-me pois essa Unidade passava a pertencer ao Agr. CENTRO (criado só para esta operação e para acabar pouco tempo depois) do Comando do Exmº. Major Morais.

Retirei-me para Velha Goa onde este assunto era já conhecido pela correspondência enviada pelo E.Rec.2 (havia já 2 mortos, 1 Met. apreendida, alguns feridos, etc.). Telefonei para Pondá e comuniquei ao Exmº. Major Morais o que se passou no Q.G. dizendo-lhe que, segundo o que deduzi daquela reunião o E.Rec.2 deveria estar já sob o seu Comando.

A maior parte dos assuntos eram tratados pelo telefone civil cujas ligações se iam tornando cada vez mais difíceis.

Soube mais tarde que em DOROMAROGO, durante a noite 17/18 houve



tiroteio e que foi chamado o Pel. de ASSONCRÁ em seu auxílio. Disso não tive conhecimento na devida altura. Soube ainda que durante essa mesma noite os E.Rec.1 e 2 foram accionados directamente pelo Q.G. -por intermédio do seu Sub-Chefe- que lhes transmitiu todas as ordens que entendeu sem meu conhecimento nem intervenção. Mais soube ainda que, quando recebi ordem para mandar pôr em execução o Plano Sentinela, e a transmiti a todas as minhas Unidades, já os Esquadrões lhe tinham dado início pois os mesmos Esquadrões é que tinham sido encarregados de avisar o Quartel General de qual a hora a que o mesmo Plano devia entrar em execução.

Nesse mesmo dia tive conhecimento no Q.G. de que um avião se tinha deslocado a KARACHI para trazer uns caixotes que se esperava fossem as tais munições para a "INSTALAZA"; chegados os referidos caixotes, aguardados com tanta ansiedade, verificou-se virem cheios de encomendas para o Natal dos soldados. Esquecia aqui referir que uns 3 dias antes da invasão foi recebido um rádio dizendo que sempre que se saísse para uma missão de patrulhamento ou reconhecimento se tornava necessário experimentar, com uma rajada de 5 tiros, todos os carregadores para ter assim a certeza do funcionamento da arma e o bom estado das munições, tal era a confiança que se depositava numas e noutras.

De facto o caso não era para menos pois por mais de uma vez as acções das nossas forças foram goradas pela deficiência das munições ou do armamento havendo até uma altura em que um Alferes que podia ter com facilidade abatido um terrorista, esteve em riscos de perder a vida.

O Sr. Comdt. do E.Rec.2 informou-me também que no dia 17/DEZ/61 quis fazer fogo com a peça da sua Auto-Metradora e o não conseguiu e o Sr. Comdt. do E.Rec.1 ao pretender bater um alvo com os seus morteiros verificou que, de 3 granadas lançadas, apenas uma rebentou. Experimentando então as armas e munições da C.C.9 cujos homens nunca tinham feito nem visto fazer tiro com tal arma, verificou que apenas um projectil rebentou e os restantes nem saíram do tubo do morteiro.



CAPÍTULO III - A INVASÃO DE GOA

Para mim o Plano da Invasão de Goa começou com os factos ocorridos em MAULINGUEM no dia 17 DEZ 61, que foram os seguintes: pelas 0945 o inimigo, utilizando infantaria, e com ideia de conseguir o domínio das alturas de MAULINGUEM  $\Delta$ , violou o nosso território e ocupou a povoação de MAULINGUEM a cerca de 2 Kms.. O Esquadrão tinha o seu P.O. em MAULINGUEM  $\Delta$  donde observava os movimentos do In.. Considerando oportuno o ataque em virtude do In. ainda se não ter organizado e ele dispor de superioridade de meios, de momento, comunicou o facto ao Comando do Agrupam. pedindo para atacar, pois tinha a sua tropa pronta para isso. Como eu não me encontrava presente na Unidade -acompanhava o Exmº. Chefe do E.M. na visita às posições no Norte- o meu Oficial de Operações apresentou o caso ao Q.G. que passado tempo lhe disse para informar o Sr. Comdt. de Esquadrão que não devia atacar e devia aguardar ordens. Se estivesse presente teria dado ordem ao Sr. Capitão para contra-atacar as forças na referida povoação, decisão esta que eu manifestei no Hídaloço a Sua Exã. o General antes de saber qual foi a resposta mandada dar pelo Q.G..

Por momentos este P.O. foi abandonado e o inimigo de surpresa apoderou-se dele atacando-o provocando 2 mortos e 3 feridos após o que ele teve necessidade de o contra-atacar para a recuperação do P.O. e dos desaparecidos que verificou estarem mortos 2 e feridos 1, o que conseguiu. Esta solução, negando o ataque, abateu um bocado o moral das nossas tropas que viram assim gozada uma boa ocasião de bater o In..

Este rádio, chegado ao E.Rec. às 1500, enviado pelo Agrupamento por determinação do Q.G. foi a última ligação entre o Esquadrão e o Agrupamento porquanto a partir daqui o Q.G. passou a dar ordens directas ao Esquadrão, sem eu sequer ter conhecimento.

Comulativamente ou em sequência, pois deram-se muito mais tarde, passavam-se factos semelhantes em DOROMAROGO onde foi pedido o auxílio do Pel. do E.Rec.1 que se encontrava em ASSONORÁ. Também a intervenção neste caso foi do conhecimento directamente do Q.G. pois dela só tive conhecimento depois de terminadas as operações. Com a ida das secções de Autometralhedora e Atiradores a DOROMAROGO o Comdt. de Esquadrão teve necessidade de puchar à frente o Pelotão que tinha instalado nas imediações de MAPUQUÁ, temporariamente.



Dia 18. DEZ. 61

Cerca das 0430 recebi um telefonema do Exmº. Chefe do E.M. determinando que entrasse em execução o Plano Sentinela. Imediatamente fiz irradiar um rádio para todas as unidades, com aquela ordem, verificando depois que os Esquadrões de Reconhecimento já a conheciam e tinha até sido originada por eles.

Enviado o referido rádio voltei ao telefone perguntar ao Exmº. Chefe se confirmava a ordem dada, pergunta com que ficou muito ofendido, pois sempre me disseram dever ser uma ordem confirmada. A partir deste momento, em que as Unidades saíram do Quartel, ou antes, os Comandos saíram do quartel, deixei de ter com eles ligações rádio conseguindo falar apenas com a sede do E.Rec.1 pelo telefone civil.

Ao amanhecer fui informado por um vigia que tinha colocado num ponto alto do aquartelamento que um avião sobrevoava a Ilha de DIVAR e lançava um fogo encarnado para o terreno. Comuniquei o facto ao Exmº. Chefe do E.M. pois recsei tratar-se dum reconhecimento para lançamento de paraquedistas e eu não dispunha de elementos para lhes opôr.

Pelas 0700 apareceram 4 aviões inimigos que, depois de sobrevoarem a região picaram sobre Bambolim e Aeroporto, que bombardearam, vendo-se de Velha Goa a coluna de fumo da estação Emissora. Notou-se nesta altura, em todos os militares presentes, dos quais alguns estavam inicialmente convencidos serem nossos os aviões, uma quebra enorme do moral.

De então para cá só foram recebidas informações vagas, pelo telefone, e às vezes até dadas pela telefonista de serviço.

Pouco tempo depois o Exmº. Chefe do E.M. telefona-me a perguntar qual a missão do Pel. de Bambolim pois o Alferes não sabia o que havia de fazer. Informei-o que o Alferes era conhecedor da sua missão (só mais tarde soube que não foi o Alferes que telefonou pois já estava morto); disse-lhe que devia retirar para Pangim e na impossibilidade para a Península de Mormugão.

Pelas 0900 novo telefonema do Exmº. Chefe do E.M. dizendo que estava a ver o meu Plano e que por ele via que eu devia estar em Velha Goa até às 2130. Informei-o que documento nenhum determinava isso e que essas 2130 era a hora até que o E.Rec.1 deveria retardar o Inimigo.

Mais lhe disse que só o Plano de Transmissões me sujeitava ao Posto de Velha Goa até às 2000 mas que no meu entender estava errado (como estava errada também a ordem que me mandava entregar o posto no Depósito de Transm.). A partir daquela data servir-me-ia do posto do Altinho.



Pelas 1000 fui informado que o In. já tinha atingido a região de PILLIÃO e estava a bater o Pelotão de TONCA com artilharia e C. C. e que se viu na necessidade de abandonar a lá. posição e ficar apenas com 2 met. com a respectiva guarnição. Em tão boa hora o fez que logo em seguida um avião metralhou a referida posição. Quis comunicar o facto telefonicamente ao Q.G. mas recebi como respostr que tinha acabado de sair, sendo informado depois de perguntar, que tinham ido para AGAÇAIM.

Parti do princípio que se deslocava então para a Pen. de Mormugão, como constava do Plano Sentinela, e como deveria ser difícil a ligação rádio enviei um estafeta com uma mensagem escrita na qual expunha o citado acima e previa a possibilidade de se dar o que estava previsto sobre a Ponte de BANASTARIM, que era a sua destruição antes do B.Rec.2 passar para a Ilha de Goa. Dado que eu não tinha qualquer ligação com aquela Unidade, pedi as providências necessárias. O estafeta regressou dizendo-me ter entregue a mensagem ao Exmº. Chefe do B.H. à saída de Pangim e que lhe respondeu que depois telefonava.

De facto, algum tempo depois recebi o telefonema em que me dizia que tinha mandado 1 Pel. de C.C.1 para o Arco dos Vice-Reis e outro Pl. para Ribandar e quanto ao B.Rec.2 ia tomar providências; nunca mais tive conhecimento dessas providências nem nada me foi comunicado sobre o assunto.

Apareceu-me a certa altura um Sargento do B.Rec.3 que foi encarregado de ir ver se a Ponte ainda estava intacta e pedir-me para aguentar um pouco mais a fim do Esquadrão 2 passar. Mandei-o informar que tinha que ser rápido pois a pressão do In. em TONCA era já grande.

Nesta altura já o posto do Altinho estava a telefonar para Velha Goa dizendo que já não funcionava por falta de baterias e não as podia carregar por falta de energia.

Tive então que levantar o Posto de Velha Goa e deslocá-lo para o Altinho com baterias e grupo de carga e eu desloquei-me para PANGIM onde sempre foi minha ideia instalar, o mais cedo possível, o meu Posto de Comando. No caminho encontrei o Sr. Comandante C.C.1 que me disse não ter ainda cumprido a ordem recebida por falta de viaturas, problema que o Q.G. lhe não quis resolver e que teve de lançar mão de todos os homens não deixando ninguém em Pangim. Cedi-lhe então as viaturas, com grande dificuldade, pois a maior parte delas já andava conduzida por sargentos, pois os condutores, que eram civis, sempre que podiam fugiam. Fui informado que andava a ser procurado pelos Srs. Comdts. da PEI e GF que, uma vez encontrados, me declararam que o pouco pessoal que



lhes tinha chegado do Norte estava muito desorientado e desorganizado.

Com os Srs. Comdts. da PEI e GF dirigi-me ao Hidalcão onde o Sr. Comd. Abel de Oliveira me informou que tinha mandado buscar à AGUADA o Pel. e 50 presos para me entregar, por ordem do Exmº. Sub-Chefe do E.M.. Perguntei-lhe o que queria ele que fizesse aos presos ao que me respondeu ter recebido apenas aquela ordem. Passados momentos apareceu o Mestre da lancha que foi encarregado disso dizendo que não lhe foi possível atracar pelo que os não trouxe. Pedi então ao Comdt. Abel que me mandasse buscar o Pel. e deixasse ficar os presos mas nem nessa altura foi possível trazê-los. O Comdt. do Pel. mais tarde informou-me de que não viria de qualquer maneira, desde que o QG lhe não mandasse uma ordem escrita.

Discutiu-se a situação, juntamente com o Exmº. Secretário Geral, Major Borges e Comdt. Abel de Oliveira, situação que se estava a ver cada vez mais tensa.

Após esta reunião enviei um rádio ao QG enquanto o Sr. Cap. Braz, Comdt. da PEI se deslocava à Pen. de Mormugão a fim de expor a Sua Exª. o General Comdt. Chefe a situação o qual lhe respondeu que "ainda não era a altura da rendição". Nesta resposta parece transparecer que a rendição estaria prevista, embora ainda não naquele momento.

O QG., no meu rádio respondeu que "Missão resistir. Deus o guarda".

O E.Rec.1, do Norte, continuava o retardamento do In., não porque eu tivesse informações, mas apenas porque os seus elementos combatentes continuavam ainda ao Norte do Mandovi. Sobre o Esquadrão de Reconhecimento 2 nunca tive qualquer informação nem sequer sei a hora a que passou ao meu comando, apesar do apelo que fiz ao QG. sobre a mesma Unidade, pois nunca me foi dado conhecimento de qualquer medida tomada.

Só mais tarde soube que a missão do Agr. Centro, a que o E.Rec.2 pertencia, bem como os meios, tinham à última hora sido alterados, sem que eu tivesse conhecimento, pois constava do P.S. que aquela Unidade passaria ao meu comando numa posição ao longo do Rio Candepar, sendo a missão alterada de modo a que essas posições já não eram ocupadas e quando o E.Rec.2 chegasse a essa linha recolhia imediatamente à Ilha de Goa. Não sei se foi essa a ordem que recebi se foi recolher à Cidade de Goa, o que é certo é que, estando previsto no meu Pl. Sentinela a ocupação de umas posições, dentro da Ilha de Goa em região de CRAMBOLIM e Velha Goa, as não ocupou aparecendo-me logo na Cidade de Goa.



Dirigi-me depois ao Comando da PEI onde verifiquei que os homens se encontravam todos desarmados e sentados, com as armas num monte. Queimaram-se papéis e destruíram-se armas (acompanhavam-me os Srs. Major Carvalho e Capitães Durão e Mexia Leitão). Os Srs. Comdt. da PEI e GF declararam-me então que os seus homens estavam rendidos e já não davam nem mais um tiro. Soube nesta altura também que nem sequer tinham rendido as praças da C.C.1 nas guardas a seu cargo (paiois, edifícios, etc.) como estava planeado.

Nesta altura também, pouco mais ou menos, tive conhecimento que um sargento natural, que tinha vindo do QG. tivera dito que no QG tinham havido grandes divergências entre os Comandos e os Oficiais do que resultou uma separação do mesmo; que o Exmo. Brigadeiro e Sub-Chefe se tinham ido embora ficando apenas o Exmo. Chefe do E.M.. Não dei crédito à informação por a julgar boato, mas mais tarde vim a saber ter sido verdade, assim como só muito mais tarde vim a saber que o QG se encontrava em AGAÇAIM pois o P.S. previa o seu deslocamento para a Pen. de Mormugão e não para AGAÇAIM.

Novamente o Sr. Cap. Braz, e agora em nome da esposa de Sua Exã. o General, se dirigiu a Sua Exã. implorando que se rendesse poupando assim a vida a centenas de pessoas entre elas muitas crianças e velhos. Ainda desta vez Sua Exã. respondeu negativamente. Enquanto se passam estes factos, pelas 1500 chega-me o E. Rec. 2 com o qual eu já não contava, pois nunca esperei ter tido possibilidade de passar a Ponte de BANASTARIM (o que só foi possível graças à simulada resistência oferecida pelo Pelotão que se encontrava em TONCA).

O Esquadrão dirigiu-se à região de ALPINHO ficando eu convencido que iria ocupar as posições que lhe estavam destinadas para a defesa da Cidade.

Só mais tarde, quando o seu Comdt. se me dirigiu, soube que não tinham sido ocupadas, ao que eu não puz objecção pois previa que, dada a rendição da PEI e GF, teria que remodelar o dispositivo defensivo. Informou-me o Comdt. do E. Rec. 2 que durante as operações tinha tido 3 mortos e uns feridos ligeiros e que a Unidade, embora com bom espírito, se encontrava esgotada, pois toda a acção de retardamento foi feita debaixo de fogo de artilharia e sempre sobrevoada pela aviação que só não os matou porque não quis.

Perante a ameaça do avanço do In. sobre PANGIM e um possível bombardeamento de Artã e aviação, Sua Exã. Revã. o Patriarca das Índias e Sua Exã. o Secretário Geral, apelaram junto de Sua Exã. o



General para que se rendesse, pedido em que não foram atendidos. Começam a aparecer os primeiros elementos (não combatentes) do E.Rec.1 e C.C.9. O retardamento na Horta continua, demorado, com o E.Rec.1 empenhado na acção. Vão continuando a passar os elementos daquelas Unidades tendo os últimos chegado cerca das 18H. A travessia fez-se com relativa regularidade, à parte umas tantas viaturas avariadas (que tiveram de ser rebocadas do barco para fora).

Os últimos elementos já fizeram a travessia do rio debaixo de fogo de armas automáticas, sem que se tivesse verificado qualquer acidente.

Entretanto a Artilharia In., que depois viu a saber estar já no alto de Saligão, começa a regular o seu tiro sobre PANGIM tendo uma granada caído em frente do Hospital Escolar e outra (segundo fui informado pois não a senti) junto da estrada que dá para o ALTINHO. Ao mesmo tempo uns 3 C.C. (que me parece serem M4A1 SHERMAN) aparecem em BETIM entrando imediatamente em bateria ao longo do Rio Mandovi. Tudo fazia prever que estavam fazendo os preparativos para um bombardeamento nocturno.

Esqueci referir que cerca das 1200 fui informado de que o navio AFONSO DE ALBUQUERQUE estava a ser bombardeado e pouco depois soube que já se tinha rendido e a sua tripulação tinha sido salva, embora a custo.

Com esta situação, sem posições ocupadas e nem sequer preparadas, sem possibilidade de oferecer sequer uma pequena resistência não tinha o efectivo reduzido a 1/2 (com a rendição da PEI e GF) e não dispunha de meios para poder bater a Artã. inimiga e nem sequer os C.C. que se encontravam na outra margem, com o conhecimento de que toda a zona do lado do mar estava livre e propícia a desembarques, reuni os Comdt das Unidades (tendo faltado apenas o Comdt. da C.C.1 que se encontrava em Velha Goa, mas que era uma Unidade de natureza com que pouco se podia contar) reunião a que assistiram também quase todos os oficiais do Escalão recuado do Q.G..

Estudada a situação verificou-se: não haver qualquer possibilidade de luta com o In. nas posições em que se encontrava; não haver meios para opôr à sua Artilharia e Aviação; estar a porta aberta pelo mar para a realização de desembarques; serem insuficientes os meios, tanto em pessoal como em material, para uma simples defesa periférica; não haver qualquer esboço de organização do terreno; que só iríamos provocar a destruição da Cidade de Goa (cuja defesa, repito, era absolutamente impossível) e dos seus habitantes; que durante a noite (com a rendição da PEI



e GF) a cidade iria ficar à mercê dos terroristas e de todas as ciladas possíveis, etc.. Por estes factos achou preferível que a população goessa conservasse na sua memória uma eterna simpatia pelos portugueses e por PORTUGAL, não os sacrificando connosco.

Decidi então propor ao In. a rendição para o que se colocou, numa árvore junto ao rio, uma bandeira branca. Que este acto não seja interpretado como medo; não, não era medo. Era apenas a sensação dum perigo contra o qual nos não podíamos defender porque o não podíamos atingir. Todos temos medo, mas não o medo do corbarde; é apenas a angústia do que se reconhece impotente.

Tal solução, a rendição, foi dolorosa e mais dolorosa ainda porque estava em jogo a perda duma parcela da Nação, mas qualquer outra atitude que fosse tomada o resultado seria pior porque o In. era muitas vezes superiormente numérico, em pessoal e material, às nossas forças e qualquer outra solução daria como resultado apenas a morte de centenas de habitantes e de soldados que podem ainda vir a desempenhar bons serviços noutra parcela de PORTUGAL.

Devo frizar que, à hora da reunião a que atrás me refiro, e à qual assistiram também os Comdts. da PEI e GF e 29. Comdt. da PEI, já no quartel da PEI se tinha içado uma bandeira branca após o que o seu Comdt. foi arrear a Bandeira Nacional de Mastro ou soberania.

Enviei em seguida um rádio ao QG., que não sei se chegou a ser captado pois não obtive qualquer resposta, cujo texto era o seguinte: "Estamos cercados. Fim arte avistava-se Artã. Alto BETIM e vários C.C. orla Rio MANDOVÍ. Iniciaram fogo e movimento demonstrando intenções neutralizar resistência. Fim evitar morticínio população e dada falta meios oferecer qualquer espécie de resistência, reuni oficiais chegando conclusão que memória portuguesa seria melhor conservada no espírito goeses não os obrigar cair connosco. Por isso imensamente constrangidos pedimos troca parlamentares fim evitar ruína Cidade Gos. Aguarda-se resolução para inimigo".

Procuramos 2 parlamentares no Patriarcado tendo-se oferecido voluntariamente o Monsenhor Antão que se dirigiu a BETIM onde conferenciou com o Comdt. das forças indianas. Quando voltou informou-me que o In. garantia tréguas até às 1000 do dia seguinte, hora a que o Comandante viria falar comigo.

Mandei recolher todo o pessoal e material ao ALFINHO onde se aguardou o dia seguinte.



Nesta altura dirigi novo rádio ao QG. com a informação dada pelo In. mas parece-me não ter chegado a ser captado apesar de eu ter mandado tentar a ligação por ALPARQUEIROS.

#### Dia 19. DEZ. 61

Pelas 0900 fui procurado pelo Sr. Cap. Piedade, da PBI, que me disse ter vindo consigo e estar ao porão da Messe do Altinho o Comdt. das Forças Indianas que operaram no Norte, Ten. Coronel Sujan Singh (Sikh) que vinha acompanhado dum Major e dum Capitão. Pouco tempo depois apareceu a sua tropa que tomou conta do Altinho e de toda a tropa portuguesa passando a considerar-nos, a partir deste momento, prisioneiros do exército da União Indiana.

NOTA:- Foi-me manifestada pelos Comdts das Unidades a impressão desagradável que sentiram ao verificarem que se sentiam, praticamente, protegidos pelas forças adversárias, porquanto verificaram que em toda a acção este lhes não provocou mais baixas, podendo mesmo até impossibilitá-los de recolher à Ilha de Goa, porque o não quis. Sentiram-se como que empurrados e não atocados, como quem quer trocar dum adversário manifestamente inferior.

#### CAPÍTULO IV - CAUSAS DA DERROTA

No meu entender podem agrupar-se da seguinte maneira, por ordem de importância:

1. Falta de meios em pessoal
2. Falta de meios em material
3. Falta de informações
4. Falta de posições organizadas
5. Falta de ligações
6. Deficiência dos Serviços.

##### 1. Falta de meios em pessoal

a. O Agrupamento dispunha, inicialmente, apenas de:

1 E.Rec.

1 C.Caç. (-1 Pel. e 1 Sec.) para fazer o retardamento de toda a Zona Norte de Goa, 1 C.Caç. de praças naturais e posteriormente mais 1 E.Rec. para cooperar na defesa da Ilha e Cidade de Goa, não falando evidentemente da PEI e GF de toda a Ilha e Zona Norte (cerca de 350 homens).

De notar que a C.Caç. de forças naturais, que apenas fez parte do Agrupamento para esta acção, embora com os efectivos completos, tinha alguns homens já velhos e quanto a especialis-



tas era muito deficiente.

Em contra-partida, 2 C.Caç. que fizeram sempre parte do meu Agrupam. (C.Caç. 6 e 8) foram-me retiradas e enviadas para a Pen. de Mormugão, como já atrás me referi.

b. Do conhecimento que tenho sobre as praças inimigas que operaram no Norte sei:

- Em primeiro escalão entraram 2 Batalhões de paraquedistas reforçados com anfíbios e carros de combate: o 19. Bat. dirigiu-se a Betim e Tonca (daqui para Velha Goa); o 22. Bat. ocupou as regiões de Valpoi, Onda, Sanquelim e Piligão.

- Seguiu-se-lhe a 17ª Brigada Komach com: 1 Bat. pelo Norte directo a Mapuçá e Betim; outro Bat. por Onda-Fondá e um terceiro em 2º. escalão até Tonca.

De frizar que a Brigada de paraquedistas constitui a "elite" das Forças da União Indiana.

- Estas forças eram apoiadas por 2 grupos de Artilharia:

1 Grupo 7,5 montanha que se ficou pelas alturas de Saligão e outro Grupo (auto) Sherman 10,5 que se instalou por alturas de Forvorim.

Estes dados foram-me proporcionados por conversas ouvidas aos oficiais da União Indiana pois outras informações não tive nem antes nem durante as operações.

Tal desproporção era o suficiente para uma impossível defesa acrescida, é claro, ainda da falta de material e que me refiro no nº. 2.

## 2. Falta de Meios em Material

O Agrupamento não dispunha de aviação, artilharia nem C. Combate e nem sequer de armas anti-carro; dispunha apenas das "INSTALAZA" mas não havia munições para elas. Dois dias antes da invasão ainda chegou a ser determinada uma instrução intensiva daquela arma na esperança de que viessem as munições mas não chegaram.

Uns dias antes também foi feita, por algumas Unidades, uma distribuição de canhões anti-carro, destinados em especial à defesa costeira, mas de nada serviram dado o completo desconhecimento daquelas armas nas Unidades.

Em contra-partida o In. dispunha de: Aviação, Artilharia, Carros de Combate, Carros Anfíbios, Canhões a/recúo 10,6 montados nos carros anfíbios e em Jeeps, Lança-granadas, Bazucas, Lança-gr. 5 cms., Espingardas Automáticas e a maior parte das Espingardas estavam equipadas com o dispositivo de lança-granadas.



De assinalar, também, o estado das munições a que atrás já fiz referência.

De reconhecida notoriedade os meios de transmissão de que as forças indianas dispunham.

### 3. Falta de Informações

Foi manifesta a falta de informações tanto antes como durante as operações:

- Antes das operações: - desconhecia por completo o que se passava no território de Goa pois era apenas informado do que se passava na minha ZA e nem sequer como por exemplo a retirada dos postos de fronteira alguns dos quais desconheci e outros só por acaso tive conhecimento.

Nunca tive qualquer informação sobre o inimigo que me auxiliava se a reconhecê-lo como por exemplo: como se fardava, se usava turbante, chapéu, boina ou bivaque, se usava barba, etc.

Foi para mim verdadeira surpresa a aparição dos SIKHS pois podia muito bem passar por mim um indivíduo assim vestido que não levantaria qualquer suspeita, dada a diversidade de trajos a que aqui nos habituamos.

- Durante as operações: - dada a deficiência das ligações rádio, a que adiante me refiro, foi completamente impossível o envio de informações por este meio.

Por estafeta também era difícil dado que a necessidade de atravessar o rio Mandovi as demorava tanto, que perderiam com certeza a oportunidade.

Quero aproveitar a ocasião para frisar de que era voz corrente que tudo o que se passava no Q.G. era trazido para fora dos elementos que ali trabalhavam. Isso foi muitas vezes focado nas reuniões.

### 4. Falta de Posições Organizadas

O meu Agrupamento não dispunha de qualquer posição organizada para a defesa da Ilha ou cidade de Goa. Sempre que (e foram muitas as vezes) nas reuniões se procurou fazer ver que o sítio ideal para uma possível defesa seria a Ilha de Goa, os Exms. Sub-Chefes (quem sempre presidia às reuniões) afirmavam que também o compreendiam (neste ponto parece-me que me devo referir apenas ao Exmº. Major Matos Correia) mas que estava assim, era a ideia do nosso Comandante e que já se não modificava.

A grande preocupação do Q.G. foi sempre a Pen. de Mormugão e a atestá-lo está:

- Foi prevista ali a concentração de mais de 2/3 dos efectivos



- de Goa, numa região com uma área metade da Ilha de Goa.
- As 2 Bat. de Artã, existentes em Goa foram destinadas à Pen. de Mormugão.
  - Durante uns 5 ou 6 dias cerca de 300 homens foram utilizados na organização das posições da Pen. de Mormugão enquanto que na Ilha ou Cidade de Goa nunca se pensou em qualquer organização.
  - A única Unidade do Agrupamento totalmente operacional (embora fosse reserva do Q.G.) foi enviada para uma posição na Pen. de Mormugão.

#### 5. Falta de Ligações

Dado o estado em que se encontravam os Postos de Rádio (o que ultimamente estava sofrendo uma considerável melhoria) as ligações com as Unidades, mesmo antes da invasão, eram muito deficientes.

Logo que tiveram início as operações, e deixaram de existir os Postos fixos, nunca mais foi possível qualquer ligação rádio. A ligação por estafetas também era difícil porquanto as Unidades trabalhavam ao Norte do Mandovi e o Comando se encontrava ao Sul do mesmo rio (e inicialmente em Velha Goa).

#### 6. Deficiência dos Serviços

O Plano Administrativo-Logístico referente ao Plano Sentinela nunca chegou a ser distribuído.

- Serviço de Intendência: - O pessoal não dispunha da alimentação necessária.

Tínhamos sido informados verbalmente que logo que as operações começassem o Serviço de Intendência poria junto das Unidades pão para 2 dias. As Unidades dispunham unicamente de 200 grs. de sardinha, 200 grs. de cavala e 400 grs. de atum, por homem, em latas de 5 Kgs.

O pessoal que esteve toda a noite e todo o dia debaixo de fogo e mal alimentado apresentava-se cansado e com fome. Esta alimentação, o cansaço das noites perdidas e do esforço durante aqueles dias, abateu imenso o moral das tropas e a sua resistência física.

- Serviço de Saúde: - Tinha sido informado, verbalmente numa reunião, pelo Sr. Chefe do S.B. que seriam montados, e enviada a sua constituição, Postos de Socorros em Mapuçá e Velha Goa e que ficaria com um H.C.M. inicialmente em Ribandar e depois em Pangim. Nunca foram montados os P.S. nem sequer enviada a sua constituição e o H.C.M. nunca funcionou em Ribandar nem nada



Já em FONDÁ, foi a tropa portuguesa organizada, pelo Comando Indiano, em 4 companhias cabendo-me o comando da Companhia A. Tenho procurado sempre manter em todos os militares a maior correcção, apuro e disciplina.

Tenho lutado pelo interesse dos nossos soldados procurando esclarecê-los sempre sobre todos os assuntos de que necessitam. Tenho-os aconselhado sempre a que não dêm ouvidos ao que os soldados indianos lhes dizem nem dêm crédito aos boatos que aparecem. Quanto ao primeiro assunto, logo que fui informado que os soldados indianos diziam aos nossos que, se iam para o trabalho era por culpa dos oficiais portugueses (julgo que com o intuito de fomentar uma revolta nos nossos homens) apresentei imediatamente, numa reunião de todos os oficiais com o comdt. indiano, o meu protesto contra tal procedimento no que fui atendido pelo comandante indiano que me declarou ir tomar as suas providências no sentido de evitar tais factos. Desde essa altura não mais se ouviu falar no assunto.

Quanto aos boatos são aqui, felizmente, raros e desfazem-se como o fumo e mesmo os que existiram eram inofensivos.

Os mais perigosos têm-nos chegado, infelizmente, através da nossa Emissora Nacional -no Programa É PORTUGAL que manda-mas nos quais ninguém acredita pois nunca por cá correram, assim como se não acredita na série de mentiras, lidas aos microfones, escritas pelo jornalista Urbano Carrasco no Diário Popular, não só sobre a vida neste Campo como até sobre outros assuntos pois nós que aqui estamos é que sabemos como tudo se passa.

Fondá, 18 de Março de 1962

O Comandante do Agrupamento

Acácio Nunes da Cruz Tenreiro  
Major de Cavalaria



me foi comunicado a esse respeito.

- Serviço de Material:- Três dias antes da invasão fui informado de que as munições para o Agrupamento se encontravam no Paio de Batalem, do qual foi encarregado um oficial do D.M.Guerra. Mandei o meu oficial de Reabastecimentos entender-se com ele, verificar as munições e pedir-lhe uma relação qualitativa e quantitativa.

Foi-lhe respondido que essa relação ia ser fornecida pelo Serviço de Material, o que nunca se chegou a verificar.

#### CAPÍTULO V - O CAPTIVEIRO

Pouco tempo depois de termos sido feitos prisioneiros compareceu no ALTINHO o General Candeth acompanhado de um Brigadeiro e vários oficiais e de um indivíduo trajando civilmente. Foi interrogado acerca do paradeiro de Sua Ex.ª o General Governador General do Q.G. e do efectivo que se encontrava na Península de Mormugão. Neguei-me terminantemente a responder, dizendo que o desconhecia, o que por acaso era verdade.

O indivíduo que trajava civilmente, com modos bastante bruscos ainda me disse que eu era obrigado a responder mas continuei a responder que desconhecia.

Comecei então a receber ordens do Ten. Coronel SUJAN SING, Comandante do Campo, sobre os alojamentos para os oficiais, sargentos e praças bem como sobre o destino a dar ao material. Quanto às praças ainda chegaram a deslocar-se para a Cidade (talvez para serem alojadas na PEI, C.C.8. ou C.C.1) mas quando ali chegaram foram mandadas regressar ao Altinho (parece que por aquelas Unidades não estarem em condições de serem habitadas).

Foi então todo o pessoal alojado nos apartamentos da Messe, embora com dificuldade pois houve necessidade de meter aos 25 e 30 em cada apartamento. Essas dificuldades viriam ainda a aumentar com a chegada constante de mais prisioneiros.

Recebi ordem também para confeccionar a alimentação com os nossos géneros que deveriam ser para uns dias porquanto durante um período não lhes seria possível fornecê-los dada a impossibilidade de os transportar em virtude das várias destruições por nós efectuadas.

Neste capítulo devo confessar que senti as maiores dificuldades possíveis. No que respeita a oficiais e sargentos, os fogões estavam parcialmente destruídos, os caldeiros, tachos e a maior parte da loiça e talheres tinham sido levados pelo Q.G.. No que respeita a praças a falta de cozinhas rodadas foi notória pois



apenas me apareceram 2 cozinhas rodadas, uma grande e uma pequena. Foi necessário pedir para ir a uma das Unidades de Pangim buscar uma que ali existia o que foi extremamente difícil, e teve de se improvisar outras.

Por estes factos durante o dia 19/20 não foi possível distribuir qualquer refeição; apenas se distribuía pão e numa das refeições atum. Só no dia 21 foi possível já confeccionar as refeições.

Outro problema de difícil solução foi a água. Com a destruição das pontes deixou de ser feito o abastecimento do Altinho. As Unidades não dispunham de carros de água pelo que teve de se recorrer apenas a um depósito montado sobre uma camionete, pertença do E.Rec.2, com que, graças à diligente acção do 2º Sargento Casaco, se conseguiu abastecer, embora dificilmente, as messes, o rancho e os apartamentos acrescentados ainda que muitos dos carregamentos eram anexados pelas tropas indianas.

Os oficiais foram proibidos de entrar na sua messe e recinto da piscina, passando a servir-se, juntamente com os sargentos, da messe destes.

Dado o elevado número de oficiais e sargentos e o reduzido número de pratos e lugares na messe, houve necessidade de organizar vários turnos às refeições. Graças à boa vontade e compreensão de todos os oficiais e sargentos, devo confessar que esta missão me foi imensamente facilitada pois na sua maioria sostavam de bom grado as instruções que lhe eram dadas.

A partir do dia 21 foram sempre distribuídas, com regularidade, às praças, sargentos e oficiais, as três refeições.

No próprio dia 19 da parte da tarde foram conduzidos, por elementos do exército indiano, ao Altinho, vários oficiais do QG. entre eles os Excelentíssimos Majores Moraes, Peralta e Pimentel, vindos de Agaçaim.

Nesta altura dirigi-me com o Sr. Maj. Moraes ao Comdt. Indiano dizendo-lhe ser ele mais antigo e portanto passaria a comandar a tropa portuguesa ali existente. Dado que o Exmº. Major Moraes se encontrava lesionado num joelho, o Comdt. indiano mandou-o para o Hospital embora ele tivesse manifestado apenas o interesse que um médico o tratasse ali. Uma vez que baixou ao Hospital continuei eu no desempenho daquelas funções.

Nessa altura recebi ordem para mandar uma viatura buscar oficiais, sargentos e praças que se encontravam presos em AGAÇAIM. Enviei então, duas viaturas tendo-me pelas 17H30, chegando várias praças, sargentos e alguns oficiais entre os quais os Srs. capitães Bordaégua, César Monteiro, Menezes, Ruben d'Andrade e Dr.



Ângelo Augusto.

Só em 20 me ocorreu que no campo se encontrava um oficial do activo e das armas mais antigo que eu -Sr. Major Peralta- ao qual me dirigi dizendo que ia propôr para ele passar a comandar. O mesmo Sr. Major no dia que se não fizesse porquanto uma vez que a tropa do antecedente era do meu comando, deveria ser eu a continuar a olhar por ela e que ele se não sentia por isso. Considerei a sugestão aceitável e continuei no Comando.

Foi neste mesmo dia, de manhã, que me apareceu o pessoal da PEI e GF o que veio ainda aumentar mais as dificuldades de alojamento e alimentação.

A partir de um determinado dia, que não posso precisar, fui autorizado a ir à Cantina e ao Quartel da PEI buscar géneros pois já se lutava com a sua falta. Os dias foram-se passando com muitíssimo trabalho e barafunda, como é de calcular, mas aqui e ali ia sendo auxiliado por um ou outro oficial o que bastante me aliviava pois o Comdt. Indiano não me deixava um momento livre e sossegado tais eram as exigências em relações, mapas, pessoal a nomear para serviços, etc., etc., não contando com a série de necessidades nossas que era preciso expôr e cuja resolução era extremamente morosa.

Nesta situação me conservei desde o dia 19 a 25 de Dezembro.

Por volta do dia 21 foi-nos determinado que devíamos fazer umas relações, em triplicado, dos valores que cada um possuía. Feitas as relações foi-nos dito já não serem necessárias mas que agora seria preciso fazer outras, também em triplicado, de tudo quanto cada um possuía (roupas, relógios, rádios, canetas, etc.) tendo o Comdt. indiano dito que não era para nos tirarem mas apenas para não permitir a sua venda.

Foi-me também determinado que recolhesse todo o dinheiro existente no Campo tendo sido informado que o mesmo se encerraria num caixote e ficaria à nossa guarda. Disso se encarregou o Sr. Capitão Frazão que o manteve sempre à sua guarda até à distribuição feita já em Pondá.

Já tinha conseguido que o Comdt. indiano me montasse uma Cantina no Altinho para venda de artigos necessários à higiene do pessoal, não se tendo efectivado a sua montagem em virtude da troca de comando.

Esta troca de Comandos Indianos fez-se no dia 23 tendo ficado a comandar o Coronel SHAN. Parece-me ter sido dele a ordem de recolha do dinheiro.

Tendo-se apresentado do Hospital, em 24 à tarde, o Exmº. Major Moraes, propuz-lhe a entrega do comando, facto que comuniquei ao



Comandante do Campo que me disse dever aquele Oficial assumir as funções em 25 de manhã. A partir desta data, 25 de Dezembro, ficou portanto o Sr. Major Morais a comandar a tropa portuguesa internada no Campo do Altinho, até 27 de Dezembro, dia em que marchamos para Pondá onde passou a assumir aquelas funções o Sr. Immediato do Navio "AFONSO DE ALBUQUERQUE".

Durante os dias que ainda permanecemos no Altinho procurei aliviar o Sr. Major Morais o mais possível pois tudo quanto dizia respeito a alimentação e formaturas, que era o que do antecedente dava mais trabalho, ficou exclusivamente a meu cargo, ficando ele apenas com a parte referente ao contacto com o comando indiano.

Não posso deixar de frizar aqui que, quando em 25 de Dezembro foi conhecida a notícia de que marcharíamos a pé para Pondá - cerca de 30 Kms. - se verificou uma grande quebra do moral e que muitos oficiais e sargentos se inscreveram na lista dos doentes para fazerem o percurso de camioneta. O facto não deve ser para estranhar dada a avançada idade de uns e o estado de saúde de outros tudo isto acrescido da deficiente alimentação que vinha sendo distribuída havia 8 dias.

Outra alimentação não podia ser distribuída porque, mesmo que houvesse géneros, a sua confecção era impossível.

Quero aqui frizar que fomos sempre bem tratados (embora no 19. dia se verificassem alguns roubos por parte dos soldados indianos) embora inicialmente com rapidez, que fomos avisados por mais que um oficial general ou comdt. indiano de que seríamos bem tratados e que as nossas vidas eram para eles tão preciosas como as suas próprias.

Por mais de uma vez expuz aos nossos homens a nossa situação dizendo-lhe que, embora com altivez e dignidade, deveríamos cumprir as suas ordens e guardar-lhes o devido respeito. Parece-me terem sido scatados os meus conselhos pois todo o pessoal demonstrou correcção e bom comportamento o que mais tarde se veio a reflectir no modo de tratamento pois três dias depois fui chamado ao Sr. Ten. Cor. JING que me disse que em virtude do nosso bom comportamento autorizava o uso da piscina aos oficiais e ainda, a quando da sua despedida, em frente de todos os nossos militares e do novo Comdt. indiano declarou que regressava à União Indiana com óptima impressão nossa e satisfeito pela maneira como o seu comando tinha decorrido, o que só foi possível graças ao comportamento e correcção de todos.



COMENTÁRIOS AO RELATÓRIO DO  
COMANDANTE AGRUPAMENTO "D. JOÃO DE CA TRO"

O presente relatório apresenta uma descrição minuciosa de factos sem interesse operacional, a maior parte das vezes de forma menos precisa e com insinuações pouco convenientes.

Mostra ignorância do funcionamento dum QG. e ignorância ou propósito de elaborar um relatório operacional, que, do ponto de vista operações, não mostra a marcha dos acontecimentos nem dá uma ideia de como a acção decorreu.

Procura justificar-se atirando com todas as culpas para o Comando Superior e se é certo que algumas das justificações apresentadas são de considerar, como por exemplo a falta de efectivos e de meios, outros há que não se admitem, como por exemplo as invocadas quanto às pretensas desinteligências dos Comandos Superiores ou quanto às alterações dos efectivos.

Finalmente, parece esquecer-se pelo que expõe, que a sua acção dentro do Plano "Sentinela" estava perfeitamente definida há muito, não tendo sofrido qualquer alteração, e que, dada a independência da sua actuação, em especial na Ilha de Goa, a responsabilidade de quaisquer faltas verificadas na organização da sua defesa lhe compete directa e primariamente como Comandante de todas as forças neste sector.

Vejamos agora o relatório em causa, comentando somente os factos mais salientes ou que mais interesse possam ter para a sua apreciação:

CAPÍTULO I - "PLANO SENTINELA"

- a. As considerações produzidas sobre o estabelecimento definitivo da missão, anteriores a 1 de Outubro de 1961, a quando da elaboração do Plano Sentinela, que se referem ao tempo do Major Ramos de Freitas como Sub-Chefe do EM, não têm interesse, visto que no momento da invasão, o Comandante do Agrupamento não tinha quaisquer dúvidas sobre a sua missão, conforme declarara 2 ou 3 dias antes ao Comandante-Chefe, numa reunião havida no QG e a que assistiram o Comandante Militar, os Comandantes dos Agrupamentos e demais oficiais do QG.

Evidentemente que as deficiências de efectivos e de meios para o cumprimento da missão, eram reais, mas o problema era geral e não estava na mão do Comando poder solucioná-lo.

- b. No que diz respeito aos Anexos do Plano Sentinela o assunto



está exposto no relatório do Chefe da 3ª. Repartição. De facto, nem todos os anexos acompanharam o Corpo do Plano, mas foram difundidos com tempo suficiente aos respectivos destinatários. Assim:

- Em Setembro foi difundido o Anexo Informações.
- Em Novembro, o Plano de Barragens e o Anexo de Tracal.
- Em princípios de Dezembro, o Plano de Transportes Fluv.
- Em 16 de Dezembro, o Plano Administrativo-Logístico (Quanto a este há a notar, que dias antes, numa reunião no QG com os Comandantes de Agrupamento e Chefes de Serviços, foi discutido o apoio logístico a fornecer às operações e depois de assentes as modalidades de reabastecimento e de evacuação, foram ditados os pontos que interessava a cada Agrupamento, tendo os respectivos Comandantes tomado as devidas notas.

É de notar que o relatório não faz referências ao Plano de Transportes Fluviais que o Agrupamento recebeu, pormenorizou e difundiu às suas Unidades, conforme cópia remetida ao QG. Esta omissão reputa-se importante, pois que, durante a condução, a preocupação da passagem pela ponte de BANASTARIM do E.Rec.2 antes desta destruída parece levar à conclusão que tal plano não foi considerado.

## CAPÍTULO II - PERÍODO ANTERIOR À INVASÃO

### 15 Dezembro de 1961

a. As informações antes das operações trabalharam sempre de modo normal, sendo difundidas imediata e periodicamente de acordo com o seu grau de urgência.

Os boatos eram tantos, que urgia depurá-los e recortar as notícias conscienciosamente antes de difundir qualquer informação. É natural que a informação da pista de aviação In. capturada pela U.I. 20 Kms. para o interior da fronteira que o Comandante do Agr. diz ter recebido "por acaso" no Posto de DOROMABOCO ainda não tivesse chegado ao conhecimento da 2ª. Repartição do QG.

b. A evacuação de alguns postos da fronteira foi dada a conhecer aos Comandos interessados. Como a FEI e a GF estavam dependentes directamente do Comandante-Chefe, é natural que o conhecimento pelo Agrupamento dessas alterações fosse posterior à evacuação dos referidos postos, no entanto, os E.Rec. das respectivas áreas foram avisados com antecedência dessas mudanças, pelo que o facto nenhuma importância poderia ter no



conjunto das acções dos Agrupamentos.

As considerações expostas pelo Comandante do Agr. sobre a retirada de alguns postos da fronteira, 1,5 a 2 Kms. para o interior são descabidos e não lhe competem. Trata-se duma determinação do Comandante-Chefe, aliás perfeitamente justificada na altura. O assunto está desenvolvido no relatório do Chefe da 3ª. Repartição.

- c. A insinuação que pretende fazer, quando fala nas reuniões do QG e em que afirma que estas terminavam sempre ao nível Sub-Chefe, só demonstra falta de conhecimento do funcionamento dum Q.G..

O Comandante-Chefe assistia sempre às reuniões semanais inter-armas efectuadas no Q.G..

- d. As afirmações feitas acerca dos factos ocorridos em 15 Dezembro após a reunião no QG. e mesmo durante esta, não estão inteiramente correctas e nem sequer diziam respeito ao Agrupamento em grande parte dos casos. Assim:

- O Comandante da C.Caç.6 não se encontrava presente à reunião porque tinha sido mandado efectuar um reconhecimento pelo QG.. Logo que se apresentasse seria informado da situação, conforme sucedeu aliás e ainda nessa noite se deslocou para as suas posições na Península.
- O Pl/C.Caç.1 só foi mandado para TONCA depois da vinda do Comandante da C.Caç.6 e se decidir que esta Unidade iria imediatamente ocupar as suas posições. Não houve pois qualquer esquecimento na ordem de instalação do Pl/C.Caç.1 em TONCA. O que houve foi que obter uma coordenação de acções e as decisões necessárias antes das ordens poderem ser emanadas. A instalação do Pl/C.Caç.1 em TONCA efectuou-se no princípio da noite de 15/16, ou seja, quase com três dias de avanço em relação ao previsto no Plano Sentinela. As suas posições, conforme informação do CEM na sua visita durante o dia 17, estavam organizadas e camufladas muito razoavelmente.
- Finalmente, o deslocamento da C.Caç.8 para a Península de Mormugão, aliás conforme o indicado no Plano Sentinela, não se acredita não ser do conhecimento do Comandante do Agrupamento D. JOÃO DE CASTRO. Aliás tal deslocamento accionado directamente pelo QG, em nada affectava o Agrupam. e mais não traduzia que a execução do previsto naquele PLANO, e o Agrupamento sabia que não podia contar com esta unidade.



Na Aguada ficou 1 Pl. para guarda dos presos que se manteve em contacto.

Por outro lado, uma vez que foi dada ordem de entrada em posição às Unidades, de acordo com o Plano Sentinela, a C.Caç.8 deixava automaticamente de pertencer ao Agrupamento.

#### Dia 16 Dezembro de 1961

As informações como já se frizou, eram difundidas aos Agrupamentos, imediata ou periodicamente consoante o seu interesse e grau de urgência.

#### Dia 17 Dezembro de 1961

a. A insinuação feita, de que o Chefe do EM não quis ir ver o que se passava em MAULINGUEM, conforme o Comandante do Agrupamento pretendia, alegando falta de tempo, para seguidamente ir ver as posições do Pl/C.Caç.1 instalado em TONCA e um ferido ao Hospital Militar, não parece correcta, nem corresponder às realidades.

b. As afirmações produzidas acerca da reunião havida no QG em 17 de Dezembro, bem como as referências ao accionamento directo das suas Unidades pelo QG sem seu conhecimento não estão inteiramente correctas. Assim:

- Não se percebe qual foi a sua intenção ao fazer o telefonema ao Comandante do Agrupam.CENTRO, Major Morais, dizendo-lhe que tinha "deduzido" da reunião havida no QG que o E.Rec.2 já estava sob o seu comando, pois o Plano Sentinela ainda não tinha entrado em execução, nem ninguém o tinha encarregado de transmitir qualquer ordem àquele Agrupamento. Tal atitude, só poderia ter provocado uma precipitação dos acontecimentos e estabelecer uma confusão difícil de destrinçar, se o Major Morais não tivesse resolvido esclarecer-se convenientemente junto do QG, para chegar à conclusão de que a situação não tinha sofrido qualquer alteração.

- A atitude a tomar pelo Comandante do E.Rec.2 nas acções preliminares do dia 17 foi orientada directamente em MAULINGUEM pelo Comandante-Chefe. Não tem interesse, nem compete ao Comandante do Agrupamento, discutir esta orientação que o Comandante-Chefe entendeu mais oportuna, dada "in loco".

A sua preocupação do contra ataque é ridícula.

As informações eram tão escassas e a situação tão pouco conhecida, que as acções de contra ataque tinham que ser



seriamente pesadas antes de se decidirem, não só para serem evitadas as provocações, como para não nos arriscarmos a perder algumas unidades que nos iria comprometer toda a manobra prevista, na hipótese dum ataque em força pela U.I..

A título de anotação lembra-se que o Comandante do Agrupamento com a sua apregoada falta de efectivos e opinião acentuada da contra ataque, parece estar em contradição.

- O contacto directo dos E.Rec.1 e 2, com o QG era absolutamente necessário para se definir com precisão a situação e a entrada em execução do Plano Sentinela. Da evacuação dos Postos de fronteira foi sempre dado conhecimento antecipado e directo aos E.Rec..

Isto mesmo está determinado nas "Disposições Anexas aos mapas da Cobertura de Fronteiras, nos seus n.ºs. 6, 7 e 8, que se transcrevem:

"6- Os E.Rec. passam já a ter o mesmo número de sector que lhe é atribuído e porque também é designado o respectivo Grupo de Cobertura.

Desta forma:

- O E.Rec.2 passará a E.Rec.1
- O E.Rec.4 passará a E.Rec.2
- O E.Rec.3 mantém-se E.Rec.3
- O E.Rec.1 passará a E.Rec.4

7- A direcção de todas estas acções compete exclusivamente ao Comando-Chefe através do QGFA com que os Comandantes dos Grupos de Cobertura se correspondem directamente.

8- Em casos especiais, como é o do Sector n.º3, poderão os Comandantes do Subsector corresponder-se, imediata e directamente, com o QGFA, dando, logo que possível, conhecimento ao comandante do Grupo de cobertura de que são subordinados.

No caso de forte pressão ou grave ameaça do adversário, e para qualquer subsector, a transmissão ao Grupo de Cobertura e ao QGFA, deve ser imediata e por esta mesma ordem de discriminação de tais órgãos."

Por outro lado, haveria que aproveitar os telefones civis para a ligação directa, doutra forma, a oportunidade das informações não seria obtida. As acções levadas a efeito no dia



17 diziam respeito às posições de cobertura e interessavam mais o QG que o Agrupamento, e não havia tempo para esperar o accionamento das Unidades pelo Agrupamento. Acresce o facto da PEI e GF, entidades mais interessadas não se encontrarem ainda subordinadas ao Agrupamento.

Logo que a situação se esclareceu e o Plano Sentinela entrou em execução, foi dado conhecimento ao Comandante do Agrupam. Em contacto com os E.Rec. 1 e 2 estava todo o QG, normalmente, o Comandante Militar, e o Chefe do EM e não só o Subchefe como o Comandante do Agrupamento afirma.

- c. As deficiências das munições apontadas enquadram-se no esquema geral do estado do material e das munições, que constam do relatório do Chefe do Serviço de Material.

### CAPÍTULO III - A INVASÃO DE GOA

Os comentários às operações constam dos relatórios do Comando e do Chefe da 34. Repartição pelo que não serão agora referidos. Apenas se salientarão alguns pontos e se transcreverão os comentários elaborados pelo Comandante da PEI no que respeita às alusões feitas à sua pessoa ou àquela corporação pelo Comandante do Agrupamento.

#### 18 Dezembro de 1961

- a. O Pl. de BAMBOLIM foi mandado aguardar no local, ordens do Comandante do Agrupamento.
- b. O retardamento do In. a N de MANDOVI estava previsto até D (2000) e não até 2130 como afirma o Comandante do Agrupam.
- c. O Chefe do Estado Maior não se recorda da conversa telefónica referida pelo Comandante do Agrupamento D. JOÃO DE CASTRO mas admite que tenha feito essa conversa. Em caso algum admite que tenha sugerido ou ordenado qualquer alteração ao que estava determinado do antecedente relativamente ao citado Agrupamento.
- d. O pedido que foi feito ao Comando Naval em relação ao Pl/C. Caç.8 instalado na Aguada, dizia respeito ao seu transporte para a Península de Mormugão, como estava previsto e não para Pangim.
- e. A alteração da missão e meios do Agrupamento do CENTRO (envio antecipado da C.Caç.3 para a Península de NORMUGÃO) em nada afectava a missão do Agrupamento D. JOÃO DE CASTRO e em nada lhe interessava. Por outro lado, a transferência de Comandos



do B.Rec.2 finda a acção do Agrupamento CENTRO, era assunto a fixar entre os Comandantes dos Agrupamentos interessados - CENTRO e D. JOÃO DE CASTRO.

- f. A ordem de movimento do QG e a sua instalação inicial em AGAÇAIM foi transmitida a todos os Agrupamentos com grande antecedência.
- g. Não houve quaisquer divergências nos Comandos. A insinuação que o Comandante do Agrupam. pretende fazer não corresponde a qualquer facto real. Como já se indicou, a partir de 181230 O Comandante-Chefe, o Comandante Militar e o Chefe da 3ª.Repartição pas aram a constituir um PC Avançado na Península de NORMUÇÃO. Em AGAÇAIM manteve-se o Escalão Avançado do QG até se deslocar também para a Península em 190100.
- h. Sobre os factos ocorridos em PANGIM, e descritos pelo Comandante do Agrupamento sobre a PEI e seu Comandante transcrevem-se os comentários deste último:

"Antes de iniciar os esclarecimentos às referências que no relatório do Comandante do Agrupamento D.João de Castro, Senhor Major Tenreiro, me são feitas, tenho, infelizmente, de assinalar que as mesmas pecam por inexactidão de factos ocorridos em 18DEZ61 e, não sei porquê, parecem mostrar o propósito de envolver o capitão Braz, então comandante geral da Polícia do Estado Português da Índia, como tendo responsabilidade na rendição do referido Agrupamento ou como tendo concorrido para a perturbação das medidas de defesa militar de Pangim pelo mesmo tomadas.

A impotência das nossas forças perante a superioridade esmagadora em número e meios do exército invasor, com destaque para a acção desmoralizadora exercida pela aviação, a falta de armas para opôr à acção desta, dos blindados, etc., poderão justificar a rendição das forças do Agrupamento D.João de Castro, mas não posso compreender como, não tendo operacionalmente com o Comando do mesmo nem tendo desempenhado qualquer missão que de emergência me pudesse ter sido atribuída pelo Senhor Major Tenreiro, me sejam feitas tantas referências no seu relatório.

Não se compreende como possa atribuir-se à Polícia responsabilidades pela rendição das forças do Agrupamento D.JOÃO DE CASTRO, quando é certo que os elementos desta Corporação nenhuma missão receberam do Comando daquele Agrupamento, como pode verificar-se dos relatórios dos senhores capitão Minas da Piedade e tenente João Aranha, que a seguir se transcrevem, na parte que interessa:



1) Relatório do Senhor capitão Minas da Piedade:

- A folhas 1 "No decorrer do mês de Setembro de 1961 foi-me ordenado que comparecesse na sede do Agrupamento D. João de Castro, em Velha Goa, a fim de tomar conhecimento da missão que competiria aos elementos da PEI da área daquele Agrupamento existentes a Sul do Rio Mandovi, em caso de operações militares.
- "Foi-me nessa altura dito pelo Exmº. Comandante do Agrupamento que me caberia comandar todas as forças da PEI existentes na Ilha de Goa e as que posteriormente aqui recolhessem, vindas do sector Norte.
- "Como missão, foi-me fixada a seguinte:
- "Manter a ordem pública em toda a Ilha de Goa, guardar os edifícios públicos, substituir, à ordem, os elementos da CCI que guardavam os paços de Batulam, montar uma vigilância móvel na praia de Siridão e outra na região de Tonca (PANGIM) e colaborar na defesa da Ilha de Goa e por último na cidade de Pangim com missões a indicar oportunamente."
- A Folhas 2 "Em 17DEZ61 tendo sabido dos acontecimentos de Maulinguem, dirigi-me, cerca das 11 horas, ao Comando do Agrupamento D. JOÃO DE CASTRO, em Velha Goa, a fim de estabelecer ligação com aquele Comando. Ali me demorei mais de uma hora aguardando a chegada do respectivo comandante. Como tinha assuntos a tratar no Comando da PEI, retirei-me tendo deixado dito ao senhor capitão Mexia Leitão, que transmitisse ao senhor Comandante do Agrupam., quando chegasse, que eu ali tinha estado e que qualquer comunicação que houvesse por bem fazer-me bastaria telefonar-me para o Comando da PEI para me transmitir ou mandar comparecer em Velha Goa."
- "Após isto não entrou nunca o Comando do Agrupamento em contacto comigo nem por qualquer meio me deu qualquer ordem ou indicação".
- A folhas 3 "Às 12 horas e 30 minutos chegavam a Pangim os primeiros elementos da 2ª. divisão da PEI, devidamente comandados e enquadrados apresentando bom moral. Os restantes elementos do Norte, conforme me foi comunicado pelo senhor tenente Arenha, ficaram em Betim em apoio dos elementos do Exército, só tendo recolhido cerca das 16 horas."
- "Como até esta altura nenhuma missão para a defesa da cidade tivesse sido atribuída aos elementos do meu comando,



foi minha preocupação manter a ordem pública na cidade, evitando, não só, que ela fosse alterada como também os roubos nos edifícios públicos e particulares para o que foi intensificado o patrulhamento".

2) Relatório do senhor tenente João Luis Arenha

- A folhas 7: "A pedido do senhor alferes Pereira Monteiro do B.Rec.1, e posto ao corrente da situação na frente, acompanhei aquele oficial ao Alto de Porvorim a fim de escolher uma posição de alternativa para a sua secção de morteiros, encarregada de tentar interditar a progressão dos elementos apeados inimigos anteriormente assinalados em Sirigão, pela estrada Aldona-Pomburpá-Betim".

"Como a posição escolhida para a secção de morteiros não oferecesse garantias de cumprir eficazmente esta missão, decidimos em conjunto tentar neutralizar a possível progressão do inimigo por aquela via batendo a estrada referida com armas automáticas instaladas nos armazens da Junta perto da Ponte de Linhares em Pangim, missão que me dispuz a desempenhar com o meu material e pessoal não empenhado e que ainda se encontrava comigo".

"Depois de ter deixado ao senhor alferes Monteiro um dos meus transifones portáteis para posteriores ligações comigo, fiz a travessia do rio com todo o restante pessoal da Polícia não empenhado em Betim em 181200DE261, tendo entrada no Comando cerca de meia hora depois.

"Comunicada a minha intenção ao 29.Comandante da PEI, foi-me por este aconselhado que desse conhecimento da mesma ao Comandante do Agrupamento, Exmº.Major Tenreiro que se encontrava no Palácio do Hidalcão. Para ali me dirigi e, depois de fazer a minha apresentação expliquei a missão que me dispunha a cumprir voluntariamente, já que a mesma não estava incluída nas missões destinadas à PEI."

"No entanto a minha ideia não foi aprovada pelo Comando do Agrupam., motivo que me levou a regressar ao Comando da PEI sem ter recebido qualquer outra missão especial".

Passando agora à parte das referências constantes do relatório do senhor Major Tenreiro, para mais fácil consulta, vão ser transcritas aquelas referências, seguidas dos esclarecimentos dados para cada uma delas, como se segue:



## 1

"Às 11 horas do dia 18 de Dezembro fui informado que andava a ser procurado pelos senhores comandantes da PEI e da GF que uma vez encontrados me declararam que o pouco pessoal que lhes tinha chegado do Norte estava muito desorientado e desorganizado".

Na verdade, em 181000DEZ61, tendo conhecimento através da rede de rádio da Polícia que as tropas inimigas tinham já invadido Damão e Diu e prosseguiam o seu avanço rápido em todo o território de Goa, por vários pontos, tendo já atingido Mapuçá, procurei o senhor Major Tenreiro para lhe comunicar as informações que tinha, informando-o de que o pessoal estava bastante desmoralizado, especialmente devido aos constantes voos razantes da aviação inimiga.

Nota-se que os primeiros elementos da Polícia recolhidos da zona Norte só chegaram a Pangim depois das 11 horas, como pode verificar-se dos relatórios dos senhores capitães Minas da Piedade e tenente Aranha, na parte atrás transcrita.

## 2

"Às 11 horas do dia 18 de Dezembro com os senhores comandantes da PEI e da GF dirigi-me ao Hídalcão .....  
"Discutiu-se a situação juntamente com o Secretário Geral, Major Borges e Comandante Abel de Oliveira, situação que se estava a ver cada vez mais tensa. Após esta reunião enviei um rádio ao Q.General, enquanto o senhor capitão Braz comandante da PEI, se deslocava à Pen. de Mormugão, a fim de expor a Sua Exã. o General Comandante Chefe a situação, o qual lhe respondeu que ainda não era a altura da rendição."

Houve, efectivamente, no Palácio do Hídalcão, o encontro de que fala o senhor Major Tenreiro, no qual se falou da gravidade da situação, tendo o mesmo dito que ia enviar um rádio ao Quartel General, mas não fui encarregado de qualquer missão junto de Sua Exã., nem me deslocuei à Península de Mormugão, porque para isso teria o senhor Major Tenreiro os oficiais do seu comando.

## 3

"Às 13 horas de 18 de Dezembro dirigi-me ao Comando da PEI onde verifiquei que os homens se encontravam todos desarmados e sentados, com as armas num monte. Queimaram-se pa-



peis e destruíram-se armas. Os senhores comandantes da PEI e da GF declararam-me então que os seus homens estavam rendidos e já não davam nem mais um tiro."

É verdade que o senhor Major Tenreiro esteve no Comando da Polícia e é natural que tenha visto armas e outro material em desalinho, e mesmo até homens sentados e papéis a serem queimados, porque:

- 1- Vário material de guerra e de aquartelamento estava a ser recolhido dos postos e concentrado no Comando em condições anormais.
- 2- Os homens chegados ao Comando, vindos do Norte, estavam fisicamente esgotados devido ao violento esforço dispendido durante muitos dias consecutivos pelo que é natural que estivessem sentados de qualquer modo.
- 3- Dada a importância política dos arquivos da Polícia e o seu grande volume, e com as tropas invasoras já em Mapuçá, deu-se início à destruição dos mesmos arquivos, queimando-os em duas grandes fogueiras na parada do quartel, e por isso mesmo não foi encontrado na Polícia um só documento com que o inimigo pudesse especular. Quando da visita do senhor Major Tenreiro não havia ainda armas destruídas, tanto mais que, conforme se acentua nos relatórios anteriores, se previam ataques dos terroristas.

A versão relativa à rendição não pode aceitar-se, porquanto:

- 4- Uma parte do pessoal da Polícia, vindo do Norte, continuava em Betim, em apoio do E.Rec.1, donde recolheu cerca das 16H00.
- 5- Os serviços de patrulhamento da cidade e as guardas à central eléctrica e à enfermaria prisão mantiveram-se como se acentua no relatório do senhor capitão Minas da Piedade.
- 6- Só na reunião das 18H00 ficou assente a rendição.
- 7- Se o Comandante da PEI tivesse feito tal afirmação, não teria comparecido na reunião das 18H00 acompanhado do 2º. comandante.

Talvez se tenha falado que depois da rendição se não daria mais um tiro, pois não me consta, nem consta dos relatórios dos senhores capitão Minas da Piedade e tenente Aranha, subordinados directos do Comando do Agrupamento, que tenha sido dada qualquer ordem ou missão a elementos da Polícia que



não tenha sido cumprida, e nem, decerto, o senhor Major Tenreiro teria aceite tal afirmação sem uma reacção imediata.

## 4

"Soube nesta altura também que nem sequer tinham sido rendidas as praças da C.Caç.1 nas guardas a seu cargo como estava planeado."

Não foram rendidas pela Polícia as guardas da CCl porque, conforme consta do relatório do senhor capitão Minas da Piedade, "substituir à ordem os elementos da CCl que guardavam os paços de Batulem", não lhe foi dada tal ordem ou indicação pelo Comando do Agrupamento.

## 5

"Novamente o senhor capitão Braz e agora em nome da esposa de Sua Exã.o General, se dirigiu a Sua Exã., implorando que se rendesse, poupando assim a vida de centenas de pessoas, entre elas muitas crianças e velhos. Ainda desta vez Sua Exã. respondeu negativamente."

Parece muito estranho que o Senhor Major Tenreiro, num relatório militar, tenha feito referência a uma diligência puramente particular e pessoal que, embora verdadeira na essência que não na redacção, nada tinha com a condução das operações.

## 6

"Devo frizar que à hora da reunião a que atrás me referi, à qual assistiram os Srs. comandantes da PEI e da GP e o 2º. comandante da PEI, já no quartel da PEI se tinha içado uma bandeira branca, após o que o seu comandante foi arrear a Bandeira Nacional do Mastro da Soberania."

Tais afirmações não se podem aceitar, porquanto:

- 1- A primeira bandeira branca apareceu junto da rampa das barcas da passagem de Pangim-Betim, num pau improvisado, já depois de terminada a reunião.
- 2- Não se compreendia que a Polícia tivesse hasteado uma bandeira branca e os seus comandante e 2º.comandante comparecessem à reunião.
- 3- A Bandeira Nacional foi por mim mandada arrear pelos tenentes Carlos Saraiva e Francisco Dias, que para o efeito saíram do Comando da Polícia, onde eu me encontrava depois de regressar da reunião, já depois do pôr do sol, para evitar



que ela caísse em poder do inimigo, conforme consta do meu relatório anterior, - 49. período a folhas 2, que se transcreve:

"Como não haviam sido tomadas as habituais medidas e dada a possibilidade de a nossa Bandeira que tremulava no Mastro da Soberania ser arreada por populares e ultrajada, caindo seguidamente em poder do inimigo, esperei a hora do pôr do sol e mandei que dois oficiais da Polícia a arreassem e conduzissem para o Comando, onde teve de ser destruída pelo fogo dado que, pouco depois, comparecia na cidade de Pangim um emissário do inimigo impondo a rendição e exigindo a entrega da Bandeira do Mastro da Soberania."

## 7

"O efectivo da defesa de Goa estava reduzido a metade que a PEI e a GF se terem rendido".

Já se demonstrou que a Polícia só se rendeu depois de ter terminado a reunião das 18H00, na qual ficou assente que as forças da cidade se rendiam, e os diminutos efectivos rendidos não podem levar a fazer tal afirmação, sendo contudo de referir que uma grande parte do pessoal natural que se encontrava nos seus locais de serviço em Pangim não recolheu ao Comando às 17H00, tendo desaparecido, o mesmo acontecendo com grande parte do efectivo do Norte, já inicialmente desfalecido com a perda das guarnições de DOROMAROGO, ASSONORÁ e PER-NEM.

De resto, pelas transcrições dos relatórios dos senhores capitão Minas da Piedade e tenente Aranha, feitas no preâmbulo deste relatório, transparece a reduzida importância que o senhor comandante do Agrupamento D. JOÃO DE CASTRO dava às missões que os elementos da Polícia, em Pangim, poderiam desempenhar, pois, parece, apenas com as mesmas contava para missões de ordem pública e guardas aos paços de Batulem onde nada se registou de anormal mesmo sem a substituição do C.Caç.1.

A Polícia do Estado da Índia foi sempre um elemento muito importante na luta anti-terrorista, em que muitos dos seus homens perderam a vida, mas o seu papel na guerra era fatalmente secundário, embora apesar de tudo tenha tido 6 mortos e muitos feridos."



Apenas há a frizar que o Comandante do PEI esteve com o Comandante Chefe na manhã de 18, antes do deslocamento deste para a Península de MORIUGÃO, no Palácio do Hidalcão, exclusivamente a pedir instruções pelas quais ficaria na Cidade de Goa para melhor garantia do seu policiamento. Nesse mesmo dia encontrou-se ao meio-dia no QG em AGAÇAIM com o Sr. Comandante Chefe (última vez) a transmitir-lhe o estado de espírito da população civil, recebendo em resposta que a missão era resistir conforme estava determinado.

1. Esclarece-se que na sua visita, Sua Exã. Reveã. o Patriarca das Índias e Secretário Geral se limitaram a transmitir ao Comandante Chefe o estado de espírito da população civil em pânico, sob ameaça eminente.

#### CAPÍTULO IV - CAUSAS DA DERROTA

##### 1. Falta de meios em pessoal

Os meios do Agrupamento eram de facto poucos, como poucos eram os de toda a guarnição. No entanto, exceptuando-se alguns elementos da GF da zona N da cobertura que não puderam ser recuperados, eles eram os constantes do Plano Sentinela - nem a mais nem a menos - todos se concentravam na ilha de Goa conforme o planeado.

##### 2. Falta de meios em material

Os meios em material eram fracos, como fracos eram os de toda a guarnição. Como meios A/C apenas havia os FIAT e os CA 5,7 já há muito em desuso e que só poderiam ser manejados por alguns graduados ou oficiais que os conhecessem.

##### 3. Falta de informações e de ligações

As informações antes das operações eram transmitidas normalmente. Durante estas, as ligações foram de facto más. No entanto, a acção do Agrupamento era independente, uma vez saído o Q.G. de Pangim e sempre que se quis ligar com ele conseguiu-o (ou por intermédio de estafetas ou por rádio). Também se ligou com o E.Rec.2 antes deste entrar na Ilha de Goa, por intermédio do Sargento de ligação que lhe foi pedir para não destruir a Ponte de BANASTARIM antes do Esquadrão passar. Voltou a ligar-se com o Q.G. por rádio depois de ter tomado a iniciativa da rendição e estabelecido os necessários contactos para o efeito.



#### 4. Falta de posições organizadas

Se bem que o pessoal para os trabalhos de organização fosse escasso, há que ter em consideração que:

O Agrupamento além da Eng. destinada às destruições a N do Mandovi, dispôs de mais 1 Secção a partir do dia 15 que trabalhou na Ilha de Goa.

Disponha ainda duma pequena parte dos recursos que se mantiveram em Velha Goa, além do pessoal da C.Caç.1 e de algum pessoal dos Esq. ou da C.Caç.9 que podiam ter sido desviados para esses trabalhos.

Por outro lado, os muros, as casas em Pangim e o próprio terreno quando preparado para as culturas do arroz, constituem por si só, boas posições fáceis de organizar, o que já não sucedia na Península de Mormação, onde as características rochosas e deserticas do terreno não favoreciam a sua organização.

Assim, o Pl/C.Caç.1 instalado em TONCA, organizou as suas posições de forma apreciável.

Finalmente, se bem que se compreendem perfeitamente as grandes dificuldades que havia em o Agrupamento organizar a posição com antecedência, dada a falta de efectivos, o certo é que nenhuma diligência foi feita nesse sentido pelo seu Comandante, junto do Comando.

#### 5. Deficiências dos Serviços

Todos os órgãos destinados ao Agr. D. João de Castro se encontravam na Ilha de Goa. O Comandante do Agrupamento tinha sido informado verbalmente no QG de todos os pormenores relativos aos Serviços.

Em Pangim ficou o Destacamento de Intendência, praticamente completo, o Hospital, Depósitos, etc., tudo com tempo e em boas condições de funcionamento como se verifica pelos relatórios dos Chefes de Serviços respectivos.

Inclusivamente, os assuntos referentes a munições foram tratados directamente por um oficial do Serviço de Material que ficou em Pangim com o oficial de Reabastecimentos do Agrupamento e na própria Messe do ALFINHO foi instalado um Depósito de Intendência, Combustíveis e Lubrificantes.

Em resumo trata-se de um relatório de pouco nível.



S E C R E T O

Volume nº.XIX

FORÇAS ARMADAS DO ESTADO DA INDIA

A INVASÃO DOS TERRITÓRIOS

DO

ESTADO PORTUGUÊS DA INDIA

em Dezembro de 1961

Relatório do  
Comandante do Agrupamento  
AFONSO DE ALBUQUERQUE,  
Major de Cav<sup>o</sup>. José Moreira,  
da Silva Rangel de Almeida,  
e Comentários.

S E C R E T O



CONFIDENCIAL

COMANDO TERRITORIAL INDEPENDENTE DO ESTADO DA INDIA

AGRUPAMENTO "AFONSO DE ALBUQUERQUE"

Invasão de GOA pelas FA da UI

Relatório de Operações

O presente Relatório, elaborado em cumprimento da ordem de Sua Exã. o General Comandante Chefe das FAEI, de 15.MAR.62, não poderá ser completo visto o 2º. Pel. Rec.4, uma das fracções da Reserva do Agrupamento, não se encontrar neste campo de concentração e de, ao Comandante da C.Caç.3, não ter sido possível elaborar e entregar o seu Relatório em virtude de estar separado da maioria do pessoal da sua Unidade, facto este que, segundo declarou, o inibe de recolher os necessários elementos.

I - ANTECEDENTES DA INVASÃO

a. Organização

1. A Organização, em vigor, neste Comando Territorial era a de 1.JAN.61.

2. Constituição do Agrupamento

- Comando - Em NAVELIM
- C.Caç.3 (Naturais) - Destacado em PONDÁ
- C.Caç.10 - Na sede, em NAVELIM
- B.Art.1 (Naturais) - Destacada no Alto MARGÃO
- E.Rec.3 - Destacado em PONDÁ
- E.Rec.4 - Destacado em BALI

3. Comando do Agrupamento

O Comando do Agrupamento dispunha tão somente, além do Comandante, dos seguintes elementos:

- Oficial de Informações e Operações (Cap.)
- Oficial de Reabastecimentos e Pessoal (Cap.)
- Chefe da Contabilidade (Sub.)
- Tesoureiro (em falta)

e alguns sargentos e praças com os quais se accionava os serviços de:

- Secretaria (Op.. Inf.. Reab.. e Pessoal)



- Conselho Administrativo (accionava os C.A. Eventuais constituídos nas Sub-Unidades).

Dispondo de tão poucos elementos não só não fazia os vencimentos dos seus sargentos e praças como também não tinha cargas próprias. Ambos os serviços estavam a cargo da C.Caç.10 (da Séde).

4. Conforme se pode muito facilmente inferir no constante das alíneas anteriores a acção do Comando era limitadíssima e agravada pela grande dispersão das Sub-Unidades.

Para acções que não exigissem a actuação em conjunto ainda os meios existentes poderiam suprir, embora deficiente mente, as necessidades.

Considerada a actuação, porém, por outra forma, era bem impraticável. Ao desequilíbrio na constituição do Agrupamento resultante do número e diferenciação das Sub-Unidades que o formavam há que acrescer que os meios não estavam em condições de o compensar.

As deficiências expostas foram levadas, oportunamente, ao conhecimento superior. Uma circular do Q.C. solicitou o envio de sugestões e críticas aos Q.O., em vigor, mas a resposta ficou prejudicada pela invasão.

Em minha respeitosa e modesta opinião a organização em vigor, teria, essencialmente e quase exclusivamente, em vista a actuação das Forças Armadas do Estado da Índia contra acções de terrorismo, mesmo em grande escala, incluindo, portanto, pequenas acções de guerra levadas a efeito por forças com rudimentar organização, embora integrando elementos bem instruídos e até especializados.

Perante um Exército regular e de profissionais, que podia dispor, como dispôs de apoio aéreo e naval, em superioridade total, e pôr em acção efectivos consideráveis, dotados com o que há de mais correntemente em uso em quaisquer das chamadas forças convencionais, a organização em vigor era mais que precária, não correspondendo às condições mínimas de considerar no campo táctico. Únicamente seria aceitável, neste caso, se se pudesse dispor de uma organização de terreno de carácter permanente ou semi-permanente, mesmo, mas tão completo quanto possível. Esta, porém, nunca existiu e as possibilidades de a manter em segredo ou evitar que fosse sabotada, eram muito remotas, devido a isso, talvez, o ter sido posta de parte.



Uma fracção apreciável da população era-nos hostil e fornecia todo o apoio ao Inimigo. O segredo era um mito, affectando, portanto, toda a segurança com a consequente diminuição do interesse dos já fracos meios ao nosso dispor, e de tudo o mais que se pretendesse fazer para os valorizar.

Resumindo as Forças Armadas do Estado da Índia não estavam organizadas em condições de poderem vir a enfrentar uma acção de guerra levada a efeito pelas Forças Armadas da UI. À superioridade total aérea e naval há ainda que acrescentar, repetindo, que não dispunhamos de quaisquer meios, em carros, e anti-carros. Faltavam portanto e inclusivé as armas que devem dotar formações do escalão Batalhão ou Unidade equivalente, considerando o campo restrito de acção das forças terrestres, mesmo que atacassem sem apoio aéreo ou naval.

Perfeitamente conhecedor do terreno e dos obstáculos que poderia ter de enfrentar, mesmo quando não valorizados ou batidos pelo fogo, o In. não deixaria, como não deixou, de fazer largo emprego de meios de transposição de cursos de água, ligeiros e pesados, não esquecendo, sequer, os carros anfíbios de grande tonelagem.

#### b. Instrução

Notei sempre que as Sub-Unidades lutavam com grandes dificuldades para manter um grau de instrução adequado. Como se sabe todas elas não só mantinham um apreciável número de diligências (ver quadro que se segue) como tinham que empenhar um elevado número de homens nos serviços de segurança dos seus aquartelamentos e outros.

Pesava, ainda, nesta deficiência e muito, o facto de algumas Sub-Unidades terem recebido uma instrução deficientíssima na Escola de Recrutas e de outra ter o pessoal ocupado, por ordem do Q.G., nas obras de construção do seu Parque de Viaturas e Material de Artilharia.

Assim, se parcialmente era fraco o nível da instrução, muito mais se fazia ressentir este mal no conjunto.

Pelo que fica dito e por não ter sido conseguida maior dotação de gasolina nunca foi possível sequer que cada uma das Sub-Unidades realizassem, de per si, um exercício de conjunto, como tanto se impunha, para servir de base, ao menos, ao estudo das possibilidades do Agrupamento. De resto exercícios ao nível Agrupamento se deveriam, também, realizar. Era a úni



ca forma de ir ao encontro dos princípios gerais que determinam uma certa coesão e espírito de corpo sempre indispensáveis e mais do que em qualquer outro, admitindo-se, embora como pouco possível, a possibilidade duma invasão, pelo Exército regular da UI.. A ligação moral, num Agrupamento constituído por sub-unidades de armas diferentes tinha que ser criada e o trabalho de conjunto era um dos principais e imprescindíveis meios de a obter.

Diligências das Sub-Unidades do Agrupamento

Unidade	Diligências		Na Sede
	Local	Efectivo	
C.Caç.3	Opã Curti Usgão Candeapar Angediva	1 Pel (- 1 Sec) 1 Sec 1 Pel (- 1 Sec) 1 Sec 1 Sec	Comando e Form. 1 Pel. Acomp. 1 Pel At
C.Caç.10	Borim Farodá Rio Sal Angediva	2 Sec 1 Sec 6 praças 1 Sec + 1 Esq PIAT	Com. e Formação 1 Pel Acop 1 Pel At 1 Pel At (- 1 Sec)
B.Art.1	Torçanzori Deposito de Águas de Margão	2 cabos e 6 sold. 1 cabo e 3 sold.	5 Oficiais 14 sargentos 10 cabos europ. 57 praças U.
E.Rec.3	Holem Sanguem Curdi	1 Pel 1 Pel (- 1 Sec) 1 Sec	Comando e Formaç. 1 Pel. Rec.
E.Rec.4	Canácona Ponte de Ordo-fondo	1 Pel. (- 1 Sec) 1 Sec.	Comando e Formaç. 2 Pel. Rec.

Foram levadas ao conhecimento superior estas deficiências.

c. Armamento e munições

1. Armamento

a) Espingardas Mauser 7,9 mm m/46

As que estavam distribuídas ao E.Rec.4 encontravam-se em muito mau estado de conservação e eram as armas que maiores garantias de funcionamento davam.

b) Lança-Cranadas anti-carro MKI (PIAT)

Encontravam-se em bom estado. Embora fossem uma boa arma de apoio numa luta do tipo anti-terrorista, como arma anti-carro, devido ao seu fraco alcance, pouca precisão e frequentes avarias, era uma arma de rendimento quase nulo e quase desconhecida.



c) Lança-Granadas 8,8 cm. "Instalaza"

Bom estado.

Para esta arma só existiam granadas de instrução.

Inútil, portanto.

d) Metralhadoras Madsen 7,9 mm m/40 e m/30-41

O estado de conservação era mau e os laqueios e as falhas de funcionamento devido ao muito uso davam origem a inúmeras interrupções de tiro.

e) Pistolas metralhadoras Steyr 9 mm m/42

Em muito más condições de funcionamento. Tinham muitas avarias devido à percussão ser insuficiente e ao mau estado das munições.

Na véspera da invasão foi recebida uma mensagem do Q.G. ordenando que antes de se utilizar uma Pistola metralhadora Steyr se devia fazer com cada carregador uma rajada de 5 tiros para verificar o seu estado. Como medida de precaução ordenava que todo o pessoal que andava armado de Pistola Met. Steyr também levasse espingarda. Bem de notar estas circunstâncias perante uma arma, de que cada vez se faz mais amplo emprego e que é uma utilidade que se torna desnecessário encarecer.

f) Pistola Parabellum 9 mm m/43

Não ofereciam confiança por muitas vezes não se dar a extracção e a ejeção. Em vez de funcionarem como armas de carregamento automático, funcionavam como armas de repetição.

g) Canhão anti-carro 5,7 cm.

Nenhuma das unidades tinha distribuída esta arma.

Em 15.DEZ.61 o Comandante da C.Cap.10 recebeu ordem do Q.G. para levantar em VASCO DA GAMA 2 canhões anti-carro 5,7 cm. e as respectivas munições na cidade de COA. Estes canhões foram levantados no mesmo dia e chegaram à Unidade 3 horas antes da ordem para entrada em posição, mas não foram levados para a posição em virtude de:

- 1- A Companhia não possuir viaturas capazes de rebocar os referidos canhões.
- 2- Não existirem viaturas para transportar as munições.
- 3- As armas se encontrarem cobertas de massa consistente que a situação de emergência não permitiu deixar remover completamente.
- 4- Não existir nenhum elemento na Companhia que alguma vez tivesse recebido instrução daquela arma.



h) Obuses 8,8 cm.

Dos oito obuses existentes na B.Art.1, três encontravam-se em reparação da C.M.D., pelo que a Unidade estava reduzida a cinco obuses dos quais um, por ter um sulco no interior das paredes do cilindro recuperador, ficaria inoperante ao fim dos primeiros tiros. Ficava a Bateria portanto reduzida a 4 bocas de fogo ou seja pouco mais de 50%. Uma Bateria de Artilharia actuando isoladamente e nestas condições é de frágilíssimo rendimento e interesse para qualquer acção. Se a isto acrescentarmos que não dispunha, nem podia dispor praticamente, de observação avançada, somos levados facilmente à conclusão que no conjunto do Agrupamento esta Sub-Unidade, táticamente, era de não considerar. Pedimos vénia para, muito respeitosamente, aqui referir o apoio de uma Bateria de Artilharia a 2 C.Caç. e 2 E.Rec. só podia redundar sempre nisto com a agravante de tirar ao Comando a possibilidade de dispor de um dos elementos porque pode interferir a fazer sentir a sua acção durante o combate - os fogos de apoio. Dois pelotões, só que fossem, de morteiros, mesmo não pesados, não só pela sua mobilidade mas até porque podem ser distribuídos de forma ajustada e conveniente seriam úteis. A Bateria de Artilharia, Sub-Unidade já de quase nulo interesse quando se tratasse de acções terroristas - os seus efectivos são pequenos - não interessava, como se conclui, numa acção de guerra regular. Um factor, ainda, muito importante a considerar e a contraindicar a inclusão da B.Art. num Agrupamento desta natureza, no Estado da Índia, era o facto do seu emprego poder vir a afectar, de forma muito considerável a população civil, os seus bens móveis e imóveis pois temos que ter em atenção que a sua zona de acção abrangia regiões densamente povoadas. Os morteiros permitiriam, também, obstar muito melhor a este grande e grave inconveniente.

Não se pretendia depois de 451 anos de história arrazar COA e os seus habitantes, muitos dos quais bem profundamente sentiram e sentem a nossa forçada saída.

2. Muniçõesa) Cartuchos 8,8 mm m/937

Estes cartuchos destinavam-se às espingardas Mauser, pertencendo, os que estavam distribuídos à C.Caç.10,



aos lotes 43 e 44. Encontravam-se em péssimo estado de utilização não dando garantias de funcionamento.

b) Cartuchos 83 7,9 mm MP m/937

Destinavam-se à met. Madsen. A maior parte destes cartuchos estavam estalados na gola, falhavam muito e não davam garantias.

c) Cartuchos 9 m/m m/47

Em péssimas condições. Não davam a menor garantia. A maior parte dos fulminantes não funcionava; outros só passaram uns cinco segundos depois de se ter dado a percussão funcionavam e as cargas propulsoras estavam muito alteradas.

d) Cargas propulsoras pã. granadas de Mort. I 8 cm. m/937

1- E.Rec.4: em más condições. Falhavam bastante.

2- As distribuídas às outras Sub-Unidades não foram experimentadas em virtude de não terem efectuado tiro.

e) Espoletas pã. granada explosiva ord. do Mort. I 8 cm. m/37

Das experimentadas pelo E.Rec.4, única Sub-Unidade a fazê-lo, funcionaram:

- Na posição de "instantâneas" 60% das espoletas
- Na posição de "Retardadas" 15% das espoletas

f) Granadas de Mão Ofensivas m/933-46

Não mereciam qualquer confiança.

3. Todas as deficiências do material e das munições atrás apontadas eram do conhecimento superior.

d. Viaturas

A maior parte das viaturas encontravam-se em muito mau estado não oferecendo garantias de utilização eficiente, em virtude da sua velhice, do aturado serviço a que estavam sujeitas e dos reduzidos meios que as Sub-Unidades dispunham para a sua manutenção.

1) Comando

Era desconhecido o Q.O..

A deslocação do PC do Agrupamento durante as operações foi efectuada com 1 viatura 1/4 Ton. Jeep, 1 Land Rover, 1 viatura civil, 2 viaturas pesadas requisitadas e uma viatura TSP.

2) C.Caç.10

Cerca de 1/3 das viaturas desta Unidade estavam inoperantes, aguardando a maior parte, reparação na C.M.M.. O restante material encontrava-se também em muito mau estado.



3) B. Art. 1

A maior parte das suas viaturas eram muito velhas e sujeitas a frequentes avarias. A B. Art. não dispunha de viaturas para o transporte de munições. Esta Sub-Unidade chegou ao final das operações reduzida a 3 bocas de fogo devido a avarias dos tractores.

4) E. Rec. 3

O Esquadrão estava equipado com Autometralhadoras Humber de fraquíssimas possibilidades e muito cansadas, não dispondo de meios de transmissão necessários para garantir o controle.

Em MAI.61 foram, porém, atribuídos a este Esquadrão 10 viaturas de 1/4 Ton. Jeep o que aumentou, de certo modo, o seu grau de eficiência.

No dia da invasão encontravam-se inoperantes 2 Auto-blindados TP 7, 1 viatura de 3/4 Ton e 1 viatura pesada. Todas as viaturas deste Esquadrão chegaram operantes ao final das operações, excepto uma viatura 1/4 Ton. devido a acidente.

5) E. Rec. 4

Este Esquadrão estava também equipado com Autometralhadora Humber. Em MAI.61 foram atribuídos a este Esq. 11 viaturas novas de 1/4 Ton. Jeep o que também aumentou, de certo modo, o seu grau de eficiência.

No dia da invasão estavam inoperantes 4 viaturas de 1/4 Ton 3 de 3/4 Ton, 1 Auto-blindado TP 7 e 4 A.M.C..

Esta unidade chegou ao final das operações reduzida de mais 3 viaturas 1/4 Ton., 1 Auto-blindado TP 7 e 1 A.M.C.. As deficiências atrás apontadas eram do conhecimento superior.

e. Material de Transmissões

As sub-unidades unicamente dispunham de material rádio.

1) Postos de rádio emissores-receptores ZC - IMK II

Todas as Sub-Unidades estavam dotadas com este posto de rádio. Este material satisfazia quando utilizado como posto fixo e equipado com uma antena horizontal, mas devido ao muito uso e ao grande número de reparações sofridas, o seu rendimento de trabalho, o seu alcance e a sua potência ficavam muito reduzidos. Quando trabalhavam como posto móvel, em viaturas, ficavam inoperantes.

2) Postos de rádio emissores receptores P.19

Estavam todos inoperantes

Estes postos não dispunham dos acessórios necessários para



o sistema de inter-comunicações das Autometralhadoras. Este facto reduzia grandemente a eficiência operacional das Autometralhadoras.

3) Postos de rádio emissores-receptores BC 1000

Estavam todos inoperantes em virtude de não existirem no Depósito de Transmissões do DEI, nem no mercado local, as pilhas indispensáveis ao seu funcionamento.

4) Não foi possível à Artilharia estabelecer ligação rádio com o seu observador avançado.

5) Em virtude da grande extensão da Z.A. do Agrupamento a ligação rádio entre as Sub-Unidades e Comando do Agrupamento e muito especialmente entre os Esquadrões e o referido Comando só podia ser assegurada com um posto mais potente. Únicamente o Comando do Agrupamento recebeu, nas vésperas da invasão, um posto de rádio SCR - 193, montado numa viatura, que foi utilizado para a ligação com o Comando Superior.

Para a ligação do Comando do Agrupamento com as Sub-Unidades foi utilizado um posto de rádio 2C 1, mandado montar por mim na viatura do Comando.

6) As dotações de material de transmissões, circunscritas à TSF, eram como se constatava insuficientes, com a agravante de uma grande parte se encontrar inoperante ou ter vindo a ficá-lo quase desde o início das operações.

Não há dúvida que a TSF era o único meio de transmissões utilizável mas tinha que haver dotações e reservas de material que permitissem que até ao fim fosse assegurada a indispensável ligação em todos os sentidos. A grandeza da zona de acção e a dispersão das Unidades isso o impunha, normalmente como é corrente e elementar em qualquer acção descentralizada. Mas no caso objectivo deste Estado ainda mais pois a ligação moral também tinha que ser em muito suprimida através daqueles meios, por não poder existir noutra base. Desejamos significar que a ligação moral, como já atrás inferimos, estava muito prejudicada e não podia, portanto, suprir a ligação material, como muitas vezes e até certo ponto sucede.

Dum modo geral todo o pessoal cria através da instrução que lhe é ministrada, teórica e praticamente, uma mentalidade em que a pedra de toque é o enquadramento, por vezes até, bastante apertado. Reunida uma Unidade composta de elementos de Armas diferentes e a actuar muito descentralizadamente facilmente é susceptível de desorientação,



tornando o exercício de Comando, já precário, ainda mais difícil e sofrendo dos mesmos efeitos. Os resultados são bem desastrosos pois acaba por ninguém saber nada acerca do In. e até das nossas tropas, aniciando pela recepção de informações e ordens que nunca chegam. Os nervos começam a actuar, o grau de confiança baixa e o moral atinge níveis inaceitáveis, conduzindo a inevitáveis fracassos.

7) As deficiências enumeradas eram do conhecimento superior.

#### f. Material de Sapadores

##### 1) Minas anti-carro

No E.Rec.4 existiam cerca de 1.000 minas anti-carro, 850 das quais foram recebidas em 09DEZ.61

Quando houve necessidade de se utilizarem as minas recebidas verificou-se que as espoletas não lhes serviam, não havendo no Estado da Índia espoletas para que estas pudessem ser substituídas.

##### 2) Material de destruição

No E.Rec.4 existiam colecções de material de destruição que se encontravam em muito mau estado.

Não funcionava um único verificador de circuitos.

As deficiências apontadas eram do conhecimento superior.

#### g. Material de águas

Não existiam nas Unidades meios para purificar a água que se obtinha por exploração dos recursos locais. O Comando superior tinha conhecimento desta deficiência.

#### h. Tiro

Todas as Sub-Unidades executaram o tiro instintivo com Espingarda Enfield 7,7 mm com resultados satisfatórios.

O tiro de Q.P. de 1961 foi iniciado por algumas Sub-Unidades em fins de Novembro e por outras em Dezembro, não estando terminado à data da invasão.

A instrução do tiro do pessoal era muito deficiente pelas seguintes razões:

1) Má instrução durante a Escola de Recrutas.

2) Tempo muito limitado para a execução do tiro de Q.P. e deficiência das carreiras de tiro improvisadas.

3) Mau estado do armamento e das munições

4) Não ter sido autorizado o consumo de munições da peça da Autometralhadora, do Morteiro e do PIAT pelo que os especialistas destas armas nunca tinham feito tiro real com elas.

5) Superiormente foi dado conhecimento destas deficiências.



i. Reabastecimento e Rações

1) Antes da Invasão

a) Gêneros

As Sub-Unidades reabasteciam-se pelos seus próprios meios nos locais de distribuição determinados pelo Serviço de Intendência e no mercado local.

b) Gasolina

A C.Caç.10, a Bat.Art.1 e o E.Rec.4 abasteciam-se no depósito existente na sede do Comando do Agrupamento. A C.Caç.3 e o E.Rec.3 abasteciam-se no depósito pertencente a esta última Unidade.

2) Durante as Operações

a) Gêneros

Todo o pessoal recebeu uma ração correspondente a 800 gra. de enlatados de sardinhas ou atum por homem/2 dias.

b) Gasolina

O E.Rec.4 foi reabastecido pelo Serviço de Intendência na noite de 18 DEZ.61

c) Serviço de Saúde

Não foi montado o P.S. em Margão conforme foi indicado na reunião do Q.G. em 15 DEZ 61.

3) Não foi recebido o Plano Logístico e Administrativo.

j. Moral do Pessoal

Relativamente ao "moral" há nitidamente de diferenciar 2 períodos. O que se vinha vivendo do antecedente e o que se nos deparou desde que a ameaça da invasão pelas Forças Armadas da U.I. passou a ser uma realidade possível sendo mesmo muito provável de se vir a concretizar a hipótese que tinha sido sempre considerada como muito remota.

Reportando-me ao primeiro nada há que referir particularmente. Pode considerar-se que foi sempre bom tendo sempre todo o pessoal estado à altura da sua missão nunca desmerecendo, em qualquer acção, da confiança que nele se poderia e devia depositar, mesmo para alguns numa fase que era de adaptação, tendo em vista que o Agrupamento reunia Sub-Unidades já com cerca de um ano de permanência neste Estado com outras que acabavam de desembarcar. Devo mesmo particularmente referir o bom conceito em que eram tidos os naturais e que nunca e em nada desmereceram.

Reportando-me ao segundo já as coisas se processam por outra forma.

Mesmo a mais simples praça teve, desde logo, uma ideia nítida da enorme desproporção entre as forças colocadas em presença.



Ao conhecimento geral, e creio que como acção psicológica do In. foram sempre chegando notícias do poderio das forças com que a U.I. se propunha actual e alguns chegam a ver-se, muitas vezes, sobrevoados por aviões a jacto e assassinar a presença de uma esquadra no mar e na nossa costa. Atentaram nisso e muito naturalmente faziam a comparação lógica com a fragilidade dos nossos meios. Uma esquadra, aviões, paraquedistas e carros de combate perante forças muito diminutas que não dispunham de esquadra, aviões, carros e meios anticarros e antiaéreos, mesmo dos mais ligeiros.

Não vislumbravam, também, a possibilidade de serem recebidos ulterior e oportunamente quaisquer reforços e que, portanto, a sua capacidade era limitada tão somente ao que se pudesse fazer com as disponibilidades em pessoal e material existentes e tudo era bem pouco.

Sabiam ainda não dispôr nem poder fazer em tempo abrigos que reforçassem as possibilidades de defesa.

Há que acrescentar que mesmo no armamento individual e colectivo (ligeiro) a confiança era muito limitada ou pelo seu mau estado ou pelo das munições a utilizar.

Mais e acima de tudo a sua falta de experiência e treino por certo que viria à superfície agravando todos os males existentes a de que tão bem se foram apercebendo.

Assim e de um momento para o outro surgiu a guerra que, deve referir-se, até ao último momento se pensou seria evitada. A vida normal que toda a população continuava, mais ou menos, a fazer, conduziu, também, a esta idéia.

Colhidos todos pela surpresa e com as idéias que haviam formado e tomaram corpo, no seu espírito, pois não faltavam a presença de aviões e bombardeamentos navais a confirmarem as suas previsões, sentiram-se pequenos e, francamente, inferiorizados.

Em resumo, o moral com que as forças se encontravam, no momento da invasão, não podia ser considerado bom. A forma brusca porque a acção surgiu e o desconhecimento quase total da situação (IN e NP) fê-lo baixar muito rápida e notoriamente. Devo ainda e neste momento referir que, salvo melhor opinião, a finalidade da nossa actuação não era facilmente acessível e de se tornar compreendida.

As circunstâncias podiam ser mais adversas ainda se não se verificasse a circunstância citada e tivesse sido, portanto, possível criar um ideal que tudo supera e arrasta atrás de si, o moral poderia ter-se mantido e ter actuado sobre o pessoal



de formas a dar-lhe aquilo que lhe faltou, uma decisão inabalável de resistir, na defesa sagrada da Pátria.

A spatia da população muito contribuiu para este efeito.

Goa como Pátria plena e totalmente integrada no conjunto Português não foi uma realidade.

(k.) Actos de terrorismo levados a efeito pelo Inimigo

No período anterior ao da invasão, houve uma série de atentados terroristas, sendo os principais os seguintes:

- 07/08DEZ - Forças In. fizeram fogo de espingarda e de metralhadora junto do Posto de Polém
  - 08/09DEZ - Novamente Forças In. fizeram fogo junto do Posto de Polém. O Posto de Poinguinim foi atacado por granadas de mão e tiro de metralhadora ligeira.
- O E.Rec.4 adopta o dispositivo operacional. Esta Unidade enviou uma patrulha constituída por uma A.M.C. e um Jeep para estabelecer ligação com a esquadra que se encontrava em Butpal e, uma vez estabelecida essa ligação, deslocar-se a Poinguinim. Esta A.M.C. foi destruída por uma mina colocada próximo da bifurcação de Butpal, tendo resultado também a morte de um soldado.
- 09/10 DEZ - A diligência de Canácona do E.Rec.4 foi atacada por um grupo de terroristas que fez fogo de espingarda e pistola-metralhadora e lançou granadas de mão defensivas.
  - 11/12DEZ - O Quartel do E.Rec.4 de Bali foi atacado por um grupo de terroristas, tendo sido aprisionado um dos terroristas e aprisionadas munições.
  - 14/15DEZ - A Diligência de Sanguém do E.Rec.3 foi objecto de um atentado terrorista.
  - O Quartel da B.Art.1 no Alto de Margão e o Paio1 desta Unidade em Torçanzori foram também atacados por terroristas.
  - 16/17DEZ - Uma camioneta de carreira Vasco-Polém foi destruída por uma mina.
  - A povoação e o Posto de Polém foram destruídos e incendiados. O Posto de Poinguinim-Ponte foi também destruído por elementos terroristas.

A partir de 15DEZ61, data de ocupação das posições pelas Unidades, os Aquartelamentos passaram a ficar guardados por um número muito reduzido de pessoal que se manteve em aturada vigilância de noite e de dia.

O pessoal que ocupava as posições manteve-se também com uma aturada vigilância de noite e de dia, porquanto grassava nessa altura uma onda de terrorismo que incidira as suas atenções sobre os postos militares, fazendo prever o ataque a alguma das posições.



A todo o pessoal era exigido um grande esforço no sentido de se obter a mais aturada vigilância o que consequentemente provocou um grande desgaste físico.

Quando as operações resultantes da invasão tiveram início pode, pois, afirmar-se que já há mais de 10 dias que o pessoal descansava pouco e mal, fazendo-se já sentir os seus efeitos sobre o seu estado físico com os correspondentes sobre o moral.

Estava cansado, embora, evidentemente, não esgotado e ainda muito aquém daquilo que seria de se lhe exigir.

O desenvolvimento destas acções era provocado pelo In., com esta finalidade de desgastar, ao mesmo tempo que minava o moral da população civil por esta actuação em conjugação com uma intensíssima campanha de notícias tendenciosas, na imprensa indiana e população, dos mais diversos boatos.

Embora vá um pouco além do âmbito das minhas atribuições devo aqui acrescentar que entre a população civil se chegou a ancian pela invasão com vista ao seu sossego pois pensava que seria poupada e os seus nervos começavam a ceder de forma muito notória.

## 1. Plano "Sentinela"

### 1) Distribuição

Na primeira quinzena de Agosto, após uma reunião preliminar no Q.G./FAEI, foi distribuído o "Plano Sentinela".

Cerca de 10 dias depois houve uma nova reunião a fim de discutir o referido Plano. Pretendia-se tirar dúvidas e colher sugestões.

Nesta reunião foi bem focado por todos os comandos presentes a dificuldade em cumprir a missão devido:

- Aos reduzidíssimos meios ao nosso dispôr;
- À enorme superioridade numérica e material do In.;
- À falta de meios de transmissão;
- À dificuldade de coordenar a manobra.

Foram feitas várias sugestões que não mereceram aceitação. Especialmente a criação temporária de um novo Agrupamento no Centro parecia vir complicar ainda mais o já pouco simples plano.

### 2) Elaboração do Plano de Operações do Agrupamento

Após a recepção do Plano foram efectuados reconhecimentos ao nível Agrupamento e seguidamente foi elaborado o do Agrupamento Afonso de Albuquerque que foi distribuído em fins de Agosto.



Quando foi distribuído o Plano pelas Sub-Unidades do Agrupamento foi feita uma reunião com os respectivos Comandantes que foram unânimes em frisar as dificuldades em cumprir a missão pelos reduzidíssimos meios ao dispôr, à esmagadora superioridade do In., à falta de meios de transmissão e à dificuldade de coordenar a manobra.

As Sub-Unidades iniciaram, seguidamente os seus reconhecimentos, mas algumas posições só foram reconhecidas no dia em que foi dada ordem para a sua ocupação, em virtude das alterações que, de ordem superior, foram introduzidas à última hora.

3) Anexos ao Plano "Sentinela"

Na segunda quinzena de Setembro <sup>foi recebido</sup> o Anexo de Informações, sendo o Plano de Barragem recebido em Novembro. Três dias antes da invasão foi distribuído o Anexo de Transmissões, não tendo chegado a ser recebido o Plano Logístico e Administrativo.

4) Alterações ao Plano "Sentinela"

Sofreu o Plano diversas alterações durante os dias que precederam, imediatamente, a invasão.

De notar que estas resultaram de ordens verbais admente e nalguns casos se verificou a circunstância mais inconveniente de terem sido transmitidas aos comandantes das Sub-Unidades, sem sequer ter sido dado conhecimento ulterior ao Comandante do Agrupamento.

Como se conclue tal procedimento, salvo o devido respeito por melhor opinião, só podia originar e originou situações delicadas e perturbadoras, que seriam de evitar, em nosso entender, o mais possível.

Se a preparação e execução já eram deficientes o mal mais se agravava perante tal forma de agir.

5) Plano para a defesa da PEN. NORMUÇÃO

Não chegou a ser distribuído.

Foram indicadas as posições das Unidades numa reunião havida no Q.G. em 10DEZ61 (?). Nos dias que antecederam a invasão foram alteradas várias vezes estas posições, sempre com ordens verbais, algumas das quais só chegaram ao meu conhecimento após o final das operações.



## I I - INVASÃO

### a. Operações

#### 1) Ocupação das Posições Iniciais

Em 15DEZ61, após uma reunião no Q.G., foi dada ordem para a ocupação imediata das posições iniciais.

- A instalação das Sub-Unidades do Agrupamento, decorreu normalmente, e estava terminada cerca das 152230DEZ61.
- Posições ocupadas pelas Sub-Unidades:
  - Comando - No Quartel de Navelim
  - 29.Pel. Rec/E.Rec.3 - na região de Curpem, vigiando o itinerário Curpem-Salginim
  - E.Rec.4 (Ref. 1 Pel.At/C.Caç.10 - 29.Pel.Rec) na região da Ponte de Ordofo, tendo um Pel.Rec. na região de Genácona.
  - C.Caç.10 (-1 Pel.At. - 1 Sec.At. - 1 Esq.PIAT - 2 Sec. At.) na região de Chinchinim.
  - B.Art.1 - na região de S. José do Areal.
  - 29.Pel.Rec./E.Rec.4 - na região de Mulém.
  - C.Caç.3 - na região de Vernã

#### - Reforços

Em 15 Dez.61 apresentaram-se ao Comando do Agrupamento os seguintes oficiais:

- Cap.de Eng.ª Paiva Boléo para orientar a execução do Plano de Barragens na Zona do Agrupamento.
- Alf. SAM Aresta Branco para desempenhar as funções de Adjunto do Oficial de Reabastecimentos.

#### 2) Organização das Posições

- E.Rec.4 - já antes da ocupação das posições as tinha organizado, tendo-a melhorado após a referida ocupação.
- C.Caç.10 - só após a ocupação das posições fez a organização sumária das mesmas, em virtude de em 14 DEZ.61 lhe ter sido alterada a posição por decisão do Comando Superior.
- Em 14.DEZ.61 foi iniciada uma organização sumária da posição de Vernã. Como a natureza do terreno não permitisse a abertura de abrigos, foram utilizados sacos de terra.

#### 3) Invasão do Território

##### a) Operações

#### 1) Actuação das Sub-Unidades no período de 1810DEZ61 a 1905DEZ.61

##### a) - 29.Pel.Rec.E.Rec.3

180700 - Recebeu a informação do Comissário da Secção



Policial de Sanguém de que Doromarogo e Siquervale haviam sido ocupados pelo In..

180900 - Recebeu a informação do E.Rec.3 de que este Esquadrão estava a retirar para Sanvordem.

Aviões In. sobrevoam Sanguém e Sanvordem.

Em virtude da ausência total de ligações rádio, deu ordem à Secção de Atiradores que se encontrava na Diligência para ocupar a primeira posição de retardamento.

181000 - Recebeu ordem do Comandante do E.Rec.3 para retirar para Sanvordem.

181045 - O Pel.Rec. ocupa a posição ordenada pelo Comandante do E.Rec.3, passando a desempenhar a sua função específica dentro desta Sub-Unidade.

b)- E.Rec.3

181000 - O Esquadrão atingiu Sanvordem.

181100 - Atingiu Sanvordem a Sec. de Sapadores encarregada da destruição desta Ponte. Como a missão desta Secção estava terminada, em virtude de não ter havido tempo de preparar a destruição da referida ponte, o Comandante do E.Rec.3 ordena a retirada da referida sec. para a P.H.MORMUÇÃO.

Não foi possível estabelecer ligação rádio com o PC deste Agrupamento.

Em virtude da ausência total de informações e por o Comandante do E.Rec.3 ter recebido, numa reunião no QG em 13.DEZ.61, ordem do Subchefe E.M. para ocupar a posição de Quelossim se lhe fosse ordenada a retirada de Darbendoré com urgência, ordenou a retirada do pessoal da PEI de Quepem. Seguidamente ordenou a retirada do 29.Pel.Rec. para Loutolim e pouco depois a do 19.Pel. Rec. para Maina.

181200 - Perto da posição de Maina encontrou o Comandante A.A.A., tendo-lhe comunicado a posição do Esquadrão e a ordem recebida do Subchefe E.M..

Recebeu ordem do Comandante do A.A.A. para aguardar ordens nas posições que ocupava.

181700 - Por ordem do Comandante do A.A.A. retirou e foi ocupar posições na linha Maina - Navelim.

Dirigiu-se seguidamente ao PC do Agrupamento a fim de insistir na ocupação da posição de Quelossim, mas recebeu ordem do Comandante do referido Agrupamento para se manter na mesma posição e para mandar apresentar naquele Comando um estafeta para poder ser es



tabelecida ligação entre os dois Comandos.

190530 - Recebeu ordem para conduzir o Esquadrão para Vernã.

c) - E. Rec. 4

181000 - Recebeu, por intermédio da rede rádio da PEI, ordem do Comandante do Agrupamento para:

- A entrada em execução do Plano "Sentinela"
- A destruição da Ponte de Ordefondo

Dá imediato cumprimento a esta ordem.

181130 - Apareceram em Ordefondo os primeiros elementos inimigos que foram obrigados a dispersar pelo fogo do 39. Pel. Rec. e do Pel. At/CC.10.

Aviões In. sobrevoam continuamente as posições desde as 0700. O 39. Pel. Rec. e o Pel. At/CC.10 retiram da posição de Ordefondo. Foi comunicado ao Comando do Agrupamento esta retirada, mas não foi conseguida ligação rádio.

O Comandante do E. Rec. 4 recebeu a informação do adjunto do E. Rec. 3 que esta Sub-Unidade tinha os elementos mais avançados em Quapem e que às 0800 já o In. se encontrava em Sanguem.

Em virtude de ter o flanco esquerdo desapoado até Bali e ameaçado pelos elementos In. que se encontravam em Sanguem, o Comandante do E. Rec. 4 decide retirar o seu Esquadrão para a posição de Bali.

- Durante a retirada o Esquadrão foi constantemente sobrevoado por aviões In.
- Quando acabou de se instalar em Bali, recebeu uma ordem do Comandante do Agrupam. e transmitida pelo adjunto do E. Rec. 3 para só retirar desta posição à ordem.
- Como continuasse a não haver ligação rádio com o Comando do Agrupam., mandou apresentar neste Comando o adjunto do Esquadrão para fazer a ligação.

181630 - Em virtude de uma informação chegada, e que depois se concluiu ser mal transmitida, o Comandante do E. Rec. 4 ordenou a retirada do seu Esquadrão.

Quando chegou ao PC do Agrupam. foi esclarecido de que tinha havido engano, recebendo ordem para a ocupação da posição de Navelim.

190530 - Recebeu ordem para conduzir o seu Esquadrão para Vernã.



d) - B.Art.1

180900 - Recebeu ordem para a entrada em execução do Plano "Sentinela".

- A partir das 0800 e durante toda a manhã a posição é sobrevoada por aviões In.

181200 - Recebe ordem para retirar para as posições de Vernã.

- Apesar de todas as tentativas feitas não consegue estabelecer ligação rádio com o Observador Avançado que mandou apresentar no E.Rec.4.

190530 - Recebeu ordem para desmobilizar o pessoal natural que o desejasse, destruir o material e conduzir o restante pessoal para Vernã.

Esta ordem foi emanada do signatário e na altura em que decidiu a rendição do Agrupamento.

Evita-se que os naturais, podendo dissimular-se entre a população <sup>civil</sup> fossem feitos prisioneiros e viessem a ser vítimas de maus tratos como represália de nos terem servido, sempre, lealmente.

e) - D.Caç.10

180915 - Recebeu ordem para a entrada em execução do Plano "Sentinela".

- Foram sobrevoadas as posições durante toda a manhã desde 180700.

181430 - Em virtude de má informação chegada, que depois se concluiu ser mal transmitida, mandou avisar o Comandante do E.Rec.4 para retirar e preparou a retirada da sua Companhia.

181700 - Chega com a sua Companhia ao PC do Agrupam. e, tendo sido esclarecido ter havido engano, recebeu ordem para recuperar a posição de Chinchinim.

181800 - Terminou a ocupação da posição de Chinchinim.

190530 - Recebeu ordem para conduzir a sua Companhia para Vernã.

f) - Comando

(1) Na madrugada de 18DEZ61 fui chamado ao Quartel da PEI de MARGÃO a fim de receber um telefonema do CG. Neste telefonema o Chefe E... informou-me que o In. tinha iniciado a invasão da parte N do nosso Território, o que mais tarde me foi confirmado por uma comunicação telefónica do Subchefe EM, mais me informando que Bicholim tinha sido ocupada pelo In..



Comunicou-me também que o Plano "Sentinela" tinha entrado em execução nos Sectores do Agrupamento L. JOÃO DE CASTRO e CENTRO e que só entraria em execução no Sector deste Agrupamento à minha ordem e só quando o In. invadisse o Território Nacional neste Sector.

- (2) Cerca das 180900 foi recebida uma mensagem do Comando da PEI de MARGÃO, transmitindo-me a informação de que o In. tinha invadido o nosso território por Polém. Ordenei imediatamente a entrada em execução do Plano "Sentinela". Foi ordenada a destruição da Ponte de Ordofoondo. Ambas as ordens foram comunicadas superiormente.

Seguidamente o PC do Agrupamento deslocou-se para a região de Nuvem.

- (3) 181145 - Foi informado pelo adjunto do E.Rec.3 que o E.Rec.4 tinha retirado de Ordofoondo e ocupava as posições de Bali, e que o E.Rec.3 tinha atingido Sauvordem.

Como a ligação rádio não existisse, transmiti por intermédio deste Oficial, ao Comandante do E.Rec.4 ordem para só retirar de Bali à ordem superior.

- (4) Como continuasse a não obter ligação rádio com qualquer das Unidades, desloquei-me ao PC da C.Caç.10 onde obtive informação de que o In. ainda não tinha atingido Bali.

Seguidamente desloquei-me pelo eixo Margão-Quepem a fim de obter informações do E.Rec.3. Perto de Maina encontrei o Comandante do E.Rec.3 que me comunicou a localização do Esquadrão e me informou que ia retirar a fim de ocupar uma posição em Quellossim para resistir - Tipo Infantaria - a qualquer infiltração no eixo Loutolim-Quellossim, pois, segundo ordens verbais que lhe tinham sido dadas directamente pelo Subchefe EM, deveria proceder deste modo se recebesse ordem superior para retirar de Darbandorá com urgência, o que tinha sucedido.

Como não tinha conhecimento desta ordem, ordenei que ocupasse Quepem, não devendo retirar desta posição sem ordem superior, conforme determinava o Plano "Sentinela".

- (5) Dei ordem ao Comandante da B.Art.1 para ir ocupar posições na região de Vernã.



- (6) Dirigi-me ao PC do Agrupam. tendo enviado um rádio para o QG a fim de esclarecer a ordem recebida pelo Comandante do E.Rec.3 e de saber informações sobre o In. e NT.

Como não obtivesse ligação rádio mandei o Oficial de Informações e Operações do Agrupam. comunicar directamente com o QG., o que não foi conseguido, por não ter sido possível saber da sua localização.

- (7) Cerca das 1230 recebi informação do Agrupam. Centro de que todas as suas Sub-Unidades tinham atravessado a Ponte de Borim.

Em vista disto ordenei a destruição da referida Ponte.

As Secções da C.Caç.10, que se encontravam em Borim recolheram, como estava previsto, a Varnã para ocupar esta posição com a C.Caç.3.

- (8) Pouco depois foi restabelecida ligação rádio com o QG tendo-se esclarecido que só deveria retirar as Sub-Unidades da linha Quepen-Bali à ordem superior. Como continuasse a não obter ligação rádio com o E. Rec.4 ordenei ao Oficial de Reabastecimentos e Pessoal do Agrupamento que se deslocasse a fim de obter informações.

Este Oficial regressou pouco depois com a informação de que o In. ainda não tinha atingido Bali.

- (9) 181730 - Chegaram junto do PC do Agrupam. o E.Rec.4 seguido da C.Caç.10 em virtude de não ter sido convenientemente interpretada uma informação que lhes foi dada. Esclarecida a situação, imediatamente ordenei a ocupação da posição de Chinchinim pela C. Caç.10 e da posição de Navelim pelo E.Rec.4, tendo ordenado ao Comandante do E.Rec.3 a ocupação das posições na linha Mains-Navelim.

O QG. foi informado desta ocorrência por intermédio do oficial de informações e Operações do Agrupamento, não tendo esta ocorrência causado qualquer influência no desenrolar das operações.

- (10) Tornando-se necessário fazer o reabastecimento de gasolina às viaturas do E.Rec.4 mandei o Alferes SAM Aresta Branco ao Q.G..

- (11) 181800 - Veio ao PC do Agrupam. o Comandante do E. Rec.3 a fim de insistir na retirada imediata do seu Esquadrão para a posição de Quelossim. Ordenei que



mantivesse as posições que ocupava e que mandasse apresentar no PC do Agrupam. um estafeta, em virtude de não haver possibilidade de ser estabelecida outra ligação com esta Sub-Unidade.

(12) Cerca das 190430 fui acordado pelo Oficial de Informações e Operações do Agrupam. que me disse ter acabado de regressar o Alf. Aresta Branco com informações, sendo conveniente ouvi-lo. Declarou-me o referido Oficial que:

- Suas Exas. o General Comandante Chefe e Comandante Militar, C.E.M. e o Sub-chefe EM estavam em VASCO DA GAMA;
- O Q.G. tinha ido para Pangim;
- O Agrup. D JOÃO DE CASTRO já se tinha rendido;
- Pangim estava em poder do In.;
- A estrada junto de Cortalim estava já minada;
- O In. já se encontrava na margem direita do Zuari;
- O In. iria fazer um bombardeamento aéreo e naval à Pen. de Mormugão, caso Vasco da Gama não se rendesse até às 190700DEZ61;
- Tinha sido convidado a ir para Pangim mas não o fez para me poder relatar a situação.

Estas informações mereceram-me crédito.

Após a recepção dessa informação e ponderada a situação resolvi tomar uma decisão, pois entendi que se me impunha fazê-lo e por mim só, pois somente eu podia e devia assumir a responsabilidade.

Aceitando o que me foi dito, pois devo declarar que o meu espírito estava preparado para o receber e julgo que razoavelmente, em conjugação com o facto de me ter sido dito também nessa ocasião que a C.Caç.3 (naturais) tinha dispersado, fiquei profundamente chocado e avaliando a situação debaixo deste estado de espírito concluí que tudo devia estar perdido e que, portanto, a entrada em acção do Agrupam. isolado e nas circunstâncias que resultem de tudo o que já consta deste relatório, particularmente ao referido em I a.; I b.; I c.; I d.; I e.; I f.; I h.; I j., nada representava.

Só podia conduzir ao seu aniquilamento total com a agravante de poder provocar o que se pode chamar de um massacre entre a desabrigada e desprevenida população civil. Do sacrifício a que iria sujeitar os ho



mens sob o meu comando nada podia resultar a não ser a sua inglória morte, em pura perda de vidas que, lamentavelmente, e dada a situação que nos foi criada no Mundo e que tão estóica e galhardamente estamos a enfrentar, podiam vir a ser úteis.

Decidi, portanto, que o Agrupamento se rendesse na posição de Vernã, ordenando que fosse içada uma bandeira branca em local visível, a fim de evitar possíveis bombardeamentos da aviação In. e fosse destruído o material.

Assim se foi processando a rendição das sub-Unidades que acabaram por se reunir em Vernã:

- Comando do Agrupamento
- C.Caç.10
- B.Art.1
- E.Rec.3
- E.Rec.4

Porque a situação não sofria alteração e refeito, em parte, do choque emocional que citei, ponderando melhor, decidi, seguidamente tentar a todo o custo a ligação com o Comando Superior e o esclarecimento da situação.

Assim resolvi deslocar-me, pessoalmente, na direcção de Cortalim para satisfazer o que acabo de relatar e ver se encontrava alguns elementos da C.Caç.3.

Quando cheguei a Cortalim verifiquei haver algumas viaturas e material abandonados não tendo encontrado ninguém.

Ao passar junto do Pontão situado na estrada Cortalim-Vasco da Gama encontrei, porém, uma formação de Engenharia preparando a destruição do referido Pontão.

Ferguntei se sabiam onde estava Sua Exã. o General Comandante Chefe, sendo informado que se encontrava para os lados de Vasco da Gama. Para ali me dirigi. Ao encontrar Sua Exã. relatei o sucedido tendo-me sido dadas ordens para ocupar com as Sub-Unidades do Agrupamento algumas posições na Pen. de Mormugão.

Ao regressar novamente a Vernã verifiquei que o material estava já praticamente todo destruído, excepto o do E.Rec.3 que se encontrava intacto. Ao deslocar-me do FC em Vernã havia-me esquecido, no conjunto das preocupações que me avassalavam, de suspender a ordem para a destruição do material, como se impunha.



Reuni os Comandantes das Sub-Unidades e dei-lhes conhecimento da decisão de Sua Exã. o General. Foram unânimes em dizer que no estado em que se encontrava o material e o moral das suas Sub-Unidades não era possível ocupar posições, tendo-me sido perguntado se Sua Exã. o General Comandante Chefe estaria bem informado da situação real material e moral das Sub-Unidades do Agrupamento e que as forças aéreas In. já tinham sobrevoado Vernã e reconhecido a rendição.

Voltei novamente a Vasco da Gama relatar estes factos a Sua Exã. o General Comandante Chefe que me deu ordem para arranjar voluntários para irem ocupar posições na Pen. de Mormugão.

Quando regresssei a Vernã, depois de dar conhecimento do que se passava e quem era voluntário, pediram-me os Comandantes das Sub-Unidades para os conduzir à presença de Sua Exã. o General Comandante Chefe a fim de falarem pessoalmente com ele. Conduzidos à presença de Sua Exã. relataram a situação, tendo no final Sua Exã. dado ordem para nos retirarmos para Vernã e renderem-se aí todas as Sub-Unidades.

Uma vez em Vernã o Comandante do E.Rec.3 ordenou a destruição de todo o material da sua Unidade, pois ainda não o tinha feito.

## b) Ligações

### 1- Com as Sub-Unidades do Agrupamento

As ligações mantidas com as Sub-Unidades do Agrupam. foram deficientíssimas em virtude dos meios à disposição serem limitados e deficientes com a agravante das interferências rádio feitas pelo In. nas frequências normal e de recurso utilizadas.

Enquanto o PC do Agrupam. se manteve em Navelim foram mantidas ligações rádio muito irregulares com a C.Caç. 10, B.Art.1 e E.Rec.4.

Com o 29. Pel.Rec./E.Rec.3 só foi possível estabelecer ligação rádio durante um curto espaço de tempo e com o posto fixo da Diligência de Canguém. Foi utilizado o posto de rádio da PEI para a transmissão de algumas mensagens.

Com a C.Caç.3 e o 29.Pel./Rec./E.Rec.4 nunca foi possível estabelecer ligação rádio, sendo as ligações mantidas por estafeta.



Depois da deslocação do PC para a região de Nuvem só foi possível manter ligação rádio com o E.Rec.4 e mesmo esta muito irregular.

Deixei de ter ligação com o 29.Fel.Rec./E.Rec.4 que soube mais tarde, ter retirado para a Pen.Mornugão. Para as ligações rádio com as Sub-Unidades foi utilizado um posto de rádio EC 1 mandado por mim montar na viatura do Comando.

### 2- Com a Unidade Lateral

Praticamente não foi conseguida qualquer ligação com a unidade lateral.

Cerca das 181230DEZ61 fui informado pela rádio que todas as Sub-Unidades do Agrupam. Centro já tinham passado pela Ponte de Borim.

### 3- Com o Q. G.

Até à saída do PC do Agrupam. para Nuvem as ligações rádio com o Q.G. eram mantidas por intermédio da rede permanente.

Após a saída do PC do Agrupamento para Nuvem as ligações foram feitas por intermédio dum posto de rádio SCR-193 montado em viatura.

Até cerca das 190030DEZ61 foram mantidas ligações com o QG embora por vezes irregulares e influenciadas pelas interferências provocadas pelo In. e pelo grande tráfego de serviço existente.

Depois destas horas não mais houve qualquer ligação com o QG apesar das repetidas chamadas feitas e do posto de rádio do Comando do Agrupamento se manter em escuta permanente.

### b. Informações

O serviço de informações não funcionou. Não foram difundidas informações que permitissem o Comando do Agrupamento estar ao corrente da situação das NT e das Inimigas. A não paralização do trânsito dos civis e das viaturas, conjugada com a falta quase total de ligações, deu origem a que corresse uma enorme série de boatos.

Por este Comando foram enviados, via rádio, para o QG.SITREPS de hora a hora, com informações sobre a situação das NT e as obtidas do In., desde a entrada em execução do Plano "Sentinela" no Sector do Agrupamento até à madrugada de 19DEZ61.



c. Plano de Barragens

1- A Ponte de Sanguém não foi destruída por a isso se ter o-  
posto terminantemente o Comissário da PEI de Sanguem, ape-  
sar das insistências do Comandante do 29.Pel.Rec/E.Rec.3 e  
dos Sargentos de Engenharia encarregados da referida des-  
truição.

Até Sanguém foram executadas todas as destruições de primei-  
ra prioridade do Plano de Barragens a cargo do 29.Pel.Rec/  
E.Rec.3.

A Ponte de Quepem foi destruída.

A Ponte de Savordem foi destruída em virtude de não ter ha-  
vido tempo de preparar a sua destruição.

2- Eixo Polem-Bali-Margão

Foi cumprido o Plano de Barragens (1ª.prioridade) a cargo  
do E.Rec.4 até ao Pontão de Pissonoi inclusivé.

3- A ponte de Borim foi destruída.

III

a. Informações sobre o In.

A invasão do Território Nacional, na ZA do Agrupamento, foi  
efectuada, segundo informações obtidas após o fim das hosti-  
lidades, pelos seguintes meios:

Dois Batalhões Paraquedistas "Sagitarian Brigade", pelas  
Brigadas "Bihar" e "Maratha", um G.C.C., um G.Baterias auto-  
propulsado 10,5 cm "Sherman" e um G. de Artilharia de monta-  
nha de 10,5 cm.

Cada uma das Brigadas tinha um efectivo de cerca de 9.000 ho-  
mens, 1 E G.C. A M X (com 36 C.C.) e canhões sem recuo de  
10,6 cm. montados em viaturas Jeep.

Os eixos segundo os quais se processou a invasão foram os se-  
guintes:

- Tembri-Surla
- Tinem-Molem
- Digui-Potrem-Sanguem
- Salginim-Sanguem
- Zambolim-Butpal-Tudol
- Polem-Bali-Margão

Segundo informações obtidas posteriormente após o final das  
hostilidades, trabalhavam, antes da invasão, numerosos elemen-  
tos In. dissimulados por todo o território a fim de colherem  
informações e de prepararem a invasão.



Entre as tropas do 29. Bat. do Regimento de Bihar foram reconhecidos os seguintes elementos:

- Um Alferes que trabalhava, como revisor, nos caminhos de ferro em Margão.
- Um Alferes que foi visto em Margão na noite do Divali vestido de mouro distribuindo açúcar.
- Um sargento que trabalhava como sapateiro em Margão
- Um sub-oficial visto dias antes da invasão perto de Sanvordem

Segundo as mesmas informações o In. construiu, durante os 5 dias que precederam a invasão, uma estrada no interior do nosso território a fim de substituir o troço da estrada Timem-dolem que havia sido destruído, sendo o caminho Digui-Potrem beneficiado durante três dias.

Numerosos grupos terroristas estavam espalhados por todo o território a fim de fazerem sabotagens e atacarem as NT quando o Comando In. julgasse conveniente.

A transposição pelo In. do rio Zari na região de Borim foi efectuada em barcaças de transporte de minério, sendo o seu ulterior transporte feito em camionetas civis.

- b. A falta de preparação psicológica para enfrentar os acontecimentos, tanto da população civil como do meio militar, a inexistência de planos de evacuação da população civil e de zonas de concentração para poupar a referida população aos efeitos dos bombardeamentos, a não paralização do trânsito das pessoas e viaturas civis nas estradas por onde se iriam processar as operações, a ausência quase absoluta de comunicações rádio do que resultou a quase total falta de ligações, a ausência de informações, a falta de confiança do pessoal no armamento e munições de que dispunha, as alterações à última hora feitas no Plano "Sentinela", algumas das quais só no final das hostilidades chegaram ao meu conhecimento, a inexistência de meios de defesa antiaérea e anticarro, os inúmeros boatos postos a circular, a cuidadosa preparação por parte do In. de todos os planos de invasão, a acção exercida antes e durante a invasão por elementos In. foram, além da superioridade esmagadora em pessoal e material do In., as principais causas que, segundo melhor opinião, deram origem à maneira como se processaram os acontecimentos.



c. Relação dos mortos do Agrupamento

Os militares mortos durante as operações e pertencentes ao Agrupamento ou a ele adidos, foram os que constam do seguinte quadro:

Unidade	Posto	Número	Nome	Local	Obs.
C.Caç.3	Alf.Mil		Abel dos Santos Rito Ribeiro	Angediva	Não foi identificado
C.Caç.3	Par.Mil		José A. Ramiro da Fonseca	Angediva	Idem
C.Caç.3	Seld.U	204/EP	Demuno Nassu Caneçar	Angediva	Idem
C.Caç.10	19Cabo	40/61	António Baptista Xavier	Angediva	Idem
DEI	19Cabo	244/60	António C. Oliveira Godinho	Pangim	Esta praça encontrava-se em Angediva e morreu no H.Bac. poucos dias após a sua chegada.

\*\*\*\*\*

Pondá, 23 de Abril de 1962

O Comandante do Agrupamento

José Moreira da Silva Rangel de Almeida  
Major de Cavalaria



COMENTÁRIOS AO RELATÓRIO  
DO COMANDANTE DO AGR. "ANTONIO DE ALBUQUERQUE"

As expostas no presente Relatório, oferecem-se ao Comando os seguintes comentários:

Os elementos respeitantes à actuação do 29.Pl/E.Rec.4 (Reserva do Agrupam.) e da C.Caç.3, só reunidos posteriormente à elaboração do relatório do Comandante do Agrupam. e cuja falta o mesmo aponta no início do mesmo relatório, em nada afectam o apresentado, nem contribuem para o seu esclarecimento. Serão considerados no entanto na altura devida, para seu completo.

I - ANTECEDENTES DA INVAÇÃO

a. Organização

As considerações expostas são de um modo geral pertinentes e constam dos relatórios do Comando. Há, no entanto, que esclarecer alguns pontos e situar outros no seu verdadeiro lugar. Assim:

- A orgânica dos Comandos de Agrupamento tinha sido fixada e estudada pelo EME. Eram simples Comandos Operacionais e que para poderem viver tinham de se servir de elementos das suas Unidades.  
Esta organização era a título experimental e procurava corrigir-se ou eliminar-se certas deficiências que o decorrer do tempo fosse mostrando e que fosse possível fazer no C.T. I.E.I.. As que não fosse possível resolver totalmente seriam comunicadas no fim do ano ao EME.
- Procurou sempre dar-se a maior amplitude à acção do Comando. A dispersão era a resultante do dispositivo e missões anti-terroristas. Os meios eram os que existiam depois da redução drástica dos efectivos, em Março de 1961.
- Como se diz no relatório do Comando, os efectivos existentes na Índia permitiam apenas fazer face à luta anti-terrorista. Isto mesmo consta do estudo que o EME fez a propósito da redução dos efectivos enviado ao Comandante-Chefe do Estado da Índia, com a nota confidencial nº.1364 de 6-6-60 da Repartição do Gabinete /C.E.K.E. Pº.2.103.1-7/60. Deste Estudo transcreve-se do seu nº.1 o seguinte:  
"1)- O presente estudo foi realizado conforme directiva recebida de Sua Ex.ª Subsecretário de Estado do Exército



no sentido de no Estado da Índia, se obteram economias destinadas a, por outro lado, fazer face ao aumento das despesas necessárias em África.

Admite-se que o sistema resultante do Estado, não satisfaz a exigência da natureza operacional, apenas se tendo em vista os principais condicionamentos da luta contra o terrorismo e subversão".

As restantes considerações que o Comandante do Agrupam. faz no n.º 4 estão correctas e estão explicadas com que atrás se transcreveu. A fortificação permanente ou semi-permanente nunca existiu anteriormente por razões, suponho, de natureza económica ou de conceito. Agora, com os efectivos reduzidíssimos, destinados a fazer face apenas à luta subversiva e anti-terrorista e quando se pretendia fazer economias muito menos se compreendia que fosse autorizada a construção dessa fortificação. Devo esclarecer que durante o meu comando muito me esforcei para que em volta dos quartéis se fizessem abrigos em terra ou com sacos de terra e se protegessem as guaritas -que as simples bolas de infantaria atravessavam-também com sacos de terra para fazer face aos ataques dos terroristas. Foi graças a estas organizações que ficamos a dever a redução do número de baixas na luta anti-terrorista. Foram ainda estas organizações passageiras feitas em volta dos postos, especialmente em Damão, que evitaram que tivéssemos maior número de mortos e feridos quando do ataque em força da U. Indiana.

- Quanto ao segredo ser um mito, é evidente que nunca se poderia ter a pretensão do segredo absoluto, mesmo que não houvesse uma parte mínima de população hostil. Isto no caso de se referir a este género de reserva.

Quanto aos serviços oficiais, ou mais restritamente, os serviços militares, o segredo era um ponto de honra de todos os elementos e muito especialmente dos mais responsáveis.

#### b. Instrução

Estão certas as considerações iniciais que faz, aliás já expostas no relatório do Comando. Apenas se esclarece que o pessoal da B. Art. 1 que trabalhava na construção dum parque auto para a sua unidade, era pouco, - auxiliava a Eng. - e devia fazê-lo sem prejuizo da instrução. Foi a pedido do Comandante da Bateria que esse parque estava sendo construído. Várias vezes visitei a Bateria e vi o pessoal em instrução.

- Quanto aos exercícios de conjunto era extremamente difícil



fazê-los porque:

- 1- Não havia verba para gasolina. Pediram-se 1.000 contos para patrulhamentos e nem para estes foram dados.
  - 2- Os efectivos que se tinham de manter de guarda nos quartéis e postos das diligências e serviços, que não podiam suspender-se, reduziam de tal maneira o pessoal que neles poderia tomar parte que lha tiravam qualquer significado. Logo que as tropas foram para as posições, os quartéis - que ficaram abandonados - foram saqueados e até destruídos alguns, pelos terroristas. Como se diz no relatório do Comando, a falta de efectivos tornava incompatível a luta em duas frentes: contra a U.Indiana e contra o terrorismo ou subversão interna.
- Quanto à instrução das Unidades incorporadas na India, é de elementar evidência que era desenvolvida dentro das possibilidades do Comando Militar. A este respeito ver o Relatório do C.M. e Chefes do E.M. e da 3ª Repartição.

#### c. Armamento e Munições

Os comentários referentes ao Armamento e Munições encontram-se feitos no Relatório do Chefe do Serviço de Material. Aí se diz que:

- algumas espingardas Mauser 7,9 m/937-A, devido ao muito uso e clima da India, se encontravam em mau estado;
- que o lança-granadas PIAT, como arma anti-carro, era obsoleto;
- que o lança-granadas 8,89 cm. - "Instalaza" - era uma boa arma anti-carro, mas não tinha uma única munição;
- que as met.lig. Madsen e pistola met. Steyer, embora algumas estivessem inoperantes, aguardando reparação ou substituição de peças, se encontravam em estado de satisfazer e que as avarias ou interrupções que se verificavam eram devidas quase na sua totalidade ao mau estado das munições de 9 m/m da Steyer;
- e mesmo quanto à pistola Parabellum, a propósito da qual o Chefe do Serviço de Material no seu Relatório diz:

"Das que ficaram em poder das Unidades em muitas havia deficiências por falta de sobressalentes" - pedidos muitas vezes à Metrópole - "e que não puderam ser satisfeitos".

"De resto o mau estado da munição de 9 m/m (na pistola era natural e regularmente utilizada a munição que não



servia para a pistola-met.) dava ao conjunto arma-munição qualidades de eficiência quase nula".

- canhão anti-carro 5,7 cm.:

Como se diz no Relatório do Comando foi a falta de munições para os "Instalaza" que obrigou a recorrer ao canhão 5,7 cm, que não fazia parte da orgânica das Unidades e já estava embalado para envio para o Continente. Nas Unidades de Infantaria havia - pelo menos em algumas - alguns oficiais que sabiam manejá-los. Só se distribuíram às Unidades que estavam nestas condições.

- Obuses 8,8 cm.:

Só havia - depois da redução dos efectivos - 2 Bat. de Art. no Distrito de Goa. Uma delas estava afecta ao Agr.A. Albuquerque. Se esta tinha 8 obuses - orgânicamente são 6 - foi porque se mandou distribuir o material da Bat. extinta, pelas restantes, incluindo as de Damão e Diu, para substituir as avariadas. Cinco obuses são 73% do total; 4 obuses 66%; em qualquer dos casos bastante mais que os 50% que diz o Comandante do Agrupamento.

Quanto ao apoio que poderia dar uma só bateria, estamos de acordo. Mas mais não tínhamos, depois da redução dos efectivos. Quanto à vantagem que haveria em termos morteiros, não vale a pena discutir o assunto uma vez que os não tínhamos orgânicamente.

As considerações que faz sobre as destruições que originaria a artilharia na propriedade e população civil estão fora do âmbito militar.

- Munições:

A este assunto se refere também detalhadamente o Chefe do Serviço de Material no seu relatório. Para ele remetemos os leitores. As deficiências apontadas foram verificadas pelas inspecções realizadas e comunicadas superiormente para resolução: envio de novas munições, construção de paióis, reforço de pessoal do destacamento ou pelotão de munições, etc..

d. Viaturas

O estado das viaturas do Agrupam. Afonso de Albuquerque como o de todos os outros está focado no relatório do Comando e no do Chefe do Serviço de Material. Destes Relatórios constam as diligências feitas por todos os meios junto das Entidades Superiores respectivas, na Metrópole, para remediar esse estado



Salvo a compra dos 50 Jeeps para substituir as motos dos E. Rec. nada mais se conseguia. A ruína do material que já estava inoperante ou velho ao vir para a Índia, foi-se agravando cada vez mais, devido ao clima, ao uso, à falta de pessoal técnico para o reparar, à pouca instrução que trazia o pessoal quando chegava, à falta de sobressalentes, etc..

e. Material de Transmissões

Nada há a acrescentar ao que se diz no relatório do Comando e no do Chefe do Serviço de Transmissões sobre este importantíssimo assunto. Tudo o que diz o Comandante do Agrupamento era conhecido do Comando que fez todos os esforços -sem nada conseguir- junto das entidades competentes na metrópole. Se mais postos-rádio não recebeu o Agrupam. foi porque mais não havia.

As considerações que faz sobre a ligação moral, estão bastante confusas, embora se compreenda a importância que na ligação têm as transmissões.

f. Material de Sapadores

1) Minas anti-carro

Não é correcta a afirmação feita quanto à inoperância das minas anti-carro. O problema apresentado verificou-se no tocante às minas A/P de fragmentação; mas, mesmo assim, estas puderam ainda ser utilizadas porque o DEI conseguia efectuar, em tempo, as necessárias adaptações das espoletas às minas.

2) Material de destruições

Pinham sido pedidas colecções de material de destruições, mas não foram fornecidas. Todavia, apesar das faltas, o Plano de Barragens preparado, foi executado quase na íntegra e não foi pelas faltas apontadas pelo Comandante do Agrupamento que algumas destruições não foram efectuadas.

g. Material de Águas

O material e os produtos indispensáveis à purificação das águas existiam no Destacamento de Engenharia da Índia e era fornecido às Unidades por intermédio do Quartel General sempre que fosse requisitado. Durante as operações não se notaram falta dos mesmos nem houve qualquer requisição.

h. Tiro

No relatório do Chefe da 3ª. Repartição estão expostas as razões porque o tiro do QP se iniciou em fins de Outubro, isto é, após a época monçónica.



Houve que planear a utilização das carreiras de tiro por todas as Unidades (dada a exiguidade daquelas perante estas) e estabelecer dotações de munições para que todo o tiro se efectuasse.

O tiro das AM estava limitado a 2 tiros por peça, por indicação do Serviço de Material, para estudo do material e das munições.

O tiro de morteiro e de PIAT foi autorizado dentro do princípio que seria preferível ter menos munições e o pessoal saber manejar as suas armas, do que guardar mais munições e os homens não as saberem utilizar.

A data da invasão encontravam-se as Unidades em plena execução do tiro do QP de 1961, no entanto, ainda não tinha sido possível efectuarem-se todas as tabelas.

#### i. Reabastecimentos e Rações

##### Serviço de Saúde:

Este assunto está esclarecido no Relatório do Chefe do S. Saúde. Como dele consta o F.S. do Agrupam. deveria ser montado com os meios das unidades do Agrupamento.

O Plano Logístico-Administrativo foi distribuído, mas algumas Unidades dizem não o ter recebido. Todavia, como se diz no Relatório do Comando e do Chefe da 4ª. Repartição, na reunião que houve no QG no dia 15 de Dezembro todos os Comandos tomaram nota, por escrito, do que lhes interessava desse Plano. Não foi por isso que a acção do Agrupamento foi prejudicada.

#### j. Moral do Pessoal

Duma maneira geral estão certas as considerações do Comandante do Agrupamento. No entanto há que dizer e esclarecer:

- que havia organizações e abrigos nalgumas posições: v.g. em ORDOPONDO, VERNÃ e QUELOSSIM;
- que o tempo que dispunham para as organizar é o normal nas operações de retardamento conduzidas pela cava.; as organizações são progressivas e têm o desenvolvimento compatível com o tempo de que se dispõe.

Também a parte final da pag.12 <sup>linha 34</sup> não está correcta. A acção não surgiu de forma brusca, pois durante mais de uma semana agarrámos o descomendar do staque inimigo, cujo valor aproximado foi dado a conhecer aos Comandantes dos Agrupamentos e Unidades independentes numa reunião no Quartel General.

As considerações <sup>restantes</sup> que faz ainda sobre o moral nas pag.12 e 13 estão confusas e fora do âmbito do Comandante do Agrupamento.



1. Actos de Terrorismo Levados a efeito pelo Inimigo  
 Nas pag. 13 e 14 faz umas considerações justas e certas.  
 Não se pode assegurar que a população civil -pelo menos na  
 generalidade- ansiasse pela invasão com vista ao seu sossego.

m. Plano Sentinela

- 1) As considerações iniciais acerca da elaboração do Plano Sentinela são pertinentes, na medida em que as nossas deficiências em pessoal e material se traduziam em dificuldades difficilimas de superar. A coordenação da manobra era de facto difícil dada a falta de meios de transmissão e a transferência de Comandos das Unidades do Agrupamento Centro, finda a acção deste, pela mesma razão, constituia um problema delicado quer para o Agrupamento Af. Albuquerque, quer para o Agrupam. D. João de Castro. No entanto, as deficiências eram conhecidas de todos, e, infelizmente, não estava na mão do CTIRI a resolução da maioria delas.
- 2) As alterações introduzidas no Plano elaborado pelo Agrup., para cumprimento do Plano Sentinela, foram comunicadas ao Comandante do Agrupamento entre os dias 12 e 14 de Dezembro e depois de se terem estudado com o referido Comando e até com o Comandante de uma das suas Unidades (C. Caç. 10) os reflexos que tais alterações poderiam ter no conjunto da sua manobra.
- Estas resumiam-se a:
- Instalação da C. Caç. 10 em Chinchilim e não em Nuvem como tinha planeado.
  - Instalação de mais um Pl/Rec. na região de Ordofoúdo.
- Como não existiam posições preparadas na altura pelas Unidades (com excepção do E. Rec. 4 em Ordofoúdo cuja utilização se mantinha), estas alterações em nada prejudicavam o tempo disponível para execução dos trabalhos de organização do terreno, que se mantinha sempre o mesmo, quer se tratasse das posições iniciais, quer das indicadas posteriormente. Quando muito, poderia haver uma ligeira perda de tempo para efectuação dos reconhecimentos, que, nas alterações indicadas, se cifravam numa duração mínima.
- 3) Os anexos ao Plano Sentinela foram entregues aos Agrupamentos com tempo suficiente. Assim foram sendo sucessivamente elaborados e difundidos:
- Em Novembro o Plano de Barragens e o Anexo de Transmissões.



- Em princípio de Dezembro o Anexo de Transp. Fluviais.
- Em 16 Dez. o Plano Administrativo-Logístico. Quanto a este há a notar, que dias antes, numa reunião no QG com os Comandantes dos Agrupamentos e Chefes de Serviços, foi discutido o apoio logístico a fornecer às operações e depois de assentes as modalidades de reabastecimento e evacuação, foram ditados os pontos que interessavam a cada Agrupamento, tendo os respectivos Comandantes tomado as devidas notas.

4) As alterações introduzidas no "Plano Sentinela" e comunicadas verbalmente ao Comandante do Agrupamento no QG em 10 ou 11 de Dezembro e posteriormente no campo, junto das posições, nos dias 12 a 14 do mesmo mês, em especial a referente à instalação da C.Caç.3 na região de Nagoá-Consua em nada afectavam o desenvolvimento da sua acção retardada de acordo com o mesmo Plano.

As referentes à C.Caç.10 e ao Pl/Rec. de igual modo não afectavam o desenvolvimento do Plano, nem causavam perturbações à sua acção conforme comunicou o Comandante do Agrupamento ao conhecê-las.

Não houve quaisquer ordens transmitidas aos Comandos subordinados que interessassem ao Agrupamento que não fossem de conhecimento do Comando deste.

Há, é certo, duas indicações fornecidas ao Comandante do E.Rec.3 e ao Comandante da C.Caç.3, respectivamente, que não foram dadas a conhecer na altura ao Comandante do Agr. No entanto, tal não se verificou propositadamente por não interessarem imediatamente ao Agrupamento.

Estão neste caso a indicação fornecida ao Comandante do E.Rec.3 no sentido de estar preparado para, à ordem, vir ocupar rapidamente a posição de QUELOSSIM (na previsão dum colapso rápido das forças do Agr. Af. Albuquerque no eixo Pólem-Margão) e a indicação fornecida ao Comandante da C.Caç.3 para, após a resistência inicial nas suas posições, à ordem, se deslocar para a Península (quando se sabia que tal ordem nunca seria transmitida, nem estava prevista, mas que se tornava necessário dá-la a conhecer à Unidade para manutenção do seu moral).

Evidentemente que se a indicação fornecida ao Comdt/C.C.3 nunca seria transformada em ordem e portanto nunca viria a interessar ao Agrupam., a primeira, respeitante ao E.Rec.3, seria transmitida na altura oportuna àquela.



Infelizmente, a indicação fornecida ao E.Rec.3, por má interpretação, veio a ocasionar uma situação delicada e uma manobra deficiente daquele Esquadrão, que por sua vez arastou em parte a do E.Rec.4, mas que foi restabelecida a tempo, bem e oportunamente, pelo Comandante do Agrupamento, como no seu relatório expõe.

- 5) O Agrupam. não recebeu de facto o documento formal escrito no Plano de Defesa da Península, no entanto, além do conceito geral da operação e das posições a estabelecer para a sua defesa, indicadas nos dias 10 ou 11 no QG, foram-lhe transmitidas todas as ordens necessárias para instalação das suas Unidades na "gola" da Península, algumas delas no próprio campo, junto das posições e depois dos reconhecimentos efectuados.

Tal documento formal nenhuma falta lhe veio a fazer pois sabia perfeitamente qual era a sua missão na defesa da "gola" da Península, nem como é óbvio, qualquer influência veio a ter no decorrer da sua acção.

É certo que algumas modificações de permaner houve entre os dias 12 a 14, na implantação das Unidades, todas provenientes dum melhor aproveitamento de terreno face à exiguidade dos efectivos e dos reforços que não surgiram.

Assim, houve que alterar a implantação da C.Caç.3 da região de Congua para a de Nagoá (300 a 400 m a SE) e instalar a C.Caç.10 na mesma região, abandonando as posições de Velsão e Remédios. Há que frisar no entanto, que a 14 todas as Unidades tinham a localização das suas posições definitivas, isto é, antes de darem início aos trabalhos de organização do terreno, pelo que nenhum tempo se perdeu, nem nenhuma confusão se estabeleceu. Neste dia, com a presença do Comandante Militar, o Comdt./Agrupam. e os Comdts das Unidades, no campo, junto das suas posições, ficaram perfeitamente integrados na missão que lhe competia na defesa da "gola" da Península de Normão.

As ordens verbais transmitidas eram absolutamente necessárias para que os trabalhos se pudessem iniciar rapidamente o que de facto se verificou. Só assim foi possível a organização das posições da Península com o grau de eficiência que se conseguia atingir.



## II - INVASÃO

Os comentários às operações já se encontram feitos nos relatórios do Comando e do Chefe da 32. Repartição, pelo que não os iremos repetir.

Há no entanto que frisar alguns pontos que se julgam de interesse.

Assim:

### 1. Organização das posições

A alteração da posição da C. Caç. 10, realizada em 14, em nada restringia o tempo para a organização do terreno, dado que a posição inicial prevista, também à mesma data não se encontrava organizada. As organizações de terreno conseguidas, quer em Vernã, quer em Chinchinim, podiam considerar-se razoáveis já no próprio dia 16, isto é, 2 dias antes do início da invasão.

### 2. Actuação das sub-unidades do período de 18DEZ61 a 19DEZ61

Ao descrito pelo Comandante do Agrupamento há que acrescentar, para o seu completo:

- a) 29.Pl/E.Rec.4 - Abandonou as posições de Loutolim (a cavaleiro da ponte de Borim) à aproximação do Pl/E.Rec.3 que o deveria render, deslocando-se seguidamente para a Península de Moura onde aguardou ordens para ir ocupar a posição prevista para o E.Rec.4.
- b) C. Caç. 3 - Transcreve-se na parte que interessa o relatório do seu Comandante no tocante à deserção dos elementos naturais e ao abandono das suas posições na noite de 18/19 de Dezembro:

"Cêrca das 2300 fui informado pelo Alf. Rapoula, Comandante do Pel. At. do flanco esquerdo, de que numa ronda que tinha passado à sua posição tinha verificado que a maioria dos soldados naturais tinham desertado e que só dispunha de 4 em todo o efectivo do pelotão. Dada esta circunstância alarmante, logo a seguir vim a saber que o mesmo se estava a passar nos outros pelotões, por isso preparei-me para mudar o dispositivo da Companhia.

Cerca 190000DEZ61 apareceu uma viatura militar vinda de Cortalim, carregada com algum mobiliário, e conduzida por um soldado natural da C. Caç. 1 (Pangim) que trazia ao lado outro soldado. Declararam que Pangim tinha sido tomada pelo In. e que o seu Capitão os tinha desmobilizado e que eles tinham aproveitado um jeep com o qual



tinham feito o percurso Pangim-Veraã. Perguntei-lhes se não conseguiram passar o rio Zuari entre Agaçaím-Cortelim sem encontrarem o pessoal do C.C. que ocupava a região daquela passagem; responderam-me que não havia qualquer tropa a guardar a passagem, nem nas imediações e que as barcas se encontravam a funcionar normalmente num e noutro sentido. Estes soldados receberam ordens de detenção e ficaram guardados.

Em 190100DE261 passou na posição uma viatura militar com um sargento que ia levar gasolina ao B.Rec.4, o qual confirmou que o In. já tinha tomado Pangim.

O dispositivo da Companhia foi então reajustado a fim de fazer face aos problemas nascidos com a deserção da maioria das praças naturais, tendo resolvido fazer uma defesa em perímetro, pois que temia acções na recta das lavadas a efeito por um In. organizado e que, vindo de Pangim para Mergão, utilizasse a passagem não defendida de Agaçaím-Cortelim sobre o rio Zuari e situada à minha retaguarda.

Destacado deste dispositivo e por forma a permitir uma melhor ligação com os elementos das Unidades do Agr. que se encontravam à nossa frente, na direcção de ... que deveriam passar na posição durante a retirada, deixei alguns elementos sob o comando de um sargento, o qual recebeu ordens para me informar, por sinais luminosos previamente estabelecidos, da aproximação e reconhecimento de cada uma das unidades ou do In., no caso de aparecer inesperadamente. Esta força englobava também a guarnição de um canhão anti-carro 5,7 que ainda se podia manter em acção e tinha ainda por missão a fiscalização nocturna do movimento de viaturas na estrada. O dispositivo geral permitia apenas uma defesa ligeira contra um ataque de surpresa por parte do In., vindo de qualquer direcção e não satisfazia às condições impostas pela missão, devido à exiguidade dos efectivos que praticamente ficaram reduzidos aos quadros, depois da deserção da maioria das praças naturais. No anterior dispositivo, consoante com a missão imposta, a defesa foi facilitada depois de escurecer, dado que a frente era demasiado extensa - a Companhia ocupava a frente normal de duas Companhias de Atiradores.

Na minha opinião esta deserção em massa foi devida a vários factores e sobre os mesmos, em tempo oportuno,



tinha sido dado conhecimento superior, quer ao Comdt. do Agr., quer ao Exmº. Sub-Chefe do E.M.; cheguei mesmo a manifestar-lhe a minha inteira desconfiança sobre o comportamento dos soldados goesas, de valor moral e físico nítidamente inferior ao das tropas europeias. Considero que o seu comportamento se baseou em quatro pontos importantes:

- 1)- Patriotismo pouco arraigado ou talvez diferente, possivelmente concordante com a seguinte ideia - apego à terra natal mas não lhe dando o sentido de Portuguesismo que nós sentimos;
- 2)- Fadiga física pronunciada durante a campanha;
- 3)- Desmoralização completa depois de terem observado a aviação in. e os bombardeamentos ao Aeroporto;
- 4)- Facilidade de se misturarem com a população civil, desde que, para tanto, despiassem o uniforme.

Cerca de 190415DEZ61 compareceu no meu PC o sargento encarregado da fiscalização nocturna dos movimentos auto na estrada, tendo-me informado de que pelas 0400 tinha passado uma viatura militar (jeep) em grande velocidade e que mandada parar se verificou ser conduzida por um soldado condutor natural. Esta praça informou-o do seguinte: O Capitão Menzes do QG tinha mandado avisar toda a tropa que se encontrava para a frente (d direcção Sul) para dispersarem e abandonarem as armas. Este sargento informou-me depois que o referido soldado tinha seguido na direcção de Margão no cumprimento da sua missão.

Considerando:

- 1)- A total falta de informações e completa desligação com os Comandos Superiores;
- 2)- A notícia confirmada por duas fontes da rendição da guarnição de Pangim;
- 3)- O abandono da passagem de Açaçaim-Cortalim, onde estava instalado o Q.G.;
- 4)- A possibilidade do In. atravessar com meios próprios o leito do rio Zuari em vários pontos do meu flanco esquerdo;
- 5)- A falta de meios para cumprir a missão ou de defender-me em todas as direcções, dada a exiguidade dos efectivos;
- 6)- A notícia de dispersar e abandonar as armas;



Decidi retirar a corta-mato sobre a região coberta de Sancoale e ordenei que todo o pessoal abandonasse as armas, procurando inutilizá-las o mais depressa possível. Pelas 0435 iniciei o movimento de retirada a partir da posição e procurei aproveitar-me do período de escuridão para chegar a Sancoale a coberto das vistas do In., sobretudo da aviação In.. Chegado a Sancoale verifiquei que só dispunha de cerca de 10 soldados naturais e resolvi aproveitar-me de dois para irem reconhecer a situação na rectaguarda, por alturas das posições da C.Caç.6. Para o efeito, ordenei que improvisassem um traje civil a fim de poderem circular livremente, confundindo-se assim com a população civil sem que levantassem suspeitas ao In. que se temia encontrar naquela região. Não depositava grande confiança no seu comportamento mas verifiquei cerca das 0700 que regressavam e depois de interrogados informaram-me que a C. Caç.6 se encontrava instalada na sua posição defensiva e que não tinha verificado a presença do In. naquela região. Em face desta notícia resolvi apresentar-me imediatamente na C. Caç.6 com o pessoal sob o meu comando, tendo chegado à sua posição cerca das 0800. Pedi ao Comandante da C. Caç.6 que me facultasse qualquer meio para me pôr em contacto com o Q.G., tendo sido posto à minha disposição uma camioneta civil. Embarquei toda a Companhia na referida camioneta e fui conduzido por um condutor da C. Caç.6 ao Q.G. que se encontrava instalado na ocasião próximo dos Estaleiros Navais. Apresentei-me ao Exmº. Chefe do E.M., expus-lhe a minha situação e pedi-lhe para me facultar a possibilidade de adquirir armamento. Deu-me ordem para me dirigir ao Hospital de Vasco da Gama e armar todos os meus soldados com armamento que lá se encontrava armazenado. Voltei a embarcar todo o pessoal e um pouco à frente, não longe dos Estaleiros Navais fui mandado parar pelo Cap. Portela Ribeiro que se encontrava a controlar o trânsito na estrada e que me deu ordem para camuflar a viatura fora da estrada devendo todo o pessoal dispersar e camuflar-se imediatamente.

No local encontrava-se presente Sua Exa.º General Comandante Chefe, Sua Exa.º Brigadeiro Comandante Militar, o Exmº. Sub-Chefe do E.M. e outros oficiais do Q.G. e do Agrupamento Vasco da Gama."



Ao exposto pelo Comandante da C.Caç.3 há a indicar que:

- 1) O Comandante da C.Caç.3 estava ligado por estafeta moto com o PC/Agrupam. instalado em local seu conhecido e a poucos Kilómetros a Sul das suas posições - em Nuvem. O mesmo Comandante sabia onde se encontrava o QG (que lhe tinha sido indicado durante a tarde desse dia), os Comdats.Chefe e Militar e ainda onde eram as posições da C.Caç.6.
- 2) O mesmo Comandante sabia que o Zuari estava vigiado, pois tal constituia uma preocupação do Comando Superior e não da sua Unidade.
- 3) Quando decidiu abandonar as suas posições, sem consulta do Comando do Agrupamento ou do QG, sabia o Comandante da C.Caç.3 que à sua frente ainda se encontravam as restantes Unidades do Agrupamento. Se a deserção da maioria dos elementos naturais é um facto indiscutível (favorecido pelas sombras da noite), só não se compreende bem que o seu Comandante tenha decidido mandar destruir o material e dirigir-se ao local onde sabia encontrar-se o QG., sem dar conhecimento prévio do que se estava a passar ao seu Comandante de Agrupamento.  
O Comando só veio a tomar conhecimento deste facto na manhã de 19, em circunstâncias dramáticas como já foi mencionado nos respectivos relatórios, tendo o abandono das posições pela C.Caç.3 pesado na decisão de rendição do Comando do Agr. Afonso de Albuquerque.

c) Comando

Os factos relatados pelo Comandante do Agrupamento no tocante à vinda ao QG e conversas havidas, após a decisão da rendição **não correspondem com exactidão à realidade.**

Só houve duas vindas do Major Rangel ao QG. A 1ª. a pedir ordens, cerca das 09h00 e a 2ª. e última, cerca das 1130 com todos os Comandantes das suas suas Unidades, conforme se mencionou nos relatórios do Comandante Chefe, Comandante Militar e Chefe da 3ª. Repartição.

A localização do QG era conhecida do Comandante do Agrupamento face às ordens do movimento difundidas. Sobre este assunto, ver relatório do CEM.



### 3. Informações

A dificuldade de estabelecer ligações oportunas foi um grande óbice ao desenvolvimento normal da manobra. No entanto o Agr. Afonso de Albuquerque conseguiu manter-se ligado com o Q.G. embora intermitentemente e foi recolhendo informações da zona de acção do Agr. Centro. As que se passavam a N do Mandovi não tinham para o mesmo um interesse directo. Por outro lado, alguns oficiais do Agrupamento (como por exemplo o Cap. Boleu Tomé) deslocaram-se junto do PC Avançado e Cidade de Vasco da Gama, algumas vezes, colhendo informações.

### III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nada há a acrescentar ao exposto, excepto que não será correcto apontar as alterações do "Plano Sentinela" (as últimas das quais foram definitivamente assentes quatro dias antes da invasão), como causa importante do desenrolar dos acontecimentos. As alterações efectuadas em nada vieram a pesar no desenrolar dos acontecimentos do Agrupamento.

Finalmente, um dos pontos que merece ser destacado pela contribuição poderosa que teve na difusão dos boatos foi a impossibilidade da paralização do trânsito civil. Alguma coisa se tentou nesse sentido; no entanto, a falta de efectivos não permitiu que se conseguisse a sua paralização total, ou mesmo parcial. Com efeito, o fechar-se uma estrada num ponto não podia evitar o seu torneamento rápido pelos campos e o deslocamento da população civil habilmente conduzida pela rádio indiana, transformou-se em êxodo que invadiu todas as estradas e caminhos e que nada podia deter.



S E C R E T O

Volume nº. XX

FORÇAS ARMADAS DO ESTADO DA INDIA

A INVASÃO DOS TERRITÓRIOS

DO

ESTADO PORTUGUÊS DA INDIA

em Dezembro de 1961

Relatório de  
Comandante do Agrupamento  
CENTRO, Major de Caval<sup>o</sup>.,  
Francisco José de Morais,  
e Comentários.

S E C R E T O



RELATÓRIO REFERENTE À ACTUAÇÃO DO AGRUPAMENTO CENTRO  
DURANTE A INVAÇÃO DO TERRITÓRIO DE GOA PELAS FORÇAS  
ARMADAS DA UNIÃO INDIANA

Em cumprimento da Ordem de Sua Excelência o General Governador Geral e Comandante Chefe, transmitida através da Nota de 15 de Março de 1962 e assinada pelo Oficial às ordens de Sua Exa. o Governador Geral, Sr. Capitão de Artilharia, José João de Sousa Veiga da Fonseca, iniciei nesta data o referido Relatório.

---oooOooo---

1. Antes de entrar pròpriamente na narração da acção do Agrupamento Centro durante a invasão do território de Goa pelas forças armadas da U.I., julgo ser da máxima conveniência, para melhor compreensão dos factos, dizer algo sobre o que era o Agrupam. Centro e das suas condições de vida, visto tratar-se de uma Unidade que não era orgânica do Comando Territorial Independente do Estado da Índia.

- O Comando Militar quando da elaboração do Plano Sentinela (P.S.), sentiu a necessidade de criar um novo Agrupamento para actuar na Zona Leste do território de Goa, o qual, forçosamente, teria que ser constituído à custa de elementos dos agrupamentos orgânicos. Por razões de ordem logística e mesmo operacionais -lembremo-nos que o Plano anti-terrorista (Ordem de Op. nº.5) estava então em vigor e que ele havia si do elaborado com base nos três Agrupamentos orgânicos- o Agrupamento Centro só se constituiria, efectivamente, quando o P.S. entrasse em execução, isto é, quando o In. invadisse o território national.

A criação duma Unidade em tais circunstâncias acarreta ao seu comandante problemas de ordem técnica, táctica e mesmo moral de difícilissima resolução para não dizer inexequíveis. Segundo o P.S. a composição do meu Agrupamento era a seguinte:

- C.C.3 - Séde Pondá (pertencente ao Agrupam.A.Albuquerque)
  - E.Rec.3- (-1 Pel.)- Séde em Pondá (Pertencente ao Agrupamento Afonso de Albuquerque)
  - E.Rec.2- Séde Bicholim (pertencente ao Agr.D.J.CASTRO)
  - 1 Pel.Sap.(-2 Sec.)- Séde em Pondá (pertencente ao DEI)
- Logo após a distribuição do P.S. entrei em contacto com os Comdts. das Unidades subordinadas para lhes fixar os reconhecimentos no terreno, que interessavam directamente às suas



Unidades e atribuir-lhes, ainda, alguns reconhecimentos que me diziam directamente respeito mas que não eram fáceis de efectuar, dadas as minhas funções de Chefe da 1.ª Repartição do Q.G. que me absorviam por completo os dias da semana. Foi com base nesses reconhecimentos e nos poucos que me foi possível fazer, que elaborei o meu Plano de Operações. Todos os contactos com as Unidades subordinadas eram-me difíceis, quer pela distância a que elas se encontravam, quer pelas exigências de ordem burocrática que me obrigavam a ter que, com antecedência, officiar para os Comandantes dos Agrupam. a avisá-los das minhas visitas, quer ainda, pelo absorvente trabalho da Repartição que chefiava. Houve sempre da parte dos Comdts. dos Agr. a que pertenciam as minhas Unidades a melhor das compreensões, mas, por razões de serviço, nem sempre era possível conciliarem-se as minhas necessidades com as deles.

- Entendo não poder deixar de focar neste relatório a circunstância de apenas duas vezes ter sido convocado para reuniões relacionadas com o P.S., quando soube que várias houve nesse sentido.

A primeira a que assisti foi no dia da distribuição do P.S. e durante ela apresentei uma série de objecções de capital importância, as quais, aliás, coincidiam em muitos pontos com as focadas pelo Comandante do Agrupamento D. JOÃO DE CASTRO (Exmº. Major Tenreiro). A 22. destinada ao estudo e pormenorização do Pl. Barragens.

- Dado que não me tinham sido atribuídos elementos (pessoal, material e viaturas), para a constituição do "Cmd. Agr.", apresentei, quando da entrega do meu Plano de Operações, uma proposta bastante pormenorizada quanto à sua composição. Sabendo das dificuldades com que o C.M. lutava para me poder formar um Cmd. de Agr. com a composição igual à orgânica, limitei-me, pois, a pedir os meios que considerava como imprescindíveis para poder exercer a minha acção em caso de operações. Esta proposta foi aceite mas os meios só me seriam fornecidos quando a situação a isso o aconselhasse.
- Como oficial de Cavalaria e já com uma apreciável experiência de Comando de Unidades de Reconhecimento e Blindados, passei desde então a insistir sistematicamente para que me garantissem desde já os meios rádio necessários à minha rede de Comando a fim de poder, mediante um programa a estabelecer, fazer accionar e treinar a referida rede, pois que "uma tropa de Rec. vale aquilo que valeram os seus meios de



transmissões". Julgo que por falta de meios, nunca me foram dados tais elementos pelo que tive de desistir de tal intento, não deixando contudo, de continuar a focar este ponto que sempre considerei como crucial.

Pessoalmente intercedi junto do Chefe do S. Transm. (Sr. Cap. Lima) para que me fornecesse um B.C.R.-193, mas apesar de toda a sua boa vontade e de todos os seus esforços, não lhe foi possível arranjar o tão ambicionado meio transm.

Mais tarde, o Sub-Chefe do B.M. (Exmº. Major Ramos de Freitas) disse-me que o Posto Rádio (fixo) do DEI passaria a ser o meu Posto Rádio de Comando quando o P.S. entrasse em execução e que por esse motivo o meu P.C., durante as operações teria que se situar no quartel do DEI.

Tal solução de forma alguma me podia satisfazer pois que o Quartel do DEI está situado num local muito excêntrico e distante dos eixos de Retardamento dos meus Esquadrões o que me obrigava: por um lado a ter que conduzir a acção a distância (contrário ao procedimento que um Comdt. deve adoptar numa situação táctica desta natureza) e por outro lado inibia-me de todo e qualquer movimento pois que se o tentasse, ficaria automaticamente desligado do Comando Superior e das Unidades subordinadas. Também o Posto Rádio B.C.R.-193 do DEI não me solucionava por completo o problema visto que continuava a não me poder ligar com os B.Recs.. O caso continuava sem solução!

- À medida que a situação se ia agravando a necessidade de contactar com as Unidades era cada vez maior, mas o facto de continuar a ser considerado como Chefe de Repartição e não como Comdt. de Agr. não me permitiu alcançar aquele desideratum.

No entanto, no dia 08 DEZ 61 (durante todo o dia) visitei (acompanhado do Sr. Cap. Couto Leite) os dois Esquadrões e a C. C. 3 para me certificar do seu grau de preparação para uma eventual entrada em acção e, ainda, se os respectivos Comds. estavam absolutamente integrados na sua missão e na do Agr. Centro. Com bastante satisfação constatei que os Esquadrões nada tinham descurado e que todos estavam absolutamente conhecedores da sua missão e de todos os pormenores das suas respectivas manobras. Já nessa ocasião me tinha sido dito que a C.C. 3 possivelmente deixaria de fazer parte do meu Agr. razão pela qual não prestei tanta atenção a esta Unidade como às duas outras. Porém, continuava contudo o problema da falta de ligações rádio entre os Esquadrões e o Agr. e bem as-



sim deste com o Comd. Superior.

Em data que não posso precisar, talvez 06DEZ61, foram atribuídos 2 jeeps ao "Cmd.Agr.Centro" e designado para o Of.Op. e Inf. o Sr. Cap. Couto Leite (Adjunto da 3ª.Rep.do Q.G.). Este Oficial, pelo excessivo trabalho que tinha na 3ª.Rep., tomou pela primeira vez contacto comigo e com as necessidades do Agr. no dia 08DEZ61 quando da visita às Unidades a que atrás me referi.

Uma vez possuidor de duas viaturas, entrei imediatamente em contacto com o Chefe do S.Tranam. (Sr.Cap.Lima) para que me instalasse numa delas um Posto Rádio ZCL, já que estava posta de parte a possibilidade de se conseguir um S.C.R.-193. Uma vez instalado o posto na viatura, tentou-se imediatamente entrar em rede com os dois Esquadrões mas infelizmente, não se conseguiu estabelecer ligação.

- Cerca de 131530DEZ61 fui chamado à 3ª.Rep./Q.G. onde o Sub-Chefe do EM (Exmº.Major M.Correia) me transmitiu as alterações que tinham sido introduzidas na missão do Agr.Centro e que eram do seguinte teor:

- a) A C.Caç.3 (-1 Pel.) deixava de fazer parte integrante do Agr.Centro para ir directamente para a posição de Normação ocupar um determinado sector, devendo contudo, manter em Usgão e Candepar o Pelotão destinado à guarda das respectivas pontes que só as abandonaria quando fosse rendido pelos elementos do E.Rec.2. Este Pel. passaria então a constituir a guarda do meu P.C..
- b) O E.Rec.2, uma vez ultrapassada a Linha Verde (linha definida pelo Rio Candepar) retirava directamente para a Ilha de Goa, onde passaria ao Comd. do Agr. CASTRO.
- c) Pelas razões expressas em a) e b) ficava sem efeito a resistência temporária na Linha Verde prevista do P.S..
- d) O E.Rec.3, à ordem ou sob pressão do In., logo que tivesse que abandonar a posição de DARBANDORÁ deveria retirar directa e rapidamente para SANVORDEM -onde passaria ao Comd. do Agr. A.ALBUQUERQUE- depois de executadas as destruições previstas (nó de comunicações de DARBANDORÁ e Pte. de DAUCONDA).
- e) Em Pondá ia ser montado pelo S.B. um Posto de Socorros para apoio do Agr.Centro, (que nunca foi montado).

No final desta reunião, a que assistiram também o Sr.Cap. Helder Matias (Comdt. do E.Rec.3) e o Sr.Cap.Hartins Pereira (Comdt. da C.Caç.3) o Exmº.Major J. Correia disse-me que todas estas alterações ao P.S. me iam ser apresentadas por es-



crito o que nunca se chegou a efectivar.

- Ao amanhecer do dia 15DEZ61 dirigi-me a Bicholim a fim de transmitir ao Comdt. do E. Rec. 2 (Sr. Cap. Engrácia Antunes) aquelas alterações e ao mesmo tempo para contactar com aquele oficial que por ocasião da minha anterior visita (dia 08DEZ61) ainda não tinha regressado da Metrópole. Verifiquei que o Sr. Cap. Engrácia Antunes estava já absolutamente inteirado de tudo quanto se havia passado durante a sua ausência e da actual situação do seu Esquadrão. Ficou combinado que na tarde desse dia se tentasse nova experiência da rede rádio, que mais tarde vim a saber que também não resultara.

## 2. Da Ocupação das Posições até à Entrada em Execução do Plano S.

### Dia 15DEZ61

- Cerca das 1500 fui chamado urgentemente pelo Exmº. Chefe do Em para me comunicar que as Unidades iam deslocar-se na noite de 15 para 16 para as suas posições e que o Cmd. Agr. Centro tinha que partir nessa mesma tarde (dia 15) para o Quartel do DEI, pois que o P.S. poderia ter de entrar em execução de um momento para o outro. Fiz-lhe notar que o Cmd. do Agr. Centro se limitava à minha pessoa e à do Sr. Cap. Couto Leite e que até à data, apesar das minhas múltiplas insistências, nunca me foram dados os meios que solicitei logo de início. O Exmº. Chefe do Em compreendeu a minha situação mas naquela ocasião nada me pôde fazer. Dirigi-me rapidamente à minha Repartição e perguntei ao pessoal que nela trabalhava se havia algum Sargento ou Cabo que quizesse fazer parte do Cmd. do meu Agr., pois que necessitava de um amanuense e de um escriturário. Ofereceram-se o 2º. Sarg. Serafim Bernardo e o 1º. Cabo Lobo (natural). Acto contínuo fui à C. C. S. requisitar mais um jeep e receber o equipamento e armamento para o pessoal do meu Comando que ficou assim constituído:

- Comdt. - Major Morais
- Adjunto- Cap. Couto Leite
- Amanuense - 2º. Sarg. Bernardo
- Escritur. - 1º. Cabo Lobo
- 3 Cond. auto
- 3 Jeeps (um dos quais estava no DEI)

O armamento resumia-se a uma Pist. Met., 3 Pistolas e 2 Espingardas, tendo ficado por armar e equipar um dos condutores (já não havia naquele momento mais material na C.C.S.). Quando cerca das 1730 nos preparávamos para partir, apresen-



tou-se-me nesse momento um alferes de idade bastante avançada (70 anos) armado de uma espingarda caçadeira e com um punhado de cartuchos (não tinha mesmo cartucheira) a oferecer-se para nos acompanhar pois que lhe constara que a todo o momento se esperava a invasão de Goa e que ele, como velho militar, desejava, ainda, fazer alguma coisa pela sua Pátria. Tratava-se do Sr. Alferes reformado, Domingos Maximiano César, do extinto quadro Privativo das Forças Coloniais, sogro do 2º Sarg. Bernardo. Foi com a maior emoção que todos os presentes o abraçamos e nunca este rijo veterano deixou transparecer qualquer manifestação de desânimo, dando pelo contrário, provas de coragem e de nítida compreensão dos sacrifícios que o momento impunha.

Desloquei-me ainda, ao Palácio do Hidalcão a fim de apresentar as minhas despedidas a Sua Excelência o Governador Geral (que não se encontrava então no referido Palácio) e a Sua Ex.º o Brigadeiro Comandante Militar, tendo nessa mesma ocasião entregue ao Exm.º Chefe do M.º a relação do pessoal do "Comd. do Agr. Centro" que momentos antes acabara de constituir.

Cerca das 1830 cheguei ao DEI, que nesse momento já estava fazendo os seus preparativos de marcha para a Península de Mormação. Foi-me então comunicado, pelo Exm.º Comandante do DEI (Exm.º Major Granate) que para a defesa do Aquartelamento apenas dispunha de 2 sargentos, (2ºs. sarg. de Eng.º Manuel Alves de Sousa e Fernando Faria de Carvalho) 16 praças e 4 M.L.. Nessa mesma ocasião passou a fazer parte integrante do meu Agr. o Sr. Cap. de Eng.º Eduardo Condado, como conselheiro técnico e coordenador do Plano de Barragens respeitante ao meu Agr.º.

Como não dispunhamos de mantimentos, o Exm.º Major Granate deixou-nos alguns enlatados e géneros, para fazer face às primeiras necessidades.

- Já o DEI tinha deixado o aquartelamento quando se me apresentou o Sr. Cap. Helder Matias (Comdt. do E. Rec. 3) a comunicar que tinha recebido ordem do Comdt. do Agr. A. Albuquerque (Exm.º Sr. Major Rangel de Almeida) para marchar nessa noite para as posições previstas no P.B.. Dei-lhes as minhas instruções frisando-lhe em especial o facto de ter de conduzir a acção sem meios rádio, para o que teríamos de recorrer, como único meio de ligação ao nosso alcance, à utilização de estafetas, que certamente seria muito falível. Uma vez que ficássemos impossibilitados de utilizar este meio de ligação, o Esquadrão teria que actuar dentro do espírito de manobra do Agr.



-na qual o Sr.Cap.Matias estava absolutamente integrado- e que confiava em absoluto no seu bom senso e altas virtudes militares que sempre lhe reconheci. Por fim, disse-lhe que poderia contar incondicionalmente com o seu Comdt.de Agr. em todas as eventualidades e que lhe desejava as maiores felicidades. Além dos dois oficiais do meu comando estava também presente o Sr.Ten.Capelão Mário Capitão. O Sr.Cap.Helder Matias escolhera para Agente de Ligação (AL) o 2º.Sarg.Carlos Almeida por ser um graduado extraordinariamente desembaraçado e inteligente, capaz de se desempenhar perfeitamente de tal missão. Ficou combinado, logo que tivesse conhecimento da entrada em execução do P.S., avisaria o E.Rec.3 (-) por intermédio do referido AL.

- Montou-se, durante a noite, a defesa do quartel do DEI e nele trabalharam com afincos todos os oficiais, sargentos e praças, tendo nessa altura constatado que o pessoal do DEI se encontrava esgotado, mas sempre de moral elevado, fazendo um esforço nítido para reagir ao cansaço que o dominava. Durante os dois dias e 3 noites passados no quartel do DEI viveu-se em permanente vigilância pois que a todo o momento se esperavam ataques terroristas (ou até golpes de mão do próprio inimigo) tanto mais que a região de Pondá era das mais hostis à causa Nacional. Todos os oficiais e sargentos foram duma dedicação sem limites para com os belos soldados do DEI, tentando por todas as formas dar-lhes o maior conforto físico e moral, pois que já se começavam a esboçar casos de completo esgotamento.

#### Dia 16DEZ61

- Na manhã deste dia o Sr.Cap.Couto Leite foi à Diligência de USGÃO-CANDEAPAR (Comandada pelo Sr.Alf.Castel Branco, da C.C.3) para saber da situação desse Pelotão e das suas necessidades. Após esta visita, o Sr.Cap.Couto Leite informou-me que o Pel. estava sem mantimentos, que as baterias do Posto Rádio estavam descarregadas e que a C.C.3 ainda não tinha enviado as viaturas para o transporte do pessoal. Tomei imediatamente as providências necessárias não tendo, contudo, conseguido obter as baterias para o Posto rádio. Nessa mesma manhã mandei o 2º.sarg.Bernardo a Bicholim entregar ao Sr.Cap. E. Antunes (Comdt. do E.Rec.2) uma mensagem a pedir informações sobre a situação do seu Esquadrão e avisá-lo que à tarde se iria tentar, mais uma vez, entrar em rede. Desta experiência nada resultou. Soube então que os postos avançados da PNI e GP tinham recuado cerca de 1 Km. da fronteira



receber e de lhes dar as minhas instruções. Ordenei então ao Sr.Cap.Condado que destruísse todo o material de guerra existente em depósito (dias passados vim a constatar que todas essas destruições se haviam realizado integralmente) e que após elas mandasse recolher o pessoal do DEI (via Borim) às posições que aquela Unidade ocupava na Península de Morugão e que, finalmente, o Sr.Cap.Condado se fosse reunir ao meu P.C. em Candéapar. Quando acabei de transmitir esta ordem, os dois sargentos de eng. que enquadravam o pessoal de guarda ao Quartel (2º.sarg. Manuel Alves de Sousa e 2º.sarg. Fernando Faria de Carvalho) pediram-me licença para me transmitir que eles e os seus homens tinham desejo de continuar com o Comando do Agr. Centro até ao final da sua missão. Fiz tudo para os dissuadir, mostrando-lhes mesmo os riscos que, prematuramente, poderiam vir a correr, mas, mesmo assim, não desistiram do seu intento. Profundamente emocionado acabei por meeder aos seus desejos que tanto me honraram, tanto mais que não me tinha sido especificado se eles deveriam recolher logo que o P.S. entrasse em execução. Nesta conformidade, o Comdt. do Agr. passou a contar com 2 camionetas (as que tinham ficado no DEI para transporte do referido pessoal) e, então, ocorreu-me a ideia de levar numa delas o B.C.R.-193 (Posto fixo do DEI) que ainda me poderia vir a ser útil caso o tempo e o In. me dessem oportunidade para o poder montar. O Sr.Cap.Condado e os operadores do Posto ficaram encarregados dessa tarefa. Cerca de 3/4 hora depois de ter recebido aquele telefonema o Comd. Agr.Centro deixou o Quartel do DEI e dirigiu-se para Candéapar. Ao chegar ali enviei imediatamente o Al/E.Rec 3 (Sargento Carlos) avisar o Sr.Cap.H.Matias (Comdt.E.Rec3) de que o P.S. tinha entrado em execução (tal como havia ficado combinado) ao mesmo tempo que o Sr.Cap. Couto Leite partia para a Diligência de Uagão a avisar o Comdt. do Pelotão da C.C.3 e a informar-se da sua situação. Quando atravessei a Ponte de Candéapar para contactar com o Sarg. Comdt. da Secção/C.C.3 que tinha por missão a guarda da Ponte sobre aquele Rio, notei que o pessoal(natural) se estava a preparar para retirar. Tirei as chaves de ignição das camionetas e obriguei-as a regressar imediatamente aos seus postos, o que fizeram prontamente. Pouco depois passavam os elementos do PC/E.Rec.2 e quase acto contínuo as primeiras viaturas da coluna da Secção da PEI de Bicholim que, na melhor ordem se dirigiam para Pondá, tal como



lhe competia no "Plano de Evacuação da PEI". Quando esta coluna passava, avistei uma viatura rádio que imediatamente mandei parar. Tratava-se dum S.C.R.-193 que não consegui averiguar bem a quem pertencia mas, fosse de quem fosse, não podia funcionar por ter as baterias descarregadas. Como nessa altura já tinha junto de mim o pessoal do DEI, mandei substituir as referidas baterias por aquelas que faziam parte do S.C.R.-193 do ex-posto do DEI. Conseguira, assim obter pela primeira vez um meio de transmissões e, então, enviei imediatamente uma mensagem para o QG a informá-lo que o meu PC em Candepar já estava instalado e a inteirá-lo da situação das minhas Unidades, com excepção do B.Rec.2 de que ainda não tivera notícias.

Logo que o dia aclarou, fomos sobrevoados por 3 ou 4 caças In. que, com grande espanto meu, não nos metralharam, tanto mais que nessa ocasião estavam a passar as viaturas da PEI -alvo bem visível-. Não posso deixar de relatar o seguinte facto, bastante curioso, que demonstrá bem a ingenuidade dos nossos homens: quando os aviões passarem, mandei que o pessoal dispersasse e se abrigasse, mas notei que alguns não o fizeram e quando lhes ia a chamar a atenção para o facto, responderam-me "Não fazem mal, são os nossos aviões que estavam em Karachi". Não me surpreendeu esta triste ilusão em que viviam pois que dias antes constara entre as praças que aviões portugueses tinham chegado a Karachi (devia ter sido confusão com os aviões dos TAIP que estabeleceram a ponte aérea entre Goa e Karachi).

- b) Entretanto chegava o Sr.Cap.Couto Leite dizendo-me que ainda não aparecera o AL/E.Rec.2 e que ao chegar a Usgão depurara com parte do Pel.(-)/C.C.3 a retirar na direcção de Candepar. O Sr.Cap.Couto Leite obrigou-os a voltar imediatamente para Usgão e segundo conclui, aquele pessoal, ao ver passar o TC/E.Rec.2 tomou este pelo Pel.Rec./E.Rec.2 que os deveria render. Este facto deu-se quando o Sr.Alferes Castel Branco (Comdt. do Pel/C.Caç.3) se afastara da Dili-gência para ir transmitir umas ordens a um posto de sentinela mais avançado.

Ordenei novamente ao Sr.Cap.Couto Leite que fosse pelo eixo El até estabelecer contacto com o Comdt. do E.Rec.2 mas, pouco tempo depois, regressava acompanhado do AL/E.Rec.2 (2º.sarg.de Cav. Augusto Veríssimo) que transmitiu o seguinte: O In. constituído por Infã. reforçada com C.Combate e



lhe competia no "Plano de Evacuação da PEI". Quando esta coluna passava, avistei uma viatura rádio que imediatamente mandei parar. Tratava-se dum S.C.R.-193 que não consegui averiguar bem a quem pertencia mas, fosse de quem fosse, não podia funcionar por ter as baterias descarregadas. Como nessa altura já tinha junto de mim o pessoal do DEI, mandei substituir as referidas baterias por aquelas que faziam parte do S.C.R.-193 do ex-posto do DEI. Conseguira, assim obter pela primeira vez um meio de transmissões e, então, enviei imediatamente uma mensagem para o QG e informá-lo que o meu PC em Candepar já estava instalado e a inteirá-lo da situação das minhas Unidades, com excepção do E.Rec.2 de que ainda não tivera notícias.

Logo que o dia aclarou, fomos sobrevoados por 3 ou 4 caças In. que, com grande espanto meu, não nos metralharam, tanto mais que nessa ocasião estavam a passar as viaturas da PEI -alvo bem visível-. Não posso deixar de relatar o seguinte facto, bastante curioso, que demonstra bem a ingenuidade dos nossos homens: quando os aviões passaram, mandei que o pessoal dispersasse e se abrigasse, mas notei que alguns não o fizeram e quando lhes ia a chamar a atenção para o facto, responderam-me "Não fazem mal, são os nossos aviões que estavam em Karachi". Não me surpreendeu esta triste ilusão em que viviam pois que dias antes constara entre as pragas que aviões portugueses tinham chegado a Karachi (devia ter sido confusão com os aviões dos TAIP que estabeleceram a ponte aérea entre Goa e Karachi).

- b) Entretanto chegava o Sr.Cap.Couto Leite dizendo-me que ainda não aparecera o AL/E.Rec.2 e que ao chegar a Usão depurara com parte do Pel.(-)/C.C.3 a retirar na direcção de Candepar. O Sr.Cap.Couto Leite obrigou-os a voltar imediatamente para Usão e segundo conclui, aquele pessoal, ao ver passar o TC/E.Rec.2 tomou este pelo Pel.Rec./E.Rec.2 que os deveria render. Este facto deu-se quando o Sr.Alferes Castel Branco (Comdt. do Pel/C.Caç.3) se afastara da Dili-gência para ir transmitir umas ordens a um posto de sentinela mais avançado.

Ordenei novamente ao Sr.Cap.Couto Leite que fosse pelo eixo El até estabelecer contacto com o Comdt. do E.Rec.2 mas, pouco tempo depois, regressava acompanhado do AL/E.Rec.2 (2º.sarg.de Cav. Augusto Veríssimo) que transmitiu o seguinte: O In. constituído por Infã. reforçada com C.Combate e



fortemente apoiada por Artilharia, bombardeara Bicholim e forçara o 39. Pel./E. Rec. 2, que se encontrava naquela povoação, a retirar para Sanquelim, onde sofrera mais uma baixa e que os restantes Pelotões já estavam nas suas respectivas posições. Disse-me ainda que as Pontes de Bicholim e de Sanquelim tinham sido destruídas, eram cerca de 0700 quando este AL chegou ao meu PC.

Comuniquei ao QG. estas informações que acabara de receber e mandei que o AL/E. Rec. 2 voltasse para junto do seu Comdt. de Esquadrão. O AL/E. Rec. 2 deslocava-se num táxi que ele próprio conduzia, por não lhe ter sido possível arranjar outro tipo de viatura.

- c) Acho, para melhor facilidade de exposição, fazer uma pausa na descrição cronológica dos factos, para passar a dar uma ideia da situação do E. Rec. 2 quando o P. S. entrou em execução, da forma como estava concebida a sua manobra e da localização dos seus Pelotões, quando o AL me transmitiu as informações recebidas:

- Em virtude dos acontecimentos ocorridos em Maulinguem no dia 17 DEZ 61, o Comdt. do E. Rec. 2 manteve nesta localidade o seu 39. Pel. Rec. em vigilância até que pelas 0400 do dia 18, o In. iniciou novo bombardeamento à sua posição ao mesmo tempo que invadia o nosso território. Perante esta agressão e de acordo com as instruções que recebera do Exmo. Sub-Chefe do EM. -de que o P. S. entraria imediatamente em execução logo que o In. invadisse o território de Goa- O Sr. Cap. E. Antunes considerou-se automaticamente integrado naquele Plano e ordenou que o referido 39. Pel. Rec. retirasse para Bicholim (margem E do Rio Bichol.) e que destruísse a respectiva Ponte. Durante todo este movimento a Art. In. bateu o 39. Pel. Rec. tendo-lhe causado uma baixa mais e atingido uma viatura.

Sem perder o contacto com o In., o 39. Pel. Rec. (já para cá da Ponte) ficou privado de ligações com o Comd/E. Rec. 2 (que nesse momento se encontrava junto do 29. Pel. Rec.) e em risco de não poder retirar. No entanto, a coberto do 29. Pel. Rec. que estava instalado em Sanquelim, o 39. Pel. acabou por conseguir retirar para a posição A 1 (ver croqui) que lhe competia dentro da manobra do seu Esquadrão.

- Segundo o Plano do E. Rec. 2 os 29. e 19. Pel. Rec. deveriam ocupar inicialmente as posições de Sanquelim e Onda, respectivamente, e o 39. Pel. Rec. a posição A 1. Por lanços alternados os Pel. Rec. ocupariam sucessivamente as posições



A 2 e A 3.

- Na ocasião em que recebi a informação transmitida pelo AL/E.Rec.2 (referida na parte final de b) já o 29. e 19. Pel. estavam em posição e o 30. a retirar para A 1.

d) Retomemos de novo a descrição da acção pela sua ordem cronológica:

1. Por volta das 0800 chegou de novo o AL/E.Rec.2 a comunicar que o In. estava exercendo forte pressão ao longo do eixo E 1 o que obrigara os Pel.Recs. de Sanquelim e Onda a retirar.

2. Perante tão rápido avanço e dado que até à data nada se sabia do que<sup>se</sup> estava passando no E.Rec.3, mandei o AL/E.Rec.3 informar o Sr.Cap.H.Matias da situação no eixo E 1 e que por esse motivo ordenasse ao Pel.Rec./Molém, logo que estabelecesse contacto com o In., que retirasse directamente para Darbandorá e que o E.Rec.3 (-) continuasse a manter aquele nó de comunicações (DARBANDORÁ). Pouco tempo depois regressavam o AL/E.Rec.3 a dizer-me que não conseguira encontrar o Sr.Cap.H.Matias mas que transmitira a ordem ao Sr.Alferes Catroga Inez (Comdt.do Pel. de DARBANDORÁ).

Ordenei novamente ao AL/E.Rec.3 que regressasse a Darbandorá a fim de me manter, tanto quanto possível, informado da situação daquele Esquadrão.

3. Cerca das 0900 chegava novamente o infatigável AL/E.Rec.2 a comunicar-me que o In. se encontrava já a meio caminho entre Onda e Uagão e que o E.Rec.2 (-30.Pel.) estava a chegar a esta última povoação. Enviei novamente um rádio para o QG a transmitir esta última notícia mas o posto do Comando Militar (rádio do Altinho) informou-me que não tinha estafetas para levar as mensagens que estava recebendo. Pedi-lhe então, para que me dissesse onde se encontrava o QG mas o operador daquele posto não me soube responder.

4. Porém, nesse momento passavam as últimas viaturas da PEI (Secção de Valpoi) bastante atrasadas em relação às primeiras, e o seu Comdt.(Comissário Teixeira) avisou-me que eram os últimos elementos da PEI. Pedi-lhe que ao chegar a Pondá (zona de reunião das Forças da PEI dentro da minha Zona de Acção) transmitisse ao oficial mais graduado da PEI para que ordenasse a retirada daquelas forças para a Península de Mormugão, tal como estava previsto no já referido Plano de Evacuação, ao mesmo tempo que lhe



fornecia um exemplar desse Plano. Em virtude da resposta do rádio do Altinho (atrás referido) redigi muito à pressa uma mensagem para o Q.C. a fazer-lhe um relato muito sucinto sobre a situação (não tinha a certeza de que as minhas anteriores mensagens tivessem chegado ao conhecimento do Comando Superior) e pedi ao Sr. Comissário Teixeira que me fizesse chegar, por qualquer meio, ao QG.. Algumas horas mais tarde captamos essa mensagem não tendo contudo chegado a saber qual era o posto expedidor, nem tão pouco, conseguia saber se o QG a teria ou não recebido.

5. Nesta mesma ocasião passou um Land Rover com 2 civis (tinham a aparência de descendentes) que me disseram que o In. já tinha atingido Molém e que também tinham sido assinalados elementos In. em Sancordem. Estas informações não me ofereciam muito crédito mas, no entanto, eram verosímeis.
6. Momentos depois aparecia o AL/E.Rec.3 a comunicar que ao chegar a Darbandorá não encontrara o E.Rec.3 e que depois de várias tentativas conseguira saber que o Esquadrão se tinha dirigido na direcção de Sancordem. Então o AL/E.Rec.3 foi ao longo dessa estrada (deslocou-se numa viatura civil que encontrara abandonada pois que a sua se havia avariado) tendo encontrado a cauda da coluna já quase à entrada daquela povoação. Como lhe não foi possível ultrapassar a coluna e como por outro lado receava já não ter tempo para me informar do que se passava, pediu a um dos graduados das últimas viaturas da cauda para que avisasse o Sr. Cap. Matias de que o E.Rec.3 (-) não recebera, ainda, ordem para retirar de Darbandorá. No regresso o AL/E.Rec.3 (vinha agora numa outra viatura por se ter avariado a segunda) soube que o In. tinha ultrapassado Molém.

Em face do que acabara de suceder que muito me surpreendeu, pois que o Sr. Cap. Matias estava perfeitamente integrado na missão e é possuidor de uma calças pouco vulgar, ordenei imediatamente a retirada do E.Rec.2 de Usgão para Candepar (ordem transmitida pelo Sr. Cap. Couto Leite) pois que, uma vez com o meu flanco direito descoberto, corria o risco do In., por uma acção rápida, viesse a cair sobre a sua rearguarda, utilizando a estrada Darbandorá/Trijunção.

Tentei entrar em ligação com o Comdº. do Agr. A. Albuquerque



que (o que não consegui) a fim de me informar da situação do E.Rec.3.

7. Cerca das 1100 o último Pel/E.Rec.2 ultrapassava a Ponte de Candepar a coberto do 29.Pel. que já estava instalado na elevação que da margem Sul daquele Rio domina a respectiva Ponte. É meu dever frizar neste relatório a ordem, serenidade e sangue frio que todo o pessoal do E.Rec.2, sem excepção, demonstrou durante toda a acção o que permitiu ao seu Comdt. poder realizar a manobra tal como havia sido projectada, apesar da constante e intensa pressão do In. e desmoralizante acção da sua aviação. Nada sabendo do que se passava no Agr.Castro e receando que a Ponte de Banastarim (cuja destruição estava a cargo daquele Agrupam.) fosse destruída antes da passagem do E.Rec.2 para a Ilha de Goa, ordenei ao AL/E.Rec.3 (que na impossibilidade de recolher ao seu Esquadrão, mandei que ficasse adido ao E.Rec.2) para que fosse rapidamente a Banastarim avisar que o E.Rec.2 ia iniciar o seu movimento para a Ilha de Goa, que se fazia através da referida Ponte.

Ordenei a destruição da Ponte de Candepar e só quando o 29.Pel.do E.Rec.2 se preparava para retirar da posição de Candepar é que o meu Comdº. e bem assim o Sr. Cap. E.Antunes (Comdt. do E.Rec.2) nos deslocamos para Pondá onde já se encontrava o E.Rec.2 (-). Tive nessa altura conhecimento, por um civil, que a Ponte de Banastarim ainda estava intacta.

Dias depois vim a saber que a Ponte de Banastarim estava já para ser destruída e que o E.Rec.2 a ultrapassara poucos momentos antes do In. atingir aquela localidade. A ponte foi destruída cerca das 1330.

8. Para que não fique por esclarecer o que <sup>se</sup> havia passado com o E.Rec.3 (-) durante a acção acima descrita, vou passar a relatar aquilo que, só cerca de um mês depois, me foi relatado pelo Sr. Capitão Astias.

- O E.Rec.3 (-) tinha, segundo o P.S., inicialmente o 39. Pel.Rec. instalado em Molém e o E.Rec.3 (-2 Pel.) em Dgr bandorá a fim de garantir a posse daquele nó de comunicações fundamental à manobra do Agr.Centro.



- Segundo o Plano do Comdt. do E.Rec.3, o Pelotão de MÓLEM, uma vez que tivesse de retirar, iria ocupando sucessivamente as posições B 1 e B 2 até ser recolhido pelo E.Rec.3 (-2 Pel) que defendia DARBANDORÁ.
- Quando o Sr.Cap.Matias recebeu ordem para entrada em execução do P.S. e como não possuísse ligação rádio com o Pel.de Molém, dirigiu-se para esta localidade a fim de tomar contacto com a sua Sub-Unidade mais avançada, e ainda, para poder coordenar melhor a sua acção retardadora.
- Cerca das 0800 foi informado, por elementos civis, que tropas apedadas In. estavam a atingir SANCORDEM. Em face desta informação o Sr.Cap.Matias com receio que estes elementos pudessem cortar a retirada do 3º.Pel.Rec, ordenou que o mesmo retirasse directamente para a posição B 1. Após esta ordem, o Comdt. do E.Rec.3, dirigiu-se a DARBANDORÁ onde foi informado pelo Sr.Alferes Castro Inez que o AL/E.Rec.3 lhe comunicara que o Comdt. do Agr.Centro ordenara a retirada de DARBANDORÁ visto que o In. estava exercendo forte pressão ao longo do eixo E 1. Em face desta ordem o Sr.Cap.Matias, mandou retirar o Pel. de Molém para a posição de DAUCONDA a coberto do qual retirou o Pel. de DARBANDORÁ para SANVORDÉM.
- Eis aqui a razão pela qual o AL/E.Rec.3 ao chegar pela segunda vez a DARBANDORÁ já lá não encontrou o referido Esquadrão. Tal facto resultou duma má interpretação da minha ordem o que certamente não sucederia se se dispusessem de meios rádio para a ligação com as Unidades subordinadas. Desejo no entanto frisar, que me sinto com uma quota parte de responsabilidade nessa má interpretação pelo facto de não ter enviado a ordem por escrito.
- Só quando o E.Rec.3 (-) chegou a SANVORDEM é que o Comdt do E.Rec.3 (-) teve conhecimento do que o AL/E.Rec.3 transmitira ao graduado que seguia na cauda da coluna (ver d.(6)). Dada a distância a que se encontrava de DARBANDORÁ e que ao abandonar Molém já tinham sido avisados elementos inimigos, o Sr.Cap.Matias achou que já não deveria ter tempo para regressar àquela posição.No entanto, como não executara as destruições de DARBANDORÁ e da Ponte de DAUCONDA, por nessa altura não se encontrar presente a equipe de destruição, ordenou então,



ao Sr. Alferes de Eng.º Manuel Rodrigues Pereira que, apoiado por uma Secção de Exploração, executasse rapidamente as referidas destruições, as quais chegaram a ser realizadas, tendo durante essa operação perdido a vida aquele Alferes de Engenharia.

- e) Retomemos a descrição cronológica da acção do Agr. Centro.
- Tendo sido dado cumprimento integral ao "Plano de Evacuação da PEI", à recolha em devido tempo do Pelotão da C. Caç. 3 para a Península de Mormugão, à execução de todas as destruições previstas no "Plano de Barragens" na parte respeitante à minha Zona de Acção e cumprida que foi a missão de retardamento levado a cabo pelos E. Rec., estava neste momento concluída a acção do Agr. Centro.
  - Dirigi-me então para a Pen. de Mormugão (tal como estava previsto no P. S.) com o meu Comando e com o pessoal do DEI que nos acompanhara desde o início da acção. Ao chegar à Ponte de Borim (cerca das 1200) avisei a guarda que ali se encontrava, de que já não havia mais pessoal a pagar (eram os últimos) e que por isso a Ponte podia ser destruída logo que tivessem ordem para tal (a destruição desta ponte estava a cargo do Agr. A. Albuquerque). Porém, os guardas informaram-me que nada sabiam quanto à hora da sua destruição e que há muito ali se encontravam isolados. Em face do que me acabavam de dizer, chamei insistentemente o Comdº. do Agr. A. Albuquerque que só me respondeu cerca de uma hora depois informando-o então do que se passava, tendo-me respondido que podia mandar destruir a referida Ponte. Enquanto procurava ligação com o Comdº. do Agr. A. Albuquerque, apareceu uma embarcação com um Sr. Oficial de Marinha que enviou a terra uma ordenança dizendo que a Ponte há muito devia ter sido destruída. Mandei transmitir ao Furriel de Eng.º Joaquim dos Reis Alcobia a ordem que recebera do A. Albuquerque e momentos depois das 1300 a Ponte era destruída.
  - Depois de me ter despedido do Sr. Cap. Condado e de ter dirigido algumas palavras ao pessoal do DEI, ordenei que se deslocassem para as suas posições. Dirigi-me então com o Comdº. do Agr. para Cortalim, local onde -segundo me disse o Sr. Cap. Couto Leite- ficara assente (no dia em que partiramos de Pangim) se instalaria o Q. G.. Ao chegar àquela localidade verificamos que o Q. G. ali não se encontrava e dirigi-me então para Vasco da Gama em sua procura. Já a caminho de Vasco da Gama encontrei um sargento que



me informou que o QG., segundo lhe constara, estava instalado na outra margem do Zuari. Voltei novamente para Cortalim e nessa ocasião deparei com duas ordenanças do QG.(praças naturais) que me disseram que o QG. estava em AGAÇAIM, junto ao Depósito de Combustíveis e Lubrificantes, a cerca de 500 metros do Cais Fluvial. Deixei em Cortalim o meu minúsculo Comdº. de Agr. e dirigi-me com o Sr.Cap. Couto Leite para Ageçaim. Quando atravessamos o rio cruzou-se com a nossa embarcação uma outra que conduzia Sua Exã. o General Governador Geral, Sua Exã.o Brigadeiro Comandante Militar e um outro Oficial que não reconheci de momento, mas que vim a saber era o Exmº.Major Matos Correia. Sua Exã. o nosso General ao reconhecer-me, fez-me um affectuoso adeus ao qual correspondi também com um affectuoso aceno do meu capacete.

Chegados ao Depósito de Combustíveis e Lubrificantes (Ageçaim) foi-nos extremamente fácil referenciar a área do QG Sabendo que Sua Exã.o Comandt.Militar não estava presente dirigi-me ao Exmº.Chefe do Estado Maior a quem me apresentei dizendo-lhe que a missão do Agr.Centro estava cumprida e que todos os elementos do meu Agr. tinham seguido aos seus destinos de acordo com o previsto no P.S., mas que durante toda a acção vivi absolutamente isolado do Comdº. Superior, pelo que a tive que conduzir em completa ignorância do que se passava nos Agra. vizinhos e bem assim no Comdº.Superior. Em seguida fiz, ao mesmo Exmº. Senhor o relato da acção com a qual se mostrou muito satisfeito por se ter cumprido a missão, acrescentando: "já se ganharam 4 dias desde que se iniciaram as hostilidades".

Findo o meu relato, perguntei ao mesmo Exmº.Senhor se me estava reservada qualquer outra missão ou função a desempenhar, respondendo-me que "não" e que me fosse tratar, pois que pelas 0500 daquele dia 18, eu fora vítima dum acidente que me causara alguns ferimentos no braço e mão esquerda e uma violenta contusão no joelho esquerdo já quase me impossibilitava de andar.

Mandei em seguida que as restantes viaturas do Comdº. regressassem a Ageçaim.

Estava pois terminada a missão do Agr.Centro que se caracterizou pela ausência total de ordens, informações ou instruções do Comdº.Superior e por ligações deficientes e improvisadas com as Unidades subordinadas que me permitissem coop



denar a acção das mesmas, em tempo oportuno. As ordens, em vez de seguirem à velocidade da luz, passaram à de viaturas auto que se tinham que deslocar através de estradas e caminhos em mau estado, sujeitas a todo o momento à acção da Artilharia e aviação inimiga, ou ainda, a golpes de mão de terroristas que se encontravam dissimulados por todo o território.

Não posso deixar de reconhecer que o Agr. Centro conseguiu cumprir a sua missão, única e exclusivamente, porque a aviação In. (que nunca actua, com excepção de umas rajadas que fez um pouco a E do meu PC não quis actuar sobre os meus Esquadrões, cujos movimentos controlava incessantemente com toda a liberdade de acção.

- f) Ao terminar este Relatório proponho a Sua Ex.<sup>a</sup> o General Governador Geral do Estado da Índia para que, em devido tempo, seja feita uma citação especial ao E.Rec.2 e louvados os 29s. Sarg. Carlos da Silva Almeida, do E.Rec.3 e Augusto Veríssimo do E.Rec.2 que, com o risco da própria vida e nítida compreensão da missão que lhes fora confiada, permitiram que nunca se tivesse perdido o controle de toda esta acção.

Pondá, 21 de Março de 1962

O Comandante do Agr. Centro

Francisco José de Moraes  
Major de Cavalaria



RELAÇÃO DOS MORTOS E FERIDOS EM COMBATE

1. MORTOS

Unidade	Posto	Nº.	Nomes	Sepultado em:
D.B.I.	Alf.Mil.			
(1)	Engº.		Manuel Rodrigues Pereira	Sanguém
E.Rec.2	1º.Cabo	154/60	António F.Ferreira Silva	Stã. Inez
"	Soldado	109/"	Mário B. dos Santos	Stã. Inez
"	"	126/"	Fernando J.das N.M.Costa	Stã. Inez

(1) - Em serviço no E.Rec.3

2. FERIDOS

Unidade	Posto	Nº.	Nomes	Ferimento sofrido
E.Rec.2	1º.Cabo	195/61	Carlos A.B.F.Bravo	Perfuração da coxa esq., por uma bala
"	soldado	102/60	José Campos Cruz	Estilhaço no joelho esquerdo
"	"	179/60	Artur de Sousa Almeida	Perfuração da coxa esq. por 1 bala

O Comendante do Agr. Centro

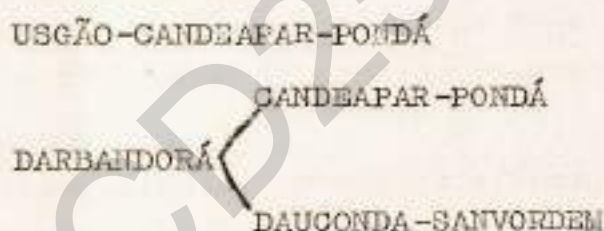
Francisco José de Morais  
Major de Cavalaria



COMENTÁRIOS AO RELATÓRIO  
DO COMANDANTE DO AGRUPAMENTO "CENTRO"

Ao presente relatório, bem elaborado e com pormenor suficiente para se ajuizar da acção deste Agrupamento, poucos comentários se oferecem fazer ao Comando, além dos já expostos nos relatórios do Comando, do Chefe do E.M. e do Chefe da 3ª. Repartição.

Na sua acção conduzida correctamente até Uagão, há posteriormente que lamentar a falta de paragem dos E.Rec.2 e E.Rec.3 a coberto do Candepar, que mais não fosse nas regiões das pontes de Candepar e de Dauconda, o que teria permitido informar oportunamente o Comando da progressão In. É certo que o empenhamento destas Unidades no Candepar acarretaria com toda a certeza a sua destruição, mas a pressa havida no seu retrocesso rápido para a Ilha de Goa e Sanvordem, respectivamente, contrariando as ordens recebidas das Unidades só retirarem sob pressão do In., abriu o In. os eixos:



Acrescentaremos ao já exposto noutros relatórios, o seguinte:

1. Considerações iniciais

- As dificuldades com que lutou o Comando do Agr. foram reais. A criação deste Agrupam. constituiu um problema delicado, mais agravado ainda com as deficiências com que o C.M. tinha de encarar e resolver.

Há no entanto, a considerar que a constituição do Comando do Agr. foi encarada dentro da missão atribuída (mais restrita que a anteriormente determinada) e das possibilidades do Comando Militar.

Assim, em princípios de Dezembro foram-lhe atribuídos 2 jeeps e cresceu o Oficial-Adjunto do Agrupamento um dos adjuntos da 3ª. Repartição. Posteriormente foi-lhe fornecido mais um jeep, assentando-se que o restante pessoal seria aproveitado dos elementos do DEI e da C.Caç.3 que passariam às ordens do Comando do Agrupamento em Pondá.



Há que frisar que os Comandos dos restantes Agrupamentos orgânicos pouco mais tinham que o Comando do Agrupamento do Centro (o Agr. Vasco da Gama só dispunha de 1 oficial adjunto, pois o outro estava em falta)

Quanto à montagem do Posto de Socorros, remete-se o assunto para o relatório do Chefe do S.S..

Na indicação da alteração da missão que diz ter recebido houve deficiente interpretação no que diz respeito aos E. Rec.2 e E.Rec.3. O assunto encontra-se pormenorizado nos relatórios do Comandante-Chefe, Comandante Militar e do Chefe da 3ª. Repartição.

## 2. Da ocupação das posições até à entrada em execução do Plano Sentinela

### Dia 15 Dezembro de 1961

Já se indicou que o restante pessoal para o Comando do Agr. seria aproveitado dos elementos da G.Caç.3 e do DEI, às ordens do Agrupamento do Centro.

### Dia 16 de Dezembro de 1961

As deficiências apontadas - baterias descarregadas e falta de mantimentos - não foram do conhecimento do Comando.

### Dia 17 de Dezembro de 1961

- Não está inteiramente correcta a afirmação produzida acerca da conversa telefónica havida com o Q.G.. Com efeito após a transmissão das informações acerca da situação, foi comunicada a ordem do Comandante-Chefe para as Unidades só retirarem sob pressão e dito, além disso, na hipótese de entrar em execução o Plano Sentinela que os contra-ataques não eram aconselháveis antes de serem devidamente e convenientemente pesados para não nos arriscarmos a perder qualquer Unidade que posteriormente nos poderia vir a fazer muita falta no esquema geral da manobra e que não tínhamos possibilidade de substituir.

Neste ponto, bem como noutros do relatório, parece ver-se uma certa confusão nascida natural e compreensivamente da convivência no Campo de Pondá de quase 5 meses de cativoiro

- Como já se indicou nos comentários ao relatório do Comandante D. João de Castro, foi muito oportuno o esclarecimento do Comandante do Agr. Centro junto do Q.G., após o telefonema do Comandante do Agr. D. João de Castro (a informá-lo que tinha "deduzido" das conversas havidas no Q.G., que o



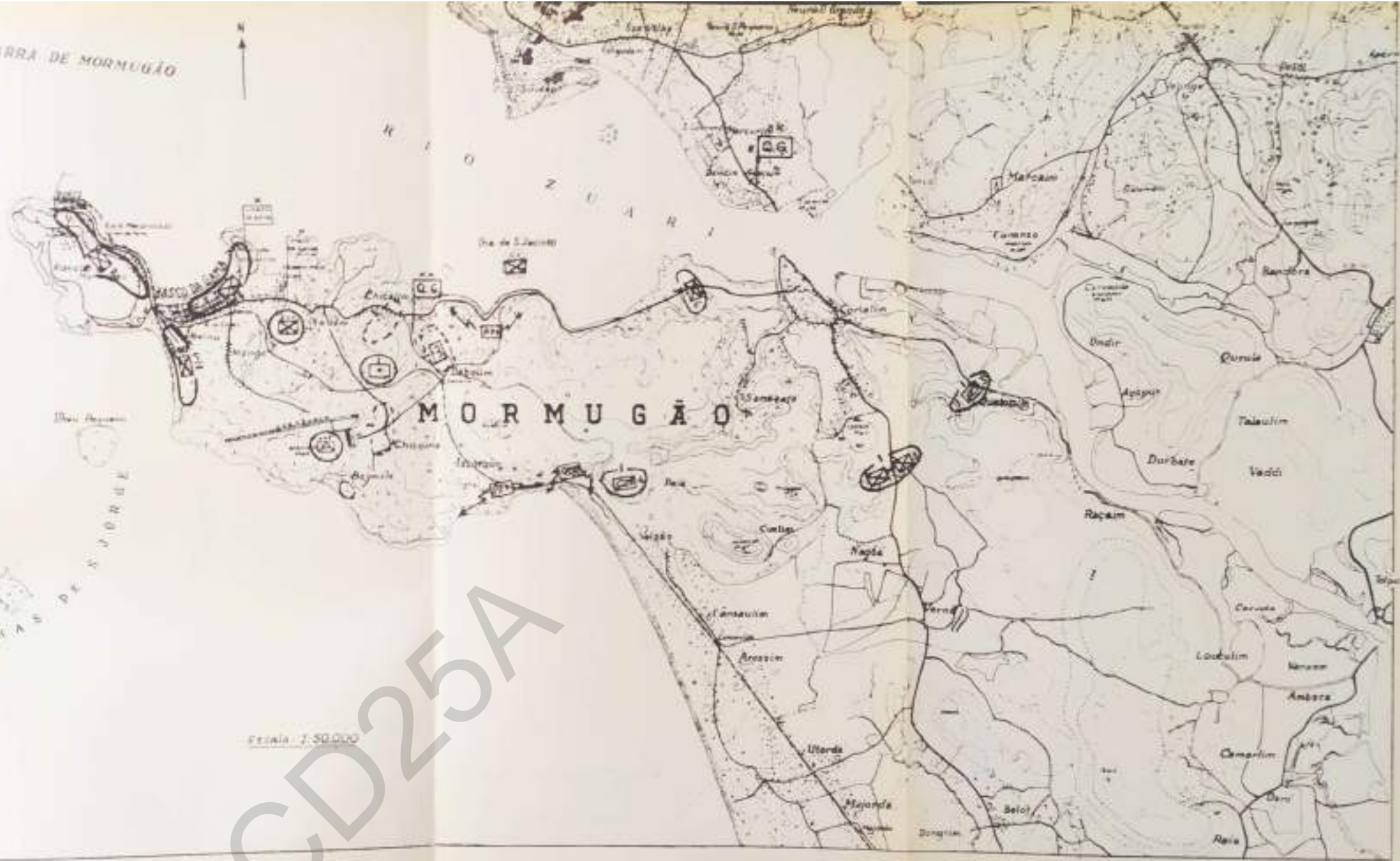
E.Rec.2 já estava sob o seu comando dado que lhe parecia que o Plano Sentinela já estava em execução, pois caso contrário, os acontecimentos poderiam ter-se precipitado.

3. Entrada do Plano Sentinela em execução e conduta das operações

- a) A viatura com posto rádio indicada pelo Comandante do Agr. (pag.10) era a que tinha sido enviada pelo Q.G., na véspera, ao Comandante do E.Rec.2.
- b) A informação que o Comandante do Agrupamento diz ter recebido do posto do Altinho (pag.12) e em que o operador lhe teria afirmado que não sabia onde se encontrava o Q.G., deve ser confusão dum ou doutro, dado que à hora indicada (0900) ainda o Q.G. se encontrava em funcionamento em PAN-GIM.
- c) É de salientar a tentativa de retirada dos elementos da C. Caç.3 da ponte de Candearar e de Usgão (pag.10) sem ordem.
- d) A localização do Q.G. em Agaçaim era do conhecimento do Comandante do Agrupamento e, com mais forte razão, do ex-adjunto da 3ª.Repartição, Cap.Couto Leite, face às ordens de movimento do Q.G. elaboradas e difundidas.
- e) Após o regresso do Comandante do Agrupamento ao Escalão Avançado do Q.G. a situação sobre o Candearar já não podia ser reestabelecida pelo que o Chefe do E.M. se limitou a tomar conhecimento dos factos ocorridos e a transmiti-los, logo que teve oportunidade, ao PC Avançado.



BARRA DE MORMUGÃO



CD25A



S E C R E T O

Volume nº.XXI

FORÇAS ARMADAS DO ESTADO DA INDIA

A INVASÃO DOS TERRITÓRIOS

DO

ESTADO PORTUGUÊS DA INDIA

em Dezembro de 1961

Relatório do  
Comandante do Agrupamento  
"VASCO DA GAMA", Maj. Inf.  
Joaquim Francisco Rijo Car-  
deira da Silva, e Comentários.

S E C R E T O



AGRUPAMENTO "VASCO DA GAMA"

RELATÓRIO REFERENTE ÀS OPERAÇÕES FRENTE À AGRESSÃO  
DAS FORÇAS DA UNIÃO INDIANA

Ao detalhar um determinado número de pormenores no presente relatório, pretende-se dar uma ideia geral do ambiente em que decorreu a acção do Agrupamento Vasco da Gama durante as operações e nos últimos dias que as antecederam.

I - IMPRESSÃO GERAL ACERCA DO INIMIGO

1- Período que antecedeu as operações

- Possibilidade do inimigo

Pelas informações fornecidas pelo Q.G., o In. poderia atacar por terra, pelo mar e pelo ar, em ataques separados em cada uma das frentes ou simultaneamente em todas elas:

- a) Pelo conhecimento de fortes concentrações de forças terrestres, com Infantaria, carros de combate e Artilharia, junto à fronteira terrestre, previa-se um ataque em força por esta frente.
- b) Pelo conhecimento de deslocações de navios de guerra In. das suas bases, incluindo 1 porta aviões, outras notícias dispersas, e principalmente, devidas ao grande movimento de navios de guerra In. de Norte para Sul e vice versa, junto às nossas águas territoriais, alguns deles estacionando durante certo tempo frente à Península de Mormação, em especial nas duas últimas semanas que antecederam o ataque, havia fortes presunções de que o In. desencadearia também o ataque pelo mar, incluindo desembarques na costa.
- c) Pelo conhecimento da preparação de 1 ou 2 brigadas de paraquedistas In. e sua possível deslocação para Sul e ainda pela notícia do movimento dum porta-aviões, presumia-se também fortemente, que o In. desencadeasse ataque pelo ar com um lançamento de tropas paraquedistas ou aerotransportadas nas zonas propícias.

2 - Período das operações

Por observação no sector do Agrupamento, somente foi dado constatar a este Comando o ataque aéreo e o ataque naval efectuado pelo In..

Forças Aéreas:

Foram vistos 12 aviões In.

Foram identificados aviões tipo "CAMBERRA", e aviões de



jacto tipo "VENPIER" que bombardearam a área do Aeroporto e a região de BAMBOLIM, esta fora do sector. Foi o sector também sobrevoadado diversas vezes por aviões de reconhecimento.

#### Forças Navais:

Durante as operações foram empregues pelo In. no combate naval com o Aviso Af. de Albuquerque e no início do bombardeamento do aeroporto 6 navios de guerra In., sendo 3 de maior tonelagem, 1 dos quais retirou pouco tempo depois do início do combate, supondo-se que atingido.

O bombardeamento ao nosso Aviso Af. de Albuquerque foi sempre efectuado por três desses navios à frente, ficando os restantes mais distanciados.

#### Forças Terrestres:

Das forças terrestres só foi dado observar a este Comando após a rendição, verificando-se nessa altura que eram portadores de armamento pesado de infantaria e material de artilharia, as que chegaram ao sector de Vasco da Gama.

## II - IDEIA GERAL DO PERÍODO QUE ANTECEDEU AS OPERAÇÕES

No período que antecedeu as operações realizaram-se várias reuniões no Q.G., nas quais os vários Comandos foram alertados acerca do agravamento da situação, perante a ameaça da União Indiana.

- No dia 9 de Dezembro apresentou-se neste Comando o Sr. Capitão Jaime Patrício Albuquerque vindo do DEI acompanhado de 3 Secções de Engenharia a fim de ficar à disposição do Comando para os trabalhos de organização considerados necessários no sector, tendo-se na parte da manhã de 10 iniciado os mesmos. Nesse mesmo dia de tarde foi este Comando convocado juntamente com o referido Capitão para mais uma reunião no Q.G. na qual foi informado em definitivo, que para a 2ª fase do Plano de Operações "Sentinela", lhe era atribuído o sector mais a N da Península de Mormugão definido a Leste pela linha CHICALIM  $\Delta$  (inc.) - DABOLIM  $\Delta$  (exc.) - COLA (exc) a Norte pelo Rio Zuari, e a Sul e Oeste pelo mar.

Na citada reunião, mais uma vez este Comando informou que dada a extensão das posições que lhe eram atribuídas, os efectivos de que dispunha eram absolutamente insuficientes, pois quando muito, permitiriam uma vigilância e uma resistência ínfima em tempo, pois nem quase chegavam para estabelecer uma linha de fogos nas posições, tendo-lhe sido di-



to que estava em estudo a possibilidade de vir a ser reforçado com 1 pelotão, ou se possível com uma Companhia de Atiradores.

- No dia 11 de Dezembro continuaram os trabalhos de organização no sector com o pessoal fornecido pelas Unidades e sob a orientação técnica de uma das secções de Engenharia, porquanto as outras duas foram destacadas para a linha de Cortalim-Vernã.
- Em 12 de Dezembro foi este Comando a nova reunião no Q.G. acompanhado dos dois Comandantes das Companhias de Agrupamento, e nela foi informado de que ia ser reforçado com a C.Ça.8 (-) (menos dois pelotões de atiradores) e que essa Companhia se deveria apresentar em Alparqueiros ainda nesse próprio dia.

Focou este Comando mais uma vez a necessidade de preparar campos de minas nas praias mais propícias aos desembarques muito em especial na Praia da Baina devido à sua extensão e acessos fáceis e directos à baía de Vasco da Gama, bem como da preparação de destruição da área do Porto, tendo-se recebido a indicação de que o assunto iria ser exposto a Sua Exã. o General Comandante Chefe para que fosse resolvido.

Focaram ainda pessoalmente os Comandantes de Companhia que havia grande necessidade do preenchimento das vagas em Sargentos Comandantes de secção e de cabos europeus, em especial para enquadramento de pessoal natural da C.C.2. Foi exposto o dispositivo do Agrupamento e detalhados os dispositivos das Unidades, e foi este Comando alertado, para que as Unidades estivessem preparadas para entrarem em posições à ordem.

- No dia 130300 DEZ61, começou a chegar a Vasco da Gama pessoal da C.C.8 (-) (a 1 Pelotão de Atiradores e Pelotão de Acompanhamento), transportado em lanchas, da Aguada até aos Estaleiros Navais vindo a coluna auto por terra.
- Em 13 e 14 as Unidades continuaram a organização das posições com o auxílio técnico de uma das secções de Engenharia que estavam adidas ao Agrupamento.
- No dia 15 foi este Comando convocado para nova reunião no Q.G., tendo recebido ordem para que as Unidades entrassem nesse dia em posição.

Na mesma reunião foi-nos entregue uma ordem por escrito para transmitir ao Sr. Capitão Albuquerque do DEI para que se procedesse imediatamente ao lançamento de um campo de



minas à frente das posições, na Praia da Baixa, ordem essa que foi transmitida.

As unidades entraram em posição a partir de 151830DEZ61.

- Em 16 na parte da manhã, foi este Comando convocado novamente para reunião no QG em que todos os Comandos foram postos ao corrente dos últimos acontecimentos relacionados com a situação e informações que se previa se iniciasse a invasão de um momento para o outro. No final dessa reunião Sua Ex<sup>a</sup>. o Comandante Chefe dirigiu algumas palavras a cada um dos Comandantes de Agrupamento informando-se à cerca do conhecimento da missão que lhes fora atribuída e da execução respectiva.

Nesse dia e no dia 17, continuaram os trabalhos de organização de terrenos, com dificuldades em especial no sector atribuído à C.C.2 no Planalto de Mormugão devido à natureza rochosa do solo, e para as posições da B.A.2, localizada em terreno quase praticamente escavado.

- No dia 16 foi recebida uma ordem do Q.G. para que fosse dada a instrução de lança-granadas Instalaza ao pessoal, na previsão da chegada de munições para essa arma, vindas da Metrópole.
- Em 171400DEZ61 chegou uma parte do Pelotão de Artilharia A.A., que constava já há vários dias que viria da Metrópole para substituir o pessoal da B.A.2 empenhado nas guarnições das peças A.A. da defesa do Aeroporto. Entre esse pessoal vinha o respectivo Comandante do Pelotão e todo ele trajava civilmente.

O subalterno Comandante de Pelotão informou que o seu pessoal nunca executara tiro da peça A.A..

No mesmo dia poucas comunicações foram recebidas do Q.G., havendo que salientar uma mensagem rádio, para que as Pistolas-Metralhadoras fossem experimentadas, bem como as respectivas munições, pelo pessoal a quem estavam distribuídas, executando este pelo menos uma rajada de 5 tiros em cada uma.

A esta ordem, este Comando pôs-se em comunicação telefónica com o Q.G., para informar que na situação em que estavam, com o pessoal em posições e praticamente na orla da cidade de Vasco da Gama, se considerava que tal execução poderia, por um lado influenciar no moral das tropas que era bom, e que começariam a perder a confiança nas suas armas, e por outro, iria alertar e alarmar a população civil que até àquela altura se mostrava calma.



- Pelas 180530DEZ61 chegou o restante pessoal também de avião. Todo este pessoal vinha sem equipamento e sem armamento. Devido à evolução dos acontecimentos na manhã de 18 foi impossível utilizar já este pessoal nas guarnições das peças A.A. em substituição das guarnições provisórias pelo que se procurou distribuir-lhes o armamento que foi possível, e com o qual estivessem mais familiarizado, espingardas e metralhadoras ligeiras, para defesa de uma posição junto ao quartelamento da B.A.2, no Alto de Mangor, quartelamento onde haviam sido instalados imediatamente à chegada.
- Durante a noite de 17/18 começaram a ouvir-se bombardeamentos longínquos.
- Na madrugada de 18 as Unidades mantiveram-se calmas nas posições.

### III - ORGANIZAÇÃO E EXECUÇÃO

A constituição do Agrupamento, a missão recebida, a ideia de manobra, o dispositivo e as missões atribuídas do antecedente às Unidades subordinadas, com os ajustamentos posteriores eram os seguintes:

#### 1- Organização

##### a) Constituição do Agrupamento

Do antecedente a constituição do Agrupamento era a seguinte

- Comando
- C.C.2 (Naturais) - Ref. PEI e GR/Normação
- C.C.7 - Ref. PEI/Vasco da Gama
- B.A.2

Unidades estas que mesmo em tempo normal estavam subordinadas ao Comando do Agrupamento.

- Todos os restantes estabelecimentos militares existentes na área do Agrupamento ficavam parcialmente dependentes deste, e eram os seguintes: C.M.M., - Dila.Destº.Intº.- e - Depº.Mat.Sanitário.
- No dia 10 em que foi dado conhecimento da 2ª fase do Plano de Operações "Sentinela" - Defesa da Península de Mormação, verificou-se que praticamente toda a C.M.M. iria ocupar uma posição de Infantaria em Consua<sup>4</sup>, deixando apenas na área do Agrupamento o pessoal destinado a substituir o pessoal da C.C.7 nas guardas aos paiois de Chicailim e que guarneceria os restantes paiois a seu cargo, 2 oficiais e alguns sargentos artífices que constituíam fra-



co valor combativo.

- No dia 16 de Dezembro o Exmº. Sub-Chefe do E.M. informou pessoalmente o Comandante da C.M.M., que a referida Companhia já não ia ocupar a citada posição, devendo agora manter vigilâncias de comando de subalterno, na região de Cola e da Ilha de S.Jacinto, ambos fora do sector atribuído ao Agrupamento para a defesa, ficando o restante, praticamente no valor de 1 Pelotão de Atiradores em pessoal, constituído por pessoal artífice, à disposição do Comando do Agrupamento, além das guardas aos paiois.
- Assim, com a vinda da C.C.8 (-), e 1 Pel. At. a 1 Pel. Acomp., em 13 de Dezembro, era a seguinte a constituição do Agrupamento, com a articulação que a seguir se indica, no início das operações:
  - Comando
  - C.C.2 (Naturais) Ref.PEI e GF/Mormugão + 1 Sec./CMM/  
/Paiois Planalto de Mormugão
  - C.C.7 (-) a 2 Pel.At., 1 Sec.Met. e 1 Sec. L.G.A.C,  
Ref.PEI/Vasco da Gama + pes.dispon.Dil.Destac.  
Intã.
  - C.C.8 (-) a 1 Pel.At. e 1 Pel.Acomp.(- 1 Sec.Mortºs.)
  - C.M.M.: CMM (-) - a 1 Pel.Const. por artífices  
- 2 Sec. - paiois de Chicalim
  - B. A.2: B.A.2 (-) - a 4 bocas de fogo  
Dil. do Aeroporto - Ref: 1 Sec.Mort./CC 6,  
1 Sec/CC 7 pã.guarnições Mat.A.A., 1 Sec. At./  
CC 7 - defesa da Praia de Begmalé
  - 1 Sec.At./CC 9 à qual no 19.º dia das operações (18) se juntou o Pel. A.A. chegado na madrugada de 17/18 e ao qual só foi possível distribuir espingardas e 3 metralhadoras ligeiras.
  - Reserva: 1 Pel./CC 7
  - 1 Pel. MMº (-)

b) Dispositivo: Ver anexo 1 - Transp. de Operações

## 2- Missão

A missão recebida foi a seguinte: - Defender o sector tendo especial atenção às praias que permitissem desembarques, a defesa do Aeroporto e Planalto de Mormugão contra possíveis lançamentos de tropas paraquedistas ou desembarque de aerotransportadas e prever a ocupação de posições frente ao ataque terrestre. Pelo dispositivo restante verificou este Comando que a restante parte da Península era dividida em mais 3



sectores a partir da linha Cortalim - Consus  $\Delta$  - Vernã,  
(ver transparente anexo 1)

### 3- Execução

#### a) Ideia de manobra

1. Defender o sector com 3 Companhias (-) em primeiro escalão na frente marítima.

Organizar e defender a área do Aeroporto e praias adjacentes, com a Diligência do Aeroporto, tendo especial atenção às tropas paraquedistas ou aerotransportadas, lançadas na região Dabolim  $\Delta$  -Aeroporto e a possíveis desembarques na Praia de Bogmaló.

Prever a ocupação de posições na linha Chicalim-Vadem-Alto Mangor, contra elementos inimigos na frente terrestre.

Defender a todo o custo a região L do Planalto de Mormugão, o esporão a NW de Alto de Mangor e Alparqueiros. Em última instância, manter a todo o custo a posse da cidade de Vasco da Gama.

2. Dispositivo - Anexo 1 - transparente de operações.

#### b) C.C.2: Ref: PEI/Mormugão CF/Mormugão

- Ocupar, organizar e defender as regiões do Planalto de Mormugão e Porto de Mormugão contra acções de paraquedistas e desembarques aéreos e navais.

Em última instância, garantir a posse da região Leste do Planalto que domina a cidade de Vasco da Gama.

- Ver Anexo 1: Dispositivo

#### c) C.C.7: Ref: PEI/VASCO DA GAMA e pessoal disponível das funções técnicas da Diligência do Destacamento de Intendência.

- Cedências: 1 Pel.At. e Pel.Acomp. - a 1 Sec.Mort. ao Comando do Agrupamento.

(1) C.C.7 (-):- Ocupar, organizar e defender o sector atribuído impedindo quaisquer desembarques na Praia de Vasco da Gama e o acesso do In. a esta cidade, policiar e manter a ordem em V.da Gama impedindo quaisquer distúrbios e actos de terrorismo.

#### d) C.C. 8 (-): Cedências: 1 Sec.Mort. ao Comando de Agrupam.

- Ocupar, organizar e defender o sector atribuído, impedindo qualquer tentativa de desembarque na Praia da Baina e o acesso do In. à cidade de V. da Gama.



c) B.A.2:

(1) Diligência do Aeroporto: Ref.; 1 Sec.Mort./C.C.6, 1 Sec. At./C.C.7 e/2 Det.Breda, 2 guarnições A.A. 20 mm/pessoal da C.C.7.

- Prover à defesa do Aeroporto contra ataques aéreos, impedindo o desembarque de tropas paraquedistas ou aerotransportadas.
- Prover à defesa próxima das instalações do Aeroporto.
- Utilizando a Secção At./C.C.7, vigiar e impedir o desembarque pela praia de Bogmaló de tropas In. vindas do mar.

(2) B.A.2 (-) (a 4 bocas de fogo)

- A/C
- Prioridade de fogo no sector do Agrupamento.
- Prover concentrações à frente das posições de Vernã, Quelossim e Cortalim à ordem do Q.G..

f) Pel.Mort. M2. (a duas Sec.) - A/C

g) C.M.M. (-) (no valor aproximado de 1 Pel.)

- Ocupar e defender posições nas proximidades do seu aquartelamento em Alto Mangor, impedindo o avanço de quaisquer elementos In. que consigam infiltrar-se pela região da Baina e Praia dos Pescadores.

- Prover à ocupação de posições frente a S a fim de impedir a progressão de quaisquer tropas In. paraquedistas ou aerotransportadas, lançadas na região do Aeroporto.

Obs.: - À Sec. da C.C.9, e posteriormente ao Pel. A.A., foi dada uma missão de vigilância e resistência na continuidade das posições da C.M.M. (-).

h) Reserva: Pel./C.C.7

- Inicialmente na encosta L do Alto Mangor.
- Prover a ocupação de posições em frente a quaisquer elementos In. que conseguissem ultrapassar as posições de Baina e Vasco da Gama.
- Prover a ocupação das posições da região a L de Vadem, contra os elementos In. lançados em paraquedas ou aerotransportados, ou ainda vindos pela frente terrestre na direcção Dabolim - Vasco da Gama.

#### 4- Administração e Logística

Em reuniões havidas no Q.G. foi este Comando informado que o plano Administrativo e Logístico estava praticamente feito e ia ser distribuído. O referido plano não chegou, porém, a ser recebido.

Numa das reuniões havidas na 1ª. quinzena de Dezembro no Q.G.



foram os Comandos do Agrupamento informados da localização de alguns órgãos a montar pelo escalão superior. Tudo o resto praticamente ficou a cargo das Unidades. Para o sector do Agrupamento foram a traços largos os serviços montados, como a seguir se indica, tomando como base os elementos fornecidos:

1. Alimentação - Dep. Viv. Nº. 2 - Vasco da Gama (Q.C.)
  - Rações de reserva individuais para 2 dias nas Unidades, constituídas por latas de conserva, mas sendo o pão distribuído pelo Serv. de Intã.
  - Enquanto possível as Unidades distribuiriam refeições quentes a seu cargo.
2. Água - A cargo das Unidades
3. Combustíveis líquidos e lubrificantes
  - Dep. CL 2 - Alparqueiros (QG)
4. Transportes:
  - Utilização das viaturas operantes existentes, já de si poucas do antecedente para os serviços normais em tempo de paz, devido ao seu muito uso e dificuldades de recuperação por falta de material, apesar do trabalho insano tido com elas, com os poucos mecânicos existentes.
  - Requisição por intermédio da PEI das viaturas civis necessárias, de que localmente se conhecesse a existência.

Nota:- As viaturas requisitadas, devido à falta de condutores disponíveis para esse serviço, porquanto uma parte destes tinham de ser empregues como combatentes nas posições, foram conduzidas, em parte por soldados condutor-auto, o restante por pessoal graduado com carta de condução.

Resumindo:

- Viaturas - Em quantidade não satisfaziam ao mínimo necessário às Unidades, existentes e operantes, de um modo geral necessitavam de permanente assistência de 2º. escalão, devido ao seu muito tempo de uso e de serviço, pelo que houve de recorrer a viaturas civis.

5. Armamento: O armamento das forças deste Agrupamento era o seguinte:

Ligeiro: Espingardas, Met. Ligas., Met. Breda e Borsing, L.G. de 5 cm., L.G.A. Garro, Pist. Met., Pist. e C. Mão.

Pesado: Mort. Médio - Guarnição de Mort. Ligas. das Comp. de Caç. às quais foi dada uma instrução rudimentar no período que antecedeu as operações.

Obuses 3,8

4 canhões A.C. 5,7 que já estavam em arrecadação com guarnições adaptadas nos dias que antecederam as operações



à custa do pessoal das Comp. de Caçadores.  
Peças A.A. 4 cm.

Mat.Fes. A.A. 20 mm.

As guarnições do material A.A. foram também instruídas no período que antecedeu as operações, à base de pessoal retirado da B.Art. e de uma das Comp. de Caçadores.

- As guarnições de Peç. A.A. e Mat. A.A. e de canhão A.C. 5,7 nunca haviam executado tiro com essas armas.

6. Munições: A cargo das Unidades - dotações orgânicas.

- Países em: Chicalim, Alto Mangor e Planalto de Mormugão.

A cargo da C.M.M.

Nota:- Uma parte das munições não oferecia confiança ao próprio serviço de material, nomeadamente as de P. Met., conforme se depreende da ordem recebida para experiência, antes de serem utilizadas, já com o pessoal em posições.

7. Serviço de Saúde:

- H.Cirurgico Móvel - Vaseo da Gama (C.G.)

- Em tempo oportuno foi apresentada por este Comando a situação do Agrupamento no respeitante ao S.S., porquanto o único médico que prestava serviço em todas as unidades e estabelecimentos do sector era orgânico duma dessas Unidades, recebendo-se a informação da parte do S.S. que em caso operacional as Unidades resolveriam os seus problemas com os recursos próprios, o que não solucionava o problema do Agrupamento.

Com os reforços da C.C.8 (-) veio mais um médico, o desta Comp., mantendo-se no entanto a situação à mesma, partindo do mesmo princípio.

Nestes termos, dada a premência de tempo disponível e conhecida a necessidade de um estudo detalhado de carácter prático, devido à dispersão de forças pelo sector, tomou este Comando a iniciativa de mandar elaborar um Plano de S.S. no sector, com base nos elementos do referido serviço das Unidades do Agrupamento, a fim de que pudessem ser socorridos mais rapidamente e ainda poder ser feita uma triagem dos doentes e transporte dos feridos conveniente, para o H.C.Móvel.

- Assim, sob a orientação do Ten.Mil.Médico Cirurgião Correia de Lima a pedido do Comando do Agrupamento, foi estudado o Plano de S.S. no sector do Agrupamento por aquele oficial e pelos dois oficiais médicos da C.C.7 e C.C.8, com a colaboração do chefe do Dep.Mat.Sanitá-



rio, aquartelado junto do Comando e após vários reconhecimento itinerários de evacuação e local de recolha e P.S. foi estabelecido o Plano respectivo que foi o que funcionou durante o período operacional, e que era o seguinte:

- Organizados 2 P.S. que funcionaram também como L.R.F. e mais um L.R.F. junto do P.C. da C.C.2, sendo os 2 P.S. dirigidos pelos 2 médicos existentes e o L.R.F. na C.C.2, por um 2º.sargento Enfº..
  - Junto das várias posições ficava pelo menos um elemento do S.B., cabo enfº. ou maqueiro, que prestava a lã. assistência e fazia transportar os feridos para os respectivos L.R.Feridos.
  - Nos P.S. e L.R.Feridos feita a triagem dos feridos e encaminhados os que necessitavam para o H.C.M..
  - O pessoal das posições da C.C.7 na Praia de V.da Gama dada a sua proximidade do H.C.M. e a falta de pessoal era encaminhado directamente para o H.C.M..
- Ver Anexo 2 - Transparente do S.B. no sector do Agrup.

5 - Comando - Transmissões

a) P.C. - inicialmente - Alparqueiros

posteriormente - Região a 3 dos Estal.Navais Goa

Nota:- O Comando do Agrupamento praticamente só dispunha para funcionamento do P.C. de 1 único oficial para as 4 secções do E.M. e Cap.Adjunto do pessoal e Reabastecimentos, que o procurou auxiliar dentro do possível na parte de Operações e Informações, pois estava por preencher a vaga do respectivo adjunto.

Disponha mais, de um sargento de Operações e Informações, Furriel Milº. que não era especializado, e que apesar da sua boa vontade tinha pouca prática.

O restante pessoal de Secretaria e Comando, e algum outro que à última hora veio adir, pela sua pouca prática e especialização, pouco rendimento dava operacionalmente, Aproveitou-se parte deste pessoal no serviço de viaturas, estafeta, e na defesa do P.C..

b) Transmissões - Do antecedente tinha o Agrupamento organizadas as respectivas redes TPF e TSF de tempo normal, com a central localizada na encosta SE de Alparqueiros.

1. TSF - Com a saída das Unidades para as posições, deixou praticamente de haver ligação rádio com as Companhias, apesar de a estas terem sido atribuídos postos emissores montados em viaturas, pois estes não funcionavam em condições, com excepção das atribuídas à B.A.2



e Dilã. do Planalto de Mormugão (este integrado da C. C.2) e que se haviam mantido fixos.

Apesar das tentativas feitas pelo rádio-montador atribuído, nada mais se conseguiu obter no respeitante a rádio na rede do Agrupamento.

- As ligações TSF na rãde do QG estavam estabelecidas através do posto fixo de Alparqueiros, o que garantia a ligação enquanto o P.C. do Agrupamento se mantivesse nessa região, mas que, na hipótese mais que provável de deslocamento, devido à sua exposição e observação e fogos das armas In., deixava de ser praticável.

Assim, foi solicitado o fornecimento de um posto móvel montado em viatura e que não foi possível obter por já não existir em depósito.

Em face disto resolveu este Comando ordenar que o emissor-receptor da reserva do posto de Alparqueiros estivesse preparado para sair o mais rapidamente à ordem, transportado em viatura auto para ser montado fixo no local para onde eventualmente o P.C. se tivesse de deslocar.

- A B.A.2 para a hipótese de ter de actuar à ordem do Q.G. tinha sido dotada de um posto rádio-193, montado numa viatura a trabalhar na rede do Q.G..

2. TPF - As ligações existentes eram as de tempo normal, acrescidas da ligação através da Central do Quartelamento da B.A.2, com a Dilã. do Aeroporto.

Nas vésperas do início das Operações foi este Comando informado de que a Companhia de Transmissões ia estabelecer ligações entre as posições de Cola, Ilha de S. Jacinto e Cortalim, com uma central em Dabolim, todas fora do sector, que por sua vez se ligaria à Central do Aeroporto, passando assim, qualquer comunicação das referidas posições com este Comando, através das centrais de: DABOLIM-AEROPORTO-QUARTEL DA B.A.2-CENTRAL DO AGR. Logo no início das Operações e após os primeiros bombardeamentos do Aeroporto, deixou este Comando de conseguir obter qualquer ligação com a central de Dabolim.

Das restantes ligações T.P.F., no início das operações existiam as seguintes:

- Com a C.C.7 (Praia de V. da Gama)- através da Dil. Destº.Intº..
- Com a Diligência de Mormugão
- Com a B.A.2 através da central do Quartel da B.A.2 e do Aeroporto
- Com a C.C.8 pelo telefone civil.



A ligação com a C.C.2 através da central da Dil. de Mormugão, e desta Companhia com as suas posições, nunca foi possível estabelecer, apesar das linhas lançadas, devido à falta de 3 telefones, requisitados, que não chegaram a ser fornecidos.

- Para a mudança do P.C. do Agr. para outro local, havia também necessidade de uma central telefónica, pois só se dispunha de uma e em más condições. Foi requisitada e não chegou a ser fornecida a este Comando, o que obrigou a que se mantivesse até ao fim das operações, a central do agrupamento em Alparqueiros, ligada ao novo P.C. na baixa dos Estaleiros Navais a cerca de 500 m., com os vários inconvenientes inerentes.

- No decorrer das operações foram pedidas as seguintes ligações

Após o 19. bombardeamento do Aeroporto:

- Ligação TPF com a central de Dabolim

Após o início do bombardeamento naval:

- Ligação pelo telefone civil com a C.C.8

Cerca das 181230 - a ligação via rádio com a C.C.8

- Foi cedido um rádio a montar em viatura pelo Comissário Teixeira, da Polícia de Valpoi, que restabeleceu esta ligação, mas que veio também a avariar ao anoitecer de 18.

Na noite de 18/19, perdeu-se a ligação TPF do PC com a central telefónica de Alparqueiros por avaria técnica que só na manhã de 19 pôde ser resolvida, sendo esta ligação mantida durante este período, por estafetas a pé.

- No final das operações existiam as seguintes ligações

T.P.F. Diligência de Mormugão

-Comando Central C. C. 7

T.S.F. -Comando ----- Diligência de Mormugão

As restantes ligações eram feitas por estafetas.

3. No respeitante às ligações e transmissões nas redes próprias das Unidades Subordinadas, duas delas tinham ligação TSF com os seus pelotões, c/aparelhos SCR/300. Na B.A.2, inicialmente, existia o mínimo indispensável TSF para a execução do tiro, ligação P.C.T.-Observador avançado, ligação essa que ficou inutilizada a partir dos bombardeamentos ao Aeroporto.



Resumindo:

Faltava o mínimo indispensável em material para uma razoável ligação com as tropas.

O material existente, em especial o material rádio era muito usado e sujeito a inúmeras e permanentes avarias, o que foi exposto em devido tempo.

6- DiversosInstrução

Acha este Comando que é de recordar que todo o pessoal orgânico do Agrupamento, em tempo normal e antes do período operacional e de entrar em posições, estava sujeito a um regime de serviço bastante intenso devido a ser insuficiente para acudir não só às necessidades próprias das Unidades, como a todos os vários serviços de guarda, reforços e diligências, atribuídos pelo Comando Superior às Unidades do Agrupamento.

Dava tal facto como resultante, que a instrução do pessoal, na sua maioria vindo imediatamente a seguir à recruta da Metrópole e assim pouco aperfeiçoado e sem prática, estivesse reduzido a um mínimo indispensável, e que a folga média entre serviços de escala para a maioria das praças fosse de 24 horas, durante as quais, muitas vezes, tinham de desempenhar outros serviços absolutamente necessários à vida das Unidades. No entanto, este Pessoal manteve-se sempre à altura das circunstâncias, procurando cumprir o melhor possível.

IV - OPERAÇÕES REALIZADAS1. Período de 180630DEZ61 a 191230DEZ61

180630 - É recebido um telefonema do Exmº. Sub-Chefe do E.M. informando que entrava imediatamente em execução a segunda parte do Plano de Operações Sentinela

- Defesa da Península de Mormugão
- Recebida a informação de que o In. iniciou o ataque pelo N com preparação prévia de artilharia com a duração de 4 horas e de que nos restantes eixos previstos também iniciava ou se preparava para iniciar<sup>a</sup> invasão.

No mesmo telefonema é-me determinado que entre em imediata ligação com a C.C.6 (nas posições de Cortalim à ordem do CG) para a informar de que deve preparar-se para a possibilidade de ir ocupar posições na Ilha de Goa, para o que utilizaria barcaças que estariam no cais de Cortalim. A mesma Companhia deve, no caso de se deslocar, deixar guias para a ocupação.



das suas posições por outra unidade.

Em virtude de não ter qualquer ligação com as referidas posições mandou este Comando um estafeta-auto com a mensagem citada, estafeta que se desempenhou da sua missão, recolhendo ao Comando.

180705 - Sem que praticamente se desse pela aproximação da aviação In., o Aeroporto é bombardeado pela 1ª vez, e passados cerca de 10 minutos é observado o bombardeamento da emissora de Bambolim. Tenta este Comando entrar em ligação telefónica civil com o Q.G. mas já não o consegue, comunicando via rádio.

180740 - Dá-se o 2º bombardeamento do Aeroporto, recebendo este Comando a informação do Comandante da B.A.2 no Aeroporto, que a pista principal fora atingida em vários pontos, mas que a Diligência do Aeroporto se pode ainda manter nas suas posições.

Entretanto, vários navios de guerra In. eram avistados ao largo, aproximando-se da Costa.

180800 - Decide este Comando deslocar o seu P.C., do Alto de Alparqueiros, para local previamente reconhecido, na previsão do bombardeamento do aquartelamento, para o que são dadas as ordens necessárias ao único adjunto do Comando, Cap. Portela Ribeiro, e ordem ao Cap. Albuquerque, do DEI, que se põs à disposição do Comando, para que se deslocasse com o seu pessoal e com o mínimo de pessoal indispensável radiotelegrafista para o novo local e preparasse o novo P.C.. É, simultâneamente, dada ordem para ser controlada a saída de viaturas civis de Vasco da Gama, que iriam prejudicar os movimentos das viaturas militares.

180945 - Desloca-se o PC avançado e instala-se no novo local da região a SW dos Estaleiros Navais, ficando terminada a instalação total do PC cerca das 181030.

Na região de Alparqueiros, ficaram apenas as forças em posições nessa região e a central telefónica e rádio do Agrupamento, localizada na encosta S do Alto.

181020 - 3 navios de guerra In. que se aproximavam da barra do rio Zuari iniciam o combate naval com o Aviso Afonso de Albuquerque, passando algumas granadas por cima do Alto de Alparqueiros.

181045 - Começam a surgir viaturas vindas da frente terrestre



transportando elementos da PEI, tendo-se apresentado o Ten. Canuto Pereira que comandava cerca de 80 homens da PEI de Bicholim, na maioria naturais, informando ter ali recebido ordem para vir para a Península de Mormugão.

Desde o telefonema inicial nunca mais foi recebida qualquer comunicação do Q.G., sendo entretanto as informações relativas à situação do sector transmitidas via rádio.

Pelo conhecimento do dispositivo previsto dos restantes sectores da Pen. toma este Comando a iniciativa de mandar o Ten. Canuto Pereira reunir o pessoal sob o seu comando e ocupar as posições previstas para a PEI na linha de: Dabolim.

Como o referido Sr. Tenente informa desconhecer a zona da posição, depois de elucidado da localização pela carta, é determinado ao Cap. de Eng. Albuquerque, do DEI, único oficial na altura disponível que se desloque àquela região, onde se sabe existirem posições de engenharia para orientar o referido pessoal da PEI.

Entretanto apresentou-se no PC o Comissário da PEI Teixeira, com forças da Polícia de Valpoi, que trazia uma mensagem do Comandante do Agrupamento Centro para o QG, a ser transmitida por via rádio em virtude daquele Comando já não dispôr de qualquer meio de comunicação. A mensagem é transmitida via rádio imediatamente.

Informações recebidas das Unidades subordinadas, umas via telefónica, outras por estafeta e contacto pessoal com os respectivos Comandantes diziam-nos que o pessoal se mantinha calmo nas posições, na expectativa dos acontecimentos. Continua o combate naval com o Aviso Afonso de Albuquerque sendo assinalados mais 3 navios de guerra In. a cerca de 5 milhas da costa.

181140 - Dá-se o terceiro e último bombardeamento ao Aeroporto mais violento que os anteriores.

O Comandante da B.A.2 informa telefonicamente que algumas bombas caíram nas proximidades da Torre do Comando, onde se encontrava o observador avançado da Bat. de Campanha, rebentando com todos os vidros dos edifícios inutilizando toda a aparelhagem TSF lá existente. A bomba de gasolina estava a arder.

As armas anti-aéreas não haviam podido fazer fogo contra os aviões In. em virtude destes voarem a grande altitude, superior ao seu alcance e só se descortinarem já por cima das posições.



Informa mais, que a situação das posições A.A. e de defesa próximas do Aeroporto e do PC de Artilharia de Campanha, são insustentáveis, deixando de haver possibilidades de observação para o tiro de Artilharia de Campanha previsto, por falta de ligação com o P.C.T.. Perdeu as ligações telefónicas com as posições, pois as linhas foram cortadas com as explosões.

Pede autorização para que o pessoal na área do Aeroporto se desloque para junto das posições de Artilharia de Campanha, a N da estrada Cortalim-Aeroporto.

Entretanto o movimento de viaturas e de civis, saindo e indo para Vasco da Gama, recrudescer, podendo prejudicar as operações militares do PC.

É dada ordem ao Comissário Teixeira, da PEI, para que, com o pessoal sob o seu comando estabeleça o policiamento da estrada nas proximidades do PC, impedindo o trânsito de viaturas civis e estabelecendo a segurança próxima do P.C. sob a direcção do adjunto do Comando, Cap.Portela Ribeiro.

Chega junto ao PC o Ten. Máximo, da PEI, com pessoal da mesma Polícia de Colém, e que é mandada reforçar a PEI de Vasco da Gama.

181300 - O Comandante da B.A.2, confirma a informação de que não tem possibilidades de actuar, por falta de observação e em especial de transmissões.

Como a Sec./At. em posição na Praia de Bogmaló ficou isolada em virtude da retirada das forças de defesa próxima do Aeroporto, é dada ordem para que aquela força seja reforçada com algum pessoal da Diligência do Aeroporto, sob o Comando de um subalterno, na previsão de uma infiltração por aquela Praia de elementos In. que desembarcassem e atacassem a rectaguarda das forças na frente terrestre, ou a rectaguarda da frente marítima.

Entretanto os bombardeamentos navais continuam, passando algumas granadas por cima de Alparqueiros, algumas delas de tempos.

Apresenta-se, de regresso ao PC, o Cap.Albuquerque do DEI, informando que, do pessoal da PEI sob o Comando do Ten.Canuto Pereira, praticamente restam o referido Tenente e os graduados, pois o resto do pessoal, natural, havia desaparecido. Mais informa que em Dabolim, encontraram o Alferes Comandante do Posto de Vigilância de Cola, montado com pessoal da C. M.M., já fora do sector, que o informou que o seu pessoal



retirara também daquela região.

Posteriormente veio-se a saber que este último pessoal vierá por fim juntar-se ao pessoal do DEI, que ocupava posições nas proximidades de Dabolim.

181340 - O Aviso Afonso de Albuquerque é atingido e começa a guinar, dirigindo-se para a região de Dona Paula. Os navios In. continuam a fazer fogo sobre ele. O nosso navio já um pouco adornado, parece voltar ainda a ripostar. Já encostado, está agora com bandeira branca içada. Os navios In. continuam a fazer fogo, atingindo as regiões de terra na zona para onde a tripulação está tentando evacuar com os feridos.

181514 - Este Comando continua sem receber qualquer comunicação do Q.G..

Chega ao PG a notícia de que alguns elementos do PG avançado do QG se encontram já nas proximidades da região de Cortalim, pelo que resolve este Comando enviar o Cap. Albuquerque do DEI à referida região, a fim de se inteirar da situação.

181640 - Chega ao PG do Agrupamento, Sua Exã. o General Comandante Chefe, acompanhado de Sua Exã. o Brigadeiro Comandante Militar e do Cap. Albuquerque.

Põe este Comando, Sua Exã. o General Comandante Chefe, a par da situação no sector.

181700 - Terminam os bombardeamentos dos navios In. sobre o Aviso Af. de Albuquerque que se encontra em chamas.

É captada uma mensagem informando que o E.Rec.3 e o E.Rec.4 atingiram a linha Adsulim-Navelim-Maina.

Sua Exã. o General Comandante Chefe, procura ainda com o Comandante da B.A.2, encontrar uma solução para o emprego da B.A.2 (-) como Artã. de Campanha, depois de vários reconhecimentos efectuados o Comandante da B.A.2, chegado à conclusão da impossibilidade, devido em especial à falta de ligação entre os seus órgãos de comando e tiro e de observação, e de possibilidades de utilização de posições em tiro directo, pelo que foi resolvido que a Bateria fosse ocupar uma posição de Infantaria.

Indicou este Comando a posição a L da Capela de Vádam (ver dispositivo -anexo 1).

Sua Exã. o General Comandante Chefe informa que resolve ficar instalado junto do PG do Agrupamento.



181900 - Chegam ao PC notícias não confirmadas de que alguns civis teriam ouvido pela rádio na emissão da ALL INDIA RÁDIO, que o In. executaria um bombardeamento na cidade de Vasco da Gama, incluindo as instalações petrolíferas da Burmah-SHELL, na madrugada de 13/19.

É dada ordem à reserva e ao Pelotão de morteiros para que se instalem na região de Vádem, imediatamente a S do local do PC de forma a que pudessem actuar com mais facilidade tanto para a frente marítima como para a frente terrestre.

Começa a correr o boato trazido por civis que a cidade de Goa se tinha rendido.

182145 - Chega ao PC o Comandante Abel de Oliveira, sub-director dos Serviços de Marinha, que desembarcou no Cais do Major e que procura saber se o pessoal da Marinha já havia chegado. Trazia a notícia da queda de Pangim.

Informa que vira tropa nossa desarmada e formada na Avenida Marginal daquela cidade, e que num dos mastros se achava já içada a bandeira da União Indiana.

É o referido oficial de Marinha levado à presença de Sua Exã. o General Comandante Chefe e Brigadº. Comandante Militar a quem relata os referidos factos.

182200 - O Ten. Coronel Solano, Director dos T.A.I.P., comunica que fora autorizado por Sua Exã. o General Comandante Chefe a <sup>tentar</sup> levantar vôo com o avião dos TAIP ainda no Aeroporto, juntamente com o comandante dos T.A.P. que chegara na madrugada de 18.

Pede-me que tome as providências necessárias para que os 2 aviões não sejam alvejados pela única arma A.A. ainda operante, localizada no Planalto de Mormugão, providências que são tomadas, tendo os aviões levantado cerca das 23H30M.

182215 - Apresenta-se no PC o Tenente Carvalho Mendes da GF., informando que desembarcou no Cais do Major com 30 homens da GF, trajando civilmente e sem armas e que tinha conseguido evacuar da Ilha de Goa, após a renúncia desta. Havia sido detido no Cais do Major por pessoal da C.C.7, em posições naquele local.

É dada ordem para que, dentro das possibilidades, seja aquele pessoal armado e equipado e que vá ocupar posições na frente terrestre. São distribuídas espingardas e granadas de mão.

182230 - Aproxima-se do Cais dos Estaleiros uma barçaça, que praticamente só no último momento é reconhecida como trans-



portando pessoal do Comando Naval.

Da mesma desembarca Sua Ex<sup>sa</sup> o Comodoro Comandante Naval, e o pessoal, oficiais e praças do respectivo Comando, deslocam-se também para o local do PC onde se instalam.

Alguns núcleos dispersos de tropas, em especial naturais, vindos do lado de Cortalim sem comandos, começam a atravessar as posições da reserva, abandonando espingardas e granadas de mão trazendo boatos vários, inclusive que carros de combate In. já se encontrariam algures em Chicalim!

À aproximação dos graduados das Unidades instaladas em posições, fogem através das arvores, no escuro não podendo ser identificados convenientemente.

182245-- É dada ordem ao adjunto do Comando para a previsão de mudança do PC do Agrupamento em virtude de se considerar que o actual local estaria mais que localizado pelo In. devido ao excepcional movimento ocorrido nas proximidades, na última parte da tarde e início da noite .  
Desde o início da noite que de quando em quando se ouvem aviões In. a sobrevoar o sector, a grande altitude.  
É pedido a este Comando, pelo Exm<sup>o</sup> Sub-Chefe do E.M., um guia e estafeta para se deslocar ao QG em Agaçaim, a fim de transmitir a ordem de deslocação do mesmo para a região de Dabolim.  
É nomeado o 2<sup>o</sup> Sargento, Paulo José da Silva Araújo que, acompanhado dum sargento do QG, se desloca aos referidos locais, só conseguindo regressar ao PC do Agrupamento cerca das 09H00 de 19.  
Continua o movimento de viaturas militares na estrada, transportando pequenos núcleos de tropas evacuadas de áreas fora da Pen. de Mormugão, e que, apesar do policiamento montado, com dificuldade se conseguem controlar.

190130- Recomeçam a ouvir-se bombardeamentos longínquos na frente terrestre.

190145- É captada por via rádio a notícia de que a força da Aguada, que lutara durante cerca de 3 horas, se ía render.  
Na região das proximidades do PC, há agora, relativa calma.  
O exm<sup>o</sup> Sub-Chefe do E.M., pouco depois de ter enviado o guia solicitado, desloca-se também à frente terrestre e ainda não regressa.

190345- Mais movimentos de algumas viaturas a grande velocidade na direcção a Vasco da Gama. Vários pequenos núcleos



dispersos, passam descontrolados e sem possibilidade de identificação, através dos campos e do arvoredo nas proximidades do P.C..

190415 - O Comandante da C.C.7 informa que grupos de militares desarmados e desorientados que não consegue identificar, estão a tentar entrar por vários lados na cidade de Vasco da Gama, passando pelas suas posições e espalhando notícias desmoralizadoras, nomeadamente da fuga de Oficiais e aos gritos de "Salve-se quem puder":

É dada ordem para que se identifiquem dentro das possibilidades, as medidas de repressão a tais factos, e dito ao Comandante da C.C.7 que pessoalmente transmite tal informação a Sua Exã. o Comandante Chefe, que se encontra próximo. Sua Exã. o General Comandante Chefe resolve deslocar-se à cidade de Vasco da Gama juntamente com Sua Exã. o Comandante Militar e Sub-Chefe do E.M..

De regresso, Sua Exã. informa este Comando que se desloca às posições de Dabolim, onde já se encontrava o Q.G., e que depois regressaria ao PC. do Agrupamento.

Informo Sua Exã. que tencionava deslocar desde já o PC do Agr. para outro local, pelas razões já citadas, informando-me Sua Exã. que lá iria ter depois.

190445 - Dá este Comando ordem para a deslocação do PC.

O Comissário Teixeira, da PEI de Valpoi, solicita autorização para, caso não seja necessário no novo local, ir ocupar com o seu pessoal uma posição na linha de Dabolim a N da estrada para Cortalim, vigiando à margem esquerda do Zuari e frente terrestre, o que é concedido.

O Cap. Albuquerque do DEI, com a Sec. de Engã. sob as suas ordens, é mandado ocupar posições na linha de Dabolim, junto às já guarnecidas pelo pessoal do DEI.

190500 - Desloca-se o PC do Agrupamento para a região a W da baixa de Vadem.

O Cap. Portela Ribeiro, Adjunto do Comando, desloca-se às posições do Agrupamento, informando as Unidades da deslocação do P.C..

190630 - O Sector é novamente sobrevoado por aviões In.

Tenta-se restabelecer ligações telefónicas com as Unidades subordinadas.



190715 - Regressa o Cap. Portela Ribeiro, informando que a situação se lhe apresentara calma em todas as posições e que lhe fora transmitido pelo civil Ernesto Santana de Sousa, morador na casa de Comissão nº.5, em Vasco da Gama um apelo feito pela Emissora Nacional de Lisboa, por cerca das 01H30 às 02H30, para que fossem dadas notícias em grafia na frequência de 7 a 20 Kc e em fonia em 7060 Kc/s.

Desloco-me à frente, percorrendo as posições, encontrando o pessoal calmo e aguardando os acontecimentos. O Comandante da PEI, em V. da Gama, informa que tudo agora aparenta calma, mas que durante a noite, grupos de militares, parte deles europeus e os restantes naturais, mas que não conseguiu identificar, tinham entrado por vários sítios em V. da Gama, com frases e atitudes que poderiam desmoralizar as tropas, mas que estas se mantiveram calmas. Corriam boatos vários. As forças da PEI de Colem que lhe tinham sido enviadas para reforço, tinham sido, em parte, instaladas protegendo a recataguarda das posições da C.C.7 e C.C.8, e as restantes utilizadas no policiamento e controle da cidade.

190845 - Sua Exã. o General Comandante Chefe chega ao PC. acompanhado de Sua Exã. o Brigadeiro Comandante Militar, Sub-Chefe de E.M. Major Rangel de Almeida e Capitão Silva Ramos do QG, indo conferenciar para um local no PC, após o que, o Major Rangel se retirou para a frente terrestre. Está escolhido e preparado o local para o Comando Chefe, na casa de um civil cristão, oferecida pelo mesmo e para onde Sua Exã. se desloca.

190900 - Chega às proximidades do PC o Comandante da C.C.3 com o que resta da sua Companhia para rearmar.

190905 - O Sector é novamente sobrevoado por aviões a jacto In. nomeadamente por cima da cidade e dos Estaleiros Navais.

190915 - Regressa o 2º. Sargento Araújo do Comando do Agrupam., depois de cumprida a missão de que fora encarregado na noite anterior (Transmissão da ordem de deslocação do QG. para a região de Dabolim). Conta pormenores de execução da sua missão e informa que alguns Sargentos e Praças que haviam atravessado o Rio Zuari de Cartalim para Agaçaim, e outros que já se encontravam nesta última região, estavam a preparar-se de manhã cedo, para se deslocarem para Pangim com bandeirolas brancas nas viaturas.



190920 - É captada uma mensagem solta truncada, parecendo vir do Posto de Rádio do Altinho, a qual não se conseguiu interpretar convenientemente e que aproximadamente dizia que em referência a uma mensagem de 181945 (ou 181845), o período de tréguas para ajuste de pormenores de rendição iria até 190930. Não foi possível confirmação desta mensagem. Tal fragmento de mensagem é presente ao Exmº. Sub-Chefe do E.M. e Sua Exã. o Comandante Chefe não se conseguindo chegar a uma conclusão acerca do que se tratava.

191100 - Chega junto do PC o Comandante do Agr. Afonso de Albuquerque, acompanhado dos respectivos adjuntos e dos seus Comandantes de Unidade, passando a conferenciar individualmente com Sua Exã. o Comandante Chefe e Sua Exã. o Brigadeiro Comandante Militar e Sub-Chefe do E.M., após o que se retira novamente para a frente.

191215 - Sua Exã. o General Comandante Chefe informa que em face dos elementos colhidos na conferência tida e analisando a situação da N.T. em relação ao In., pelo balanceamento da existência das forças ainda em posição e a sua eficiência de conjunto, decidira a rendição. Determina ao Exmº. Sub-Chefe do E.M. que se desloque às posições da C.C.6 em Cortalim e a este Comando que convoque imediatamente todos os Comandantes das Unidades no Sector do Agrupamento para os informar daquela decisão.

191245 - Numa das residências dos Estaleiros Navais de Goa é comunicada a todos os Comandantes das Unidades presentes a decisão de Sua Exã. o General Comandante Chefe.

## 2. PERÍODO DAS 191245 AS 191445 DEZ61

Registaram-se:

- Chegada Sua Exã. Reverã. o Patriarca das Índias Orientais que conferenciou com Sua Exã. o Comandante Chefe, retirando-se depois.
- Grande manifestação de pesar da parte da população, homens, mulheres e crianças que se aproximavam do edifício onde se encontrava Sua Exã., chorando e abraçando Sua Exã., beijando-lhe as mãos.
- O aparecimento de uma camioneta estranha a V. da Gama, transportando pessoal também estranho que ia de extremo a extremo da cidade em altos brados procurando incitar os civis naturais que se mantinham calmos ou pesarosos, com gritos de



"JHAI IND" e empunhando algumas bandeiras In., Reacção de alguns populares afirmando alto que eram portugueses contra alguns elementos civis que haviam descido da cidade camioneta.

- Montagem de um policiamento à estrada.
- Proposta a Sua Exã. para se deslocar para o quartelamento de Alparqueiros.

191445 - Sua Exã. o General Comandante Chefe, os elementos do QG presentes e o Comandante do Agrupamento, deslocam-se para o Quartelamento de Alparqueiros.

191545 - Chegam as primeiras tropas In. invasoras à região dos Estaleiros Navais.

191600 - Um Major e posteriormente um Coronel In. com a respectiva guarda, chegam ao quartelamento de Alparqueiros avistando-se com Sua Exã. o General Comandante Chefe. Após terem conferenciado com Sua Exã., é dada ordem ao Adjunto deste Comando para acompanhar um Oficial Indiano na recolha de algumas das nossas forças ainda junto das posições, que ainda não haviam recolhido, e ainda dos núcleos de tropas isolados, encontrados dentro do sector, serviço que se inicia imediatamente.

#### V - MORAL E COMPORTAMENTO DURANTE A ACCÃO

Pelo que foi dado observar, o moral do pessoal que constituía o Agrupamento e seus reforços, foi francamente bom, dum modo geral, e manteve-se à altura, apesar dos embates que sofreu não só devido aos bombardeamentos aéreos e navais a que esteve sujeito, como muito em especial à influência psicológica que poderia haver, resultante dos boatos que durante a tarde de 18 e a noite de 18/19 foram levados até às posições.

Não acha este Comando que haja a salientar qualquer das Unidades em posições, todas elas nas mesmas condições, sujeitas aos mesmos perigos e às mesmas influências e tendo tido as mesmas reacções, mantendo-se conscientes mas calmas e compenetradas do seu dever.

De notar que, a ter-se verificado a confirmação do boato que começou a correr, acerca do possível bombardeamento das instalações da Burmah-Shell, seriam todas as Unidades do Agrupam. em posições, junto à cidade de V. da Gama (C.C.2, C.C.7 (-), C.C.8 (-) e PEI/Vasco da Gama), grandemente atingidas por qualquer explosão.



No entanto mantiveram-se tais Unidades firmes nos seus postos, aguardando com confiança o desenrolar dos acontecimentos.

Acha-se ainda que é de mencionar a C.C.2, não por qualquer acção excepcional, mas pelo facto de se ter mantido firme nas suas posições até à rendição, sem um único desfalecimento, quando é certo inicialmente oferecer pouca confiança, devido ao facto de se tratar de uma Unidade de naturais àcerca dos quais se desconheciam as reacções perante o perigo.

Quanto a actos individuais dignos de louvor ou punição não houve praticamente oportunidade para que se registassem com clareza suficiente.

Todo o pessoal teve, por assim dizer o seu baptismo de fogo, nas presentes operações e natural é que tivesse tido inicialmente as reacções mais antagónicas.

Não considera este Comando que tenham havido quaisquer casos de heroicidade durante as operações.

Há porém que salientar alguns elementos, que pela calma com que resgiram e se mantiveram no seu posto, e pela eficiência demonstrada e colaboração dada, considera este Comando dignos de registo especial.

São eles:

- Capitão de Artâ. Manuel Dayrell Marrecas Portela Ribeiro, Oficial de pessoal e reabastecimento do Agrupamento.

Durante todo o período que antecedeu e muito em especial durante as operações, foi incansável em cooperar e coadjuvar o Comando do Agrupamento, em todos os ramos não só por aqueles de que era directamente responsável, como também na parte de Operações e Informações, dado que não existia no PC oficial adjunto das citadas secções.

Foi sem dúvida nenhuma, o melhor auxiliar e colaborador do Comando durante todas as operações, nele se concentrando praticamente todas as funções do E.M. do Agrupamento, não se poupando a esforços e a perigos para que tudo corresse o melhor possível.

- Capitão Jaime Patrício Albuquerque Ferreira, do DEI, pela colaboração e esforço dados em várias facetas, desempenhando até missões que lhe não competiriam noutras circunstâncias, como oficial de Engâ., mas para as quais, reconhecendo a carência de meios existentes no Comando, se oferecia.

- Os 4 Comandantes das Unidades subordinadas ao Agrupamento, Capitão de Infâ., João Luis de Sousa Alves, da C.C.7; Capitão de Infâ. Amável Velez Serra, da C.C.8; Capitão de Infâ. José Rolita



- ta Correia Caniné, da C.C.2; Capitão de Artã. Fernando Jorge Freire de Andrade Castel Branco Lobo da Costa, pela acção de encorajamento e disciplina, que desenvolveram junto das respectivas Unidades, conseguindo pelas suas atitudes e modo de actuar, manter as suas forças calmas e firmes nos seus postos, apesar dos embates a que foram sujeitas, tanto pelos bombardeamentos aéreos como posteriormente pela acção desmoralizadora provocada pelos boatos e contactos inevitáveis dos grupos de tropas desordenadas que vinham de fora do sector.
- Comissário, José Jorge Teixeira, da PEI de Valpoi, pelo esforço e colaboração prestada durante toda a acção, desde o momento em que se apresentou no PC, montando o policiamento e accionando dinamicamente e com eficiência o mesmo, pondo voluntariamente à disposição do Comando os meios rádio que dispunha e dos quais já não necessitava, e ainda porque voluntariamente veio solicitar, logo que verificou não ser necessário junto do PC, autorização para ir ocupar com o seu pessoal uma posição de combate numa das ilhas defensivas de Dabolim.
  - 2º Sargento de Infã., Paulo José da Silva Araújo, do Comando do Agrupamento, porque no desempenho da missão de guia e de estafeta de que foi encarregado e na final da qual se viu praticamente metido no meio das tropas que pretendiam deslocar-se para a cidade de Goa, onde as nossas tropas já se haviam rendido, e em sentido contrário ao do seu PC, apesar de todas as influências desmoralizadoras a que se viu sujeito, conseguiu, depois de várias dificuldades regressar ao PC do Agrupamento, como era e considerava ser o seu dever.
  - O Furriel Milº. Aurélio Joaquim Pais Manso, que desempenhou interinamente as funções de Sargento de Operações e Informações do Comando do Agr., por, tanto no período que antecedeu as operações como no decorrer destas, ter sempre dado um rendimento superior ao que seria de esperar, dada a sua escassa prática nos assuntos de Operações e Informações, tendo-se sempre mantido calmo e eficiente e procurando dar o seu melhor esforço e auxílio ao Comando, mesmo nas condições mais difíceis de perigo e de trabalho.
  - Os 3 1ºs. cabos rádio-telegrafistas, nº.1/60, José de Matos Cabeça; 4/60, Joaquim da Silva Marques; 5/60, José Molarinho da Costa, do Comando do Agr., operadores da Secção de Transmissões e Cifra do Agrupam., que tendo retirado às ordens do respectivo Comandante, se ofereceram para irem ocupar novamente a referida central, embora subsistisse o perigo de esta poder vir



ainda a sofrer a acção de novos bombardeamentos, permanecendo aí até final das operações.

- 1º.cabo aprovado rádio-telegrafista nº.348/58, Laurentino Jesus dos Santos, do DEI, Chefe do Posto de Rádio da rede do Comando Superior, junto do Agr., pela nítida consciência das responsabilidades das suas funções, manifestada durante todas as operações, não se poupando a esforços, e usando de toda a sua iniciativa e conhecimentos técnicos na adaptação dos meios de que dispunha, a fim de que o seu posto se conseguisse manter em permanente funcionamento dentro da respectiva rede. Foi sem dúvida um elemento do Comando que se salientou na colaboração prestada durante o período operacional.
- Foram feridos em combate, atingidos pelos rebentamentos do último bombardeamento aéreo, as seguintes praças, que constituam uma das guarnições da Met. A.A. 20 mm, adidos à Diligência do Aeroporto, da B.A.2:

- 1º.Cabo nº.16/61 - Joaquim Luis Duarte (C.C.7)
- Soldado nº.66/61 - Manuel Jordão Carreira (C.C.7)
- " " 91/61 - Afonso Carlos Ferreira (C.C.7)
- " " 121/61 - Armelindo Pereira Soares (C.C.7)

Estas praças foram imediatamente recolhidas por uma patrulha da C.M.M., que momentos antes chegara ao local e que as transportou para um primeiro tratamento na mesma Companhia, sendo depois apresentados junto do Pelotão de Reserva do Agr., donde seguiram para o H.Cirurgico Móvel.

Destas praças, o 1º.cabo 16/61, ficou com um tímpano furado, facto de que foi feito o respectivo relatório.

Junta-se participação da ocorrência.

-----oooOooo-----

- ANEXOS: 1 - Transparente de Operações  
 2 - Transparente do S.3. do Sector  
 3 - Croquis 1/50.000 da Pen.de Mormugão (Dist.de Goa)  
 - Relatórios das: CC2, CC7, CC8, BA2 e Dil.Aeroporto

- OBS.: - Ambos os transparentes foram feitos de memória, em virtude dos originais terem sido destruídos oportunamente.  
 - Os horários são aproximados e correspondem ao 1º.facto mencionado para cada um, tendo-se os restantes passado entre as horas indicadas e as seguintes:

Quartel em Alparqueiros, 30 de Dezembro de 1961

O Comandante do Agrupamento

a)- Joaquim Francisco Rijo Cardeira da Silva  
 Major de Infantã.

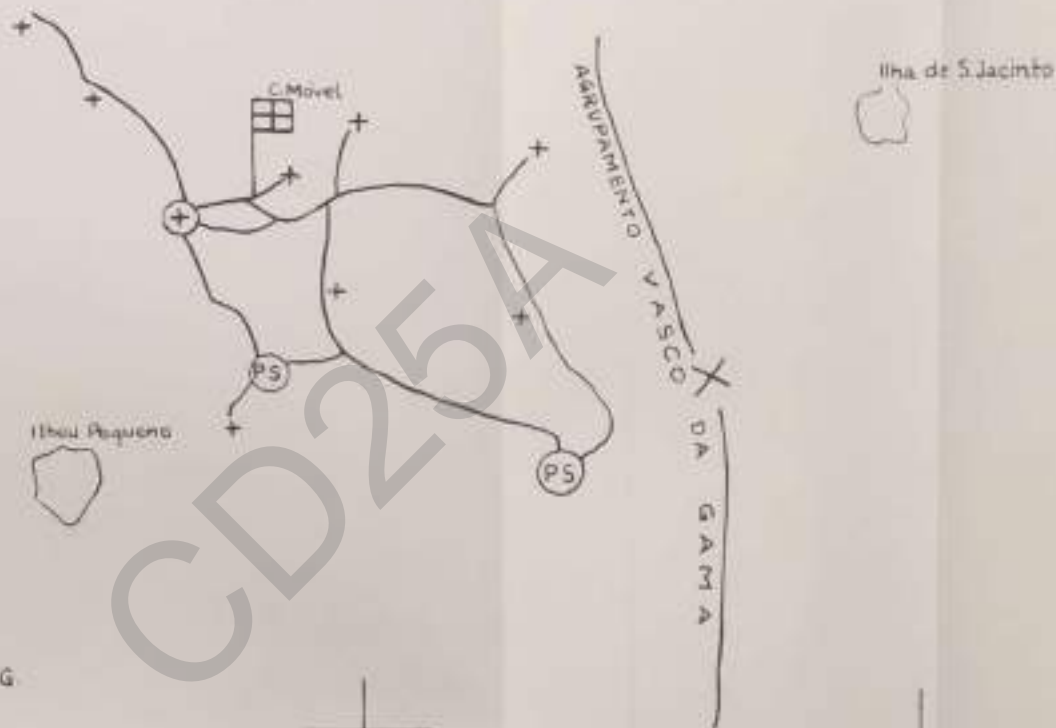


SECRETO






PLANO DE SERVIÇO DE SAÚDE NO SECTOR DO AGRUPAGAMA  
ANEXO Nº2 AO RELATÓRIO DO AGRUPAGAMA  
(PLANO OP. "SENTINELA" - 2ª FASE - DEF. PEN. MORMUG.)

AGRUPAGAMA  
Alperqueros  
3002161


Escala 1/50.000



C. Móvel

-  - Hospital Cirúrgico Móvel do QG
-  - Posto de Socorros e Medica
-  - L.R. Feridos - Chefiado por Sarg. Entº
-  - Assistência imediata nas posições
-  - Itinerários de evacuação de feridos

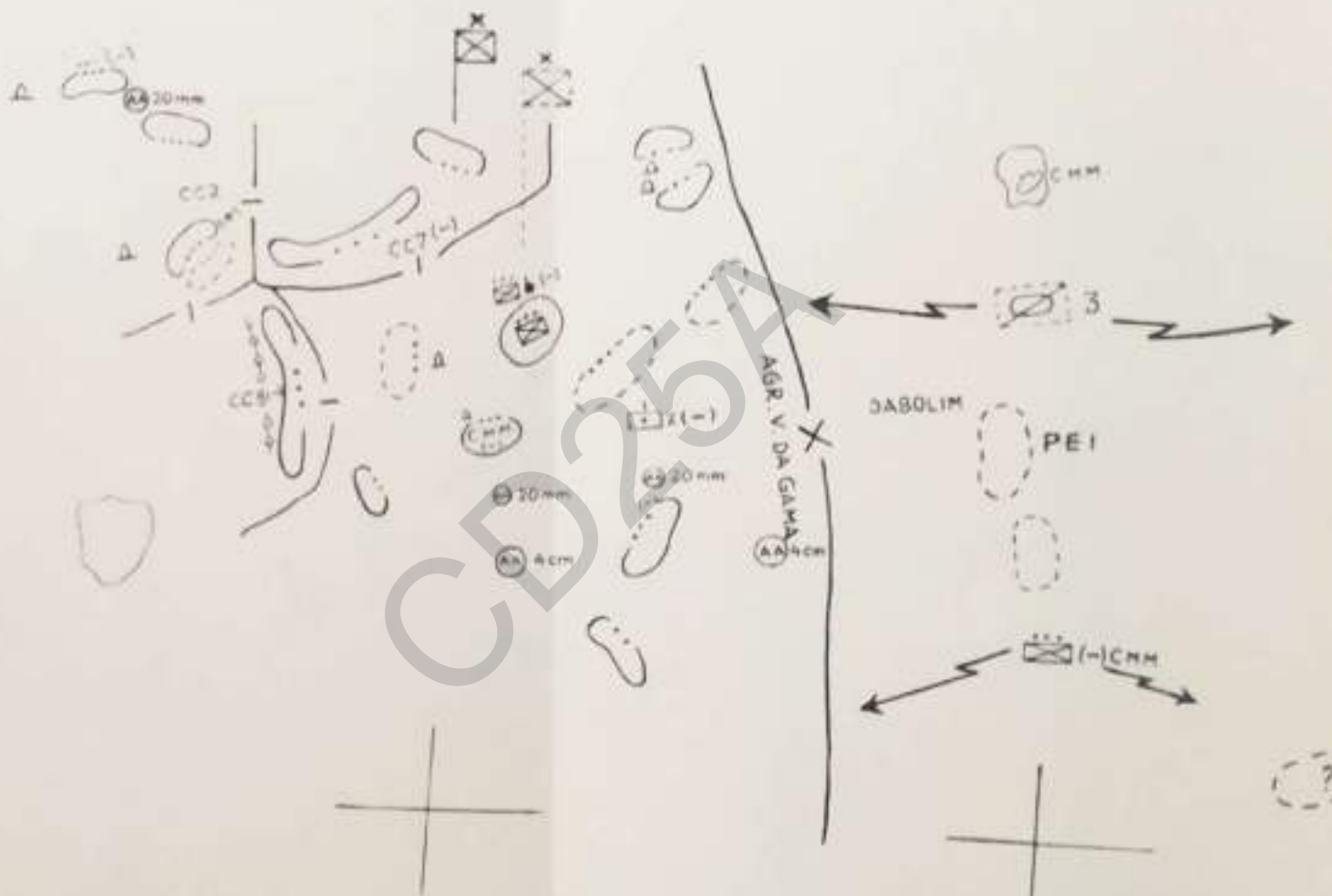
O COMANDANTE

  
Joaquim Francisco - Comandante da Silva  
Major de 1ª Classe



SECRETO

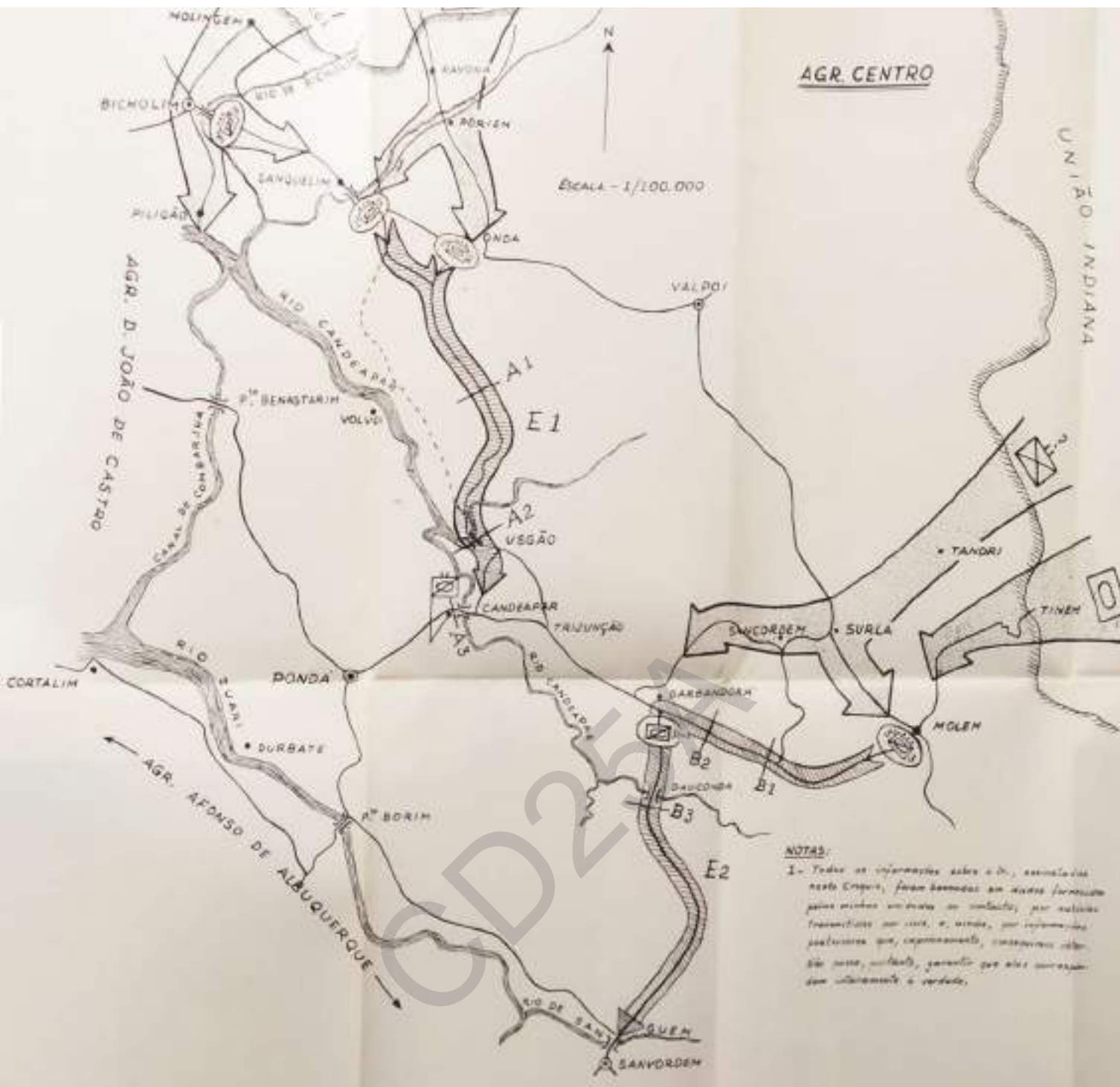
TRANSPARENTE DE OPERAÇÕES  
-ANEXO I AO RELATÓRIO DO AGR. VASCO DA GAMA-  
(PLANO OP. "SENTINELA" - 2ª FASE -  
DEFESA DA PENINSULA DE MORMUGÃO)



Escala: 1/50.000

SECRETO





AGR. CENTRO

ESCALA - 1/100.000

(A) - 2ª B. Prolongamento (MARATHA) seguindo com 2.500 e representado com CC - MRA 1 (na origem Americana)  
 (B) - Com C.C. - AME (Arquiteto Francisco)

NOTAS:

1- Todas as informações sobre a D., assim como neste Orç.º, foram baseadas em dados fornecidos pelos próprios proprietários em contato, por notícias transmitidas em cartas, e ainda, por referências pessoais que, experimentalmente, consideramos válidas para, portanto, garantir que eles correspondam com o máximo à verdade.

2- Não me é possível, nesta ocasião, indicar com precisão as Linhas de Agr. CENTRO, mas, grosso modo, seriam as seguintes:

- Com a Agr. D. JOÃO DE CASTRO: RIO DE SANQUELIM - RIO CAN - SANDAPE - em (1000 m) - DURBATE
- Com a Agr. A. A. (a) na parte que interessa a esta Realidade: RIO SURLA e RIO DE SANQUELIM

O CHAT. Agr. CENTRO  
 Francisco José de Paula  
 1917.02



COMENTÁRIOS AO RELATÓRIO  
DO COMANDANTE DO ACR. "VASCO DA GAMA"

- 1 - Este relatório está bom elaborado. A falta de informações de que se queixa resultou ou de as não termos ou da falta de Transmissões.
- 2 - Nada mais há a acrescentar ao que já foi dito sobre as faltas e deficiências - que eram gerais - de material auto, de transmissões, de munições, instrução e plano logístico, nos Relatórios do Comandante Militar, Chefe do Estado Maior, Chefes da 3ª. e 4ª. Repartições do Q.G., Chefe dos Serviços de Saúde, de Transmissões e de Material.

CD25A



**SECRETO**

Volume N.º XXX

Exemplar N.º \_\_\_\_\_

FORÇAS ARMADAS DO ESTADO DA ÍNDIA

**A INVASÃO DOS TERRITÓRIOS  
DO  
ESTADO PORTUGUÊS DA ÍNDIA**

EM DEZEMBRO DE 1961

APÊNDICE (JUSTIÇA E DISCIPLINA)

do Relatório do:

Comandante do Acantonamento "VASCO  
DA GAMA", Major de Infantaria  
JOAQUIM FRANCISCO ELIO GARDNERA  
DA SILVA.

**SECRETO**



S E C R E T O

ANEXO AO RELATORIO DO COMANDANTE  
DO AGRUPAMENTO "VASCO DA GAMA "

Concretizando as referências especiais feitas no Relatório, proponho que sejam louvados os seguintes elementos deste Agrupamento ou a eles aludidos:

a)- Por Sexo o Comandante-Chefe ou superior de Sexo assim o entender:

- Capitão de Artilharia MANUEL DAYRELL MARRECCAS PORTELA RIBEIRO, oficial de Pessoal e Robastecimentos do Comando do Agrupamento, porque sempre demonstrou acentuadamente o seu desejo de bem servir e possuir em elevado grau os sentimentos de honra e patriotismo.

Durante todo o período que antecedeu as operações e muito em especial durante as operações, foi incansável em cooperar e coadjuvar o Comando do Agrupamento em todos os ramos do Comando, não só naqueles porque directamente era responsável, como também na parte respeitante a Operações, dado que não existia no P. C. oficial adjunto das citadas secções.

Foi sem dúvida o melhor auxiliar e colaborador do Comando durante todas as operações, nêle se concentrando praticamente todas as funções do E.M. do Agrupamento, não se poupando a esforços e perigos para que tudo corresse o melhor possível.

- Capitão de Engenharia JAIME PATRÍCIO ALBUQUERQUE FERREIRA, do D.E.I., Comandante da Engenharia em apoio ao Agrupamento, pela alta noção do dever e da honra de que sempre deu provas durante as operações, prestando toda a colaboração e dando todo o seu esforço não só sob o aspecto técnico das funções em que vinha investido, como também no desempenho de missões que não lhe competiriam noutras circunstâncias como elemento de Engenharia, mas para as quais, reconhecendo a carência de meios existentes no Comando do Agrupamento, se oferecia.

- Comissário da P.E.I. de VALPOI, JOSE JORGE TEIXEIRA, pela alta noção do dever e da honra demonstrados e pelo esforço e colaboração prestados durante toda a acção, desde o momento em que se apresentou no P. C. do Agrupamento com o pessoal do seu Comando, montando e accionando dinamicamente o policiamento na estrada e em torno do mesmo, sendo voluntariamente à disposição do Comando os meios rádio de que dispunha, e ainda, porque logo que verificou poder ser dispensado das proximidades do P.C., veio solicitar autorização para ir ocupar com o seu pessoal uma posição de combate na linha da frente terrestre, o que lhe foi concedido.

- 2º Sargento de Infantaria PAULO JOSE DA SILVA ARAUJO, do Comando do Agrupamento por ter demonstrado possuir um elevado sentimento de dever e de honra durante toda a acção e em especial no desempenho de uma missão de guia e estafeta de que foi encarregado pelo Comando Superior e da qual se desempenhou da melhor forma, embora sujeito a várias dificuldades de ordem material e moral, tendo



conseguido cumpri-la e regressado ao seu P.C., como era seu dever,

b) Pelo Exmº Comandante Militar:

- Os Senhores Capitães:

De Infantaria : - João Luis de Sousa Alves  
José Rolita Correia Caniné  
Amável Velez Serra

De Artilharia : - Fernando Jorge Freire de Andrade Castelbranco  
Lobo da Costa.

pelo muito esforço dado na organização das suas posições, apesar dos fracos meios de que dispunham, e muito em especial pela acção de encorajamento e disciplinar que desenvolveram junto das respectivas Unidades, conseguindo pelas suas atitudes e modo de actuar, manter as suas forças calmas e firmes nos seus postos, apesar dos embates a que foram sujeitas, tanto pelos bombardeamentos aéreos como posteriormente pela acção desmoralizadora provocada pela onda de boatos lançados pelo inimigo.

- Furriel Milº de Infº AURELIO JOSE PAIS MANSO, que desempenhava interinamente as funções de sargento de operações e informações do Comando do Agrupamento, por, tanto no período que antecedeu as operações como no decorrer destas, ter sempre dado um rendimento superior ao que seria de esperar dada a sua escassa prática nos assuntos de operações e informações, tendo-se sempre mantido calmo e eficiente e procurando dar o seu melhor esforço e auxílio ao comando, mesmo nas condições mais difíceis de perigo e de trabalho.

- O 1º Cabo Aprovado rádiotelegrafista nº 348/58, LAURENTINO JESUS DOS SANTOS, do D.E.I., Chefe do Posto de Rádio da rede do Comando Superior junto do Agrupamento, pela nítida consciência das responsabilidades das suas funções, manifestada durante todas as operações não se poupando a esforços e usando de toda a sua iniciativa e conhecimentos técnicos na adaptação dos meios de que dispunha, a fim de que o seu posto se conseguisse manter em permanente funcionamento dentro da respectiva rede.

- Os 1ªs. Cabos rádiotelegrafistas nºs:

- 1/60- JOSE DE MATOS CABEÇA
- 4/60- JOAQUIM DA SILVA MARQUES
- 5/60- JOSE MOLARINHO DA COSTA

todos do Comando do Agrupamento, operadores da secção de transmissões e cifra, porque embora subsistindo o perigo de a central telefónica da rede fixa do Agrupamento voltar ainda a sofrer a acção de novos bombardeamentos aéreos ou navais dada a sua localização, conscientes da necessidade para o comando da manutenção da referida central, se ofereceram para a ir ocupar, nela se mantendo até final das operações, demonstrando assim uma alta noção dos seus deveres.



c) - Citações colectivas

Que seja citada a guarnição da Met. A.A. 20 mm. da diligência do Aeroporto, e constituída pelas seguintes praças da Companhia de Caçadores nº 7, adidas à Bateria de Artilharia nº 2:

- 1º Cabo nº 16/61 - JOAQUIM LUIS DUARTE
- Soldado nº 66/" - MANUEL JORDÃO CARREIRA
- " " 91/" - AFONSO CARLOS FERREIRA
- " " 121/" - ARMELINDO PEREIRA SOARES

que, sujeita aos bombardeamentos desencadeados pela aviação inimiga sobre o aeroporto, foi atingida pelos rebentamentos do ultimo bombardeamento, ficando todos os seus elementos feridos sendo recolhida por uma patrulha que posteriormente passou pelo local.  
O 1º Cabo nº 16/61 - DUARTE, ficou com um tímpano furado.

Lisboa, 28 de Julho de 1962

O Comandante do Agrupamento Vasco da Gama

ass.) Joaquim Francisco Rijo Carneira da Silva  
Major de Infª